

SUSANA MARGARIDA PORTAS RUIVO PEDROSO

**EDUCAÇÃO VISUAL: ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM
DO DESENHO ATRAVÉS DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS**

Orientadora: Professora Doutora Helena Catarina Silva Lebre Elias

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

Lisboa

2019

SUSANA MARGARIDA PORTAS RUIVO PEDROSO

**EDUCAÇÃO VISUAL: ESTRATÉGIAS PARA APRENDIZAGEM
DO DESENHO ATRAVÉS DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 12 de outubro de 2019, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 237/2019 de 27 de setembro de 2019, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Arguente: Prof.^a Doutora Maria João Nunes Castel-Branco da Silveira

Orientadora: Prof.^a Doutora Helena Catarina Silva Lebre Elias

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

Lisboa

2019

«A Educação Artística é um direito universal porque
a Arte é uma necessidade da natureza humana»
Tolstoy (1828-1910)

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract.....	6
Índice de Fotografias.....	7
1) Introdução.....	11
2) Enquadramento e contexto	13
3) Metodologia.....	15
4) Importância das Artes Visuais: Ensino e Prática.....	19
4)1 A influência da construção cognitiva	20
4)2 A relevância da riqueza das obras de arte e das imagens na Cultura Visual.....	21
4)3 Estratégias de motivação da aprendizagem que se baseiam na cultura visual e exploram a identidade e criatividade	23
4)4 A projeção do currículo	25
5) Prática da aula.....	28
5)1 Planificação e notas sobre atividades nela contidas.....	30
5)2 Ações desenvolvidas e trabalhos produzidos	33
5)3 Análise do desempenho das aulas e síntese dos resultados.....	65
6) Conclusão e propostas para estudos futuros	70
Bibliografia	73
Anexos	I

Agradecimentos

Não posso deixar de expressar a minha gratidão a algumas pessoas sem as quais não teria sido possível concluir esta etapa. Assim, à minha orientadora Professora Doutora Helena Elias por todo o conhecimento que me passou, cujo foi fundamental para a realização desta investigação. Também, à Professora Doutora Constança Vasconcelos pelo apoio e ensinamentos no decorrer do Mestrado e a todos os docentes deste Curso que duma forma geral contribuíram para engrandecer os meus conhecimentos, contribuindo desta forma para o meu crescimento enquanto professora.

Agradeço à minha Mãe por todo o amor, carinho e incentivo e por ter acreditado neste projeto desde o início. Aos meus filhos, Margarida e Eduardo um muito obrigada, muito especial, por considerarem que este Curso seria uma mais valia para mim e, principalmente, por me perdoarem os momentos que não pudemos partilhar. O meu mais sincero obrigada à minha querida prima Anabela de Figueiredo e a todos os meus familiares, de longe e de perto, que torceram por mim. À minha querida amiga de longa data, Sílvia Ferreira pela força constante ao longo destes anos. Também à minha querida amiga Joana Cachado por ver em mim um exemplo de vida.

À minha querida colega do Mestrado Cátia Viegas e também aos meus colegas João Ribeiro e Teresa Sousa que me apoiaram, sobretudo nos momentos mais difíceis.

Aos meus colegas da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabanita, em Loulé, Ana Luísa Correia, Eulália Dias, Eulália Duarte, Bruno Tereza e Elisabete Silva pelo apoio constante e imprescindível e, também à colega Isabel Nobre por acreditar no meu projeto. Às minhas colegas de Grupo – Isabel Sousa e Carmo, Gilda Eusébio, Eugénia Dias e Maria Aurélia Esteves pelo carinho, apoio, incentivo e os fortes abraços.

Não posso terminar sem deixar de agradecer às colegas e funcionárias da Escola EB1 de São João da Venda, onde lecionei nos últimos dois anos – por toda a compreensão e apoio.

Resumo

A nossa investigação desenvolveu-se com uma turma do 7º ano, do 3º Ciclo do Ensino Básico, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabanita, em Loulé, distrito de Faro, na disciplina de Educação Visual, com o propósito de criar estratégias motivadoras, como micropedagogias, pelo gosto dos alunos na prática de desenhar. Por forma a promovermos a autoestima e personalidades éticas e ativas dos alunos, estabelecemos uma estratégia de desenvolvimento por temas inseridos na planificação, que estimulassem a motivação, revelassem alguns processos do trabalho artístico e envolvessem a criação de representações visuais identitárias. Desenvolvemos um quadro teórico abrangente no sentido de encontrar elementos orientadores para dar resposta à nossa questão inicial e outras preocupações que foram surgindo. Desenvolvemos o nosso estudo através do método de investigação-ação com o objetivo de observarmos de forma qualitativa todo o processo de execução até ao resultado de um produto plasticamente criativo. Elaborámos também diferentes estratégias pedagógicas com o objetivo de promover recursos que tornassem a prática da aula dinâmica, dialógica e criativa.

PALAVRAS-CHAVE: PRÁTICAS ARTÍSTICAS, MICROPEDAGOGIAS, DESENHO, CULTURA VISUAL, ADOLESCENTES, IDENTIDADE.

Abstract

The objective of this research involves a year 7 class, of the 3rd Cycle of Basic Education, of the School EB 2,3 Padre João Coelho Cabanita, in Loulé, district of Faro, in the subject of Visual Education, in order to establish creating motivating strategies, such as micropedagogies, for the liking of student in the practice of drawing and the confidence in drawing and also in the search for the development of self-esteem and the construction of young people with ethical and active personalities. We proceed our study through the action research method in order to observe qualitatively the whole process of execution until a result of a plastic creative product. To this end, we have therefore developed a comprehensive theoretical framework to find guiding elements to address our initial question and other concerns that have emerged. We also elaborated different pedagogical strategies with the objective of promoting resources that would make the practice of the class dynamic, dialogic and creative.

KEY WORDS: ARTISTIC PRACTICES, MICROPEDAGOGIES, VISUAL CULTURE, DRAWING, TEENAGERS, IDENTITY.

Índice de Fotografias

Figura 1 – UD1. Conjunto de desenhos de observação de elementos naturais	32
Figura 1.1 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	32
Figura 1.2 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	32
Figura 1.3 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	32
Figura 1.4 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	33
Figura 1.5 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	33
Figura 1.6 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	33
Figura 1.7 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	33
Figura 1.8 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	34
Figura 1.9 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	34
Figura 1.10 – UD1.Desenho de observação de elementos naturais	34
Figura 1.11 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	34
Figura 1.12 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	35
Figura 1.13 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	35
Figura 1.14 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	35
Figura 1.15 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	35
Figura 1.16 – UD1.Desenho de observação de elementos artificiais	37
Figura 2. – UD2. Cartaz colocado junto ao depósito de recolha de mantimentos	37
Figura 2.1 – UD2. Panfletos a anunciar a exposição “Se é de estimação... estima-o”	37
Figura 2.2 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)	37
Figura 2.3 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)	38
Figura 2.4 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)	38
Figura 2.5 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)	38
Figura 2.6 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório	39
Figura 7 – Ateliê. Trabalhos de texturas realizados pela técnica da fricção	40
Figura 7.1 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção	40
Figura 7.2 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção	40
Figura 7.3 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção	40
Figura 7.4 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção	40
Figura 3 – UD3. Trabalho em execução	40
Figura 3.1 – UD3. Trabalho em execução	41
Figura 3.2 – UD3. Trabalho em execução	41

Figura 3.3 – UD3. Trabalho em execução	41
Figura 3.4 – UD3. Trabalho em execução	41
Figura 3.5 – UD3. Trabalho em execução	41
Figura 3.6 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	41
Figura 3.7 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.8 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.9 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.10 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.11 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.12 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	42
Figura 3.13 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.14 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.15 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.16 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.17 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.18 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	43
Figura 3.19 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay	44
Figura 7.6 – Ateliê. Construção de carimbos	44
Figura 7.7 – Ateliê. Construção de carimbos	44
Figura 7.8 – Ateliê. Construção de carimbos	44
Figura 7.9 – Ateliê. Construção de carimbos	45
Figura 4 – UD4. Trabalho módulo/padrão em execução	45
Figura 4.1 – UD4. Trabalho módulo/padrão em execução	45
Figura 4.2 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	45
Figura 4.3 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46
Figura 4.4 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46
Figura 4.5 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46
Figura 4.5 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46
Figura 4.6 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46

Figura 4.7 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	46
Figura 4.8 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.9 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.10 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.11 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.12 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.13 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	47
Figura 4.14 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII	48
Figura 7.9 – Ateliê. Alunos a carimbar	48
Figura 7.10 – Ateliê. Alunos a carimbar	48
Figura 7.11 – Ateliê. Alunos a carimbar	48
Figura 7.12 – Ateliê. Alunos a carimbar	48
Figura 5 – UD5. Alunos a desenharem o rosto dos colegas	49
Figura 5.1 – UD5. Alunos a desenharem o rosto dos colegas	49
Figura 5.2 – UD5. Desenho do rosto dos alunos (pormenor)	49
Figura 5.3 – UD5. Desenho do rosto dos alunos (pormenor)	49
Figura 5.4 – UD5. Desenho do rosto dos alunos	50
Figura 5.5 – UD5. “Não-autorretrato”	51
Figura 5.6 – UD5. Autorretrato em execução	51
Figura 5.7 – UD5. Autorretrato em execução	51
Figura 5.8 – UD5. Autorretrato em execução	51
Figura 5.9 – UD5. Autorretrato em execução	52
Figura 5.10 – UD5. Autorretrato em execução	52
Figura 5.11 – UD5. Autorretrato em execução	52
Figura 5.12 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	52
Figura 5.13 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	53
Figura 5.14 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	53

Figura 5.15 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	53
Figura 5.16 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	53
Figura 5.17 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	54
Figura 5.18 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	54
Figura 5.19 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	54
Figura 5.20 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	54
Figura 5.21 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	55
Figura 5.22 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	55
Figura 5.23 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	55
Figura 5.24 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	55
Figura 5.25 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU.....	56
Figura 5.26 – UD5. Autorretrato coletivo da turma SELFIE ME SELFIE YOU.....	56
Figura 6 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados	57
Figura 6.1 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados	57
Figura 6.2 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados	57
Figura 6.3 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados	57
Figura 6.4 – UD6. Banda Desenhada #COMUNICAÇÃO@XXII em execução	58
Figura 6.5 – UD6. Banda Desenhada #COMUNICAÇÃO@XXII em execução	58
Figura 6.6 – UD6. Banda Desenhada coletiva #COMUNICAÇÃO@XXII	58
Figura 7.13 – Ateliê. Trabalhos em execução realizados com a técnicas: driblar, pingar e espirrar	59
Figura 7.14 – Ateliê. Trabalhos em execução realizados com a técnicas: driblar, pingar e espirrar	59
Figura 8 – Exposição de final de ano letivo	60
Figura 8.1 – Exposição de final de ano letivo	60
Figura 8.2 – Exposição de final de ano letivo	60
Figura 8.3 – Exposição de final de ano letivo	60

1) Introdução

A investigação que apresentamos decorreu com uma turma do 7º ano, do 3º ciclo do Ensino Básico, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabanita, do concelho de Loulé e distrito de Faro.

As Unidades Didáticas que serviram de base a este estudo foram desenvolvidas na disciplina de Educação Visual e tomaram a forma de processo, ocorridas em várias etapas até ao produto final. Na procura de respostas adequadas à questão inicial - COMO CRIAR ESTRATÉGIAS MOTIVADORAS PARA DESENVOLVER O GOSTO PELO DESENHO? o propósito da nossa investigação centrou-se no desenvolvimento de estratégias motivadoras a incluir num currículo apropriado a este grupo de jovens. Procurámos atuar tanto ao nível do crescimento da formação da personalidade individual como na estrutura da identidade (Gardner, 2002, 16). Agimos de modo a que os discentes se sentissem implicados de forma individual e coletiva nas atividades propostas.

Percebemos que os jovens discentes, sobretudo na faixa etária em análise – pré-adolescência/adolescência – têm tendência a afastar-se do gosto em desenhar e, por isso, esta foi a nossa maior dificuldade, devido à profunda transformação a que são sujeitos, nomeadamente ao nível da imaginação, passando esta de subjetiva a objetiva (Vygotsky, 2009, p. 41). Assim, achámos necessário adotar um processo de investigação-ação, com uma metodologia qualitativa no intuito de desenvolver estratégias pedagógicas e materiais didáticos para colocarmos em prática na sala de aula, de maneira a que os alunos tivessem espaço de reflexão (Gardner, 2002, p. 49) sobre o processo e o produto final que alcançaram nas Unidades Didáticas que tivemos oportunidade de realizar com eles.

Desta forma apresentamos um processo de investigação-ação, pois pretendemos desenvolver práticas dialógicas num ambiente de cooperação e partilha, para elevar a motivação dos alunos, dando fundamento e finalidade aos conteúdos, de modo a que os discentes encontrem na escola algo construtivo para a sua aprendizagem. Também pretendemos mostrar a importância da prática artística com o intuito de incrementar, não só linguagens próprias das Artes Visuais, mas, principalmente, para desenvolver a identidade dos jovens e encorajá-los a melhorarem as suas capacidades, com o objetivo de desenharem de forma rigorosa e expressiva, fomentando igualmente a criação de imagens com que eles se identificam.

Erguemos igualmente, um quadro teórico baseado em autores que estudaram estas problemáticas e que apresentaremos no capítulo 4 e concebemos estratégias pedagógicas com o desígnio de que os discentes pudessem desenvolver competências do foro cognitivo,

expressivo e emocional; comunicar, interpretar, criar, criticar e apreciar arte e desenvolverem a cultura visual.

Desta forma, estabelecemos 7 capítulos:

1) Introdução – onde apresentamos de forma sucinta a questão de partida, as estratégias e os objetivos;

2) Enquadramento e Contexto – no qual mostramos as características do grupo com que trabalhamos e o meio onde este se inseria;

3) Metodologia – onde nomeamos os aspetos metodológicos, que utilizámos para atingir os nossos objetivos;

4) Importância das Artes Visuais: Ensino e Prática – capítulo onde reunimos o quadro teórico que sustentou a nossa investigação, entre os aspetos relacionados com a construção cognitiva, a cultura visual, a criatividade e o currículo;

5) Planificação e Atividades – neste apresentamos as planificações das Unidades Didáticas e as planificações dos Planos de Aula, as atividades desenvolvidas e os objetivos propostos. Mostramos igualmente, os trabalhos realizados e a análise do desempenho das aulas;

No capítulo 6) Apresentação e síntese dos resultados – expressamos se os objetivos traçados foram atingidos ou não e quais os resultados a que chegámos.

No último capítulo, 7) Conclusão e Propostas para estudos futuros – referimos as conclusões que retirámos do resultado deste estudo e nomeamos propostas pertinentes para investigações próximas.

Salientamos que pretendemos com a organização da apresentação em capítulos uma melhor leitura e compreensão de todo o processo de investigação.

Devido à não autorização de captar fotografias dos alunos fora do âmbito escolar, as imagens apresentadas serão desfocadas e não haverá identificação dos mesmos.

2) Enquadramento e contexto

A turma E, do 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico, com a qual trabalhámos durante o decorrer do presente ano letivo, era constituída no início do ano por vinte e três alunos, tendo dois destes, pedido transferência para outro estabelecimento de ensino no final do primeiro período e um deles não ter a disciplina de Educação Visual no seu currículo adaptado. A turma ficou constituída por nove elementos do género feminino e doze elementos do sexo masculino. Na última semana do segundo período foi integrado um novo aluno.

A faixa etária situava-se entre os doze e os quinze anos, existindo três alunos a repetir o mesmo nível e onze discentes que ficaram retidos em anos anteriores, justificando desta forma o número elevado de discentes com catorze e quinze anos. Houve quatro alunos com adequações por terem necessidades educativas especiais.

Logo nas primeiras aulas percebemos que se tratava de uma turma problemática, pois a grande maioria dos alunos não aceitavam as regras definidas pelo Regulamento Interno do Agrupamento e do Conselho de Turma; eram conflituosos, não traziam o material pedido e recusavam-se a fazer os exercícios propostos, entre outras situações que teremos oportunidade de referir nos próximos capítulos. Também percebemos que se tratava na sua maioria de jovens com falta de interesse e baixa autoestima, desmotivação e insucesso escolar e um desprezo da escola.

No decorrer do primeiro e início do segundo períodos, vários alunos foram punidos com o castigo máximo – suspensão - devido à gravidade das suas atitudes.

Devido aos pontos referidos anteriormente sobre o comportamento dos alunos, tentámos desenvolver, paralelamente à nossa questão inicial, o domínio afetivo e social dos discentes, de modo a participarem na vida de forma responsável, cívica e crítica e perceberem, igualmente, que devem ter respeito e valorizar a diversidade dos indivíduos, tentando cooperar com os seus pares em tarefas e projetos comuns (Gardner, 2001).

Neste contexto, tentámos como professores, não nos reduzirmos a meros transmissores das matérias a ensinar, mas fazer do ato pedagógico uma construção humanista (Silva, 1995) com sentido ético e social. Estabelecemos ainda que seria para os alunos uma mais valia ter acesso a uma educação multicultural, plena de variedade e de valores pluralistas e democráticos para a sua construção íntegra (Freedman, 2006, p. 31).

Relativamente à atitude resistente dos alunos em efetuarem os exercícios propostos, procurámos sensibilizá-los e motivá-los para a importância da realização destes no

crescimento da sua identidade, maturidade e imaginação, refletindo-se de forma transversal em todas as áreas do saber, ganhando ou ampliando a autoestima e, conseqüentemente, tornarem-se, de uma forma geral, mais responsáveis e dedicados às atividades escolares (Fowler, 1996).

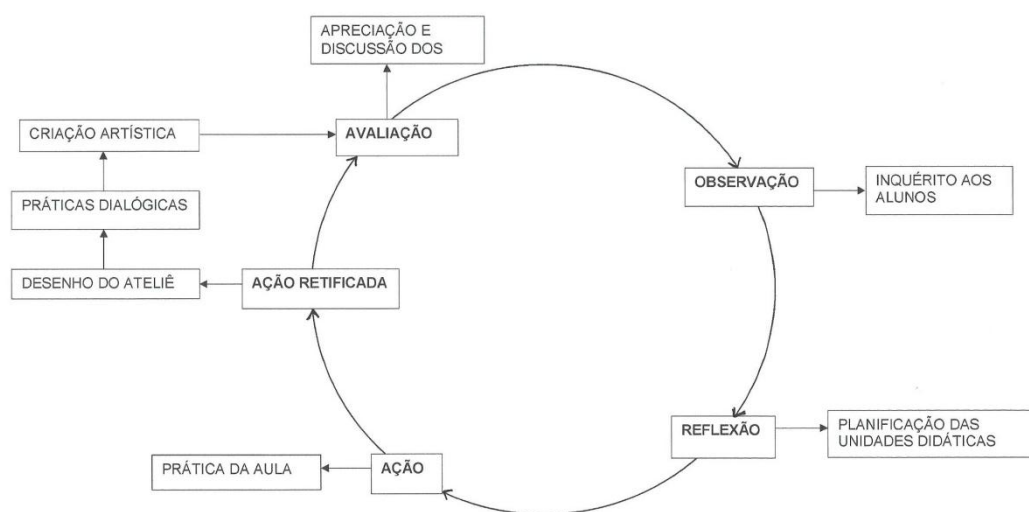
3) Metodologia

Tendo em conta o contexto e o enquadramento que apresentámos no capítulo anterior e no sentido de estruturar a nossa pesquisa, percebendo quais as direções a seguir para responder à nossa questão inicial e preocupações acrescidas, adotámos como metodologia um processo de investigação-ação. Assim, observámos na prática pedagógica, de maneira qualitativa, descritiva, interpretativa e compreensiva o modo de entender as especificidades da contextualização e a perspetiva dos intervenientes (Costa et al, 20116, p.19). Desta forma, optámos por desenvolver junto dos nossos alunos, estratégias onde estimulámos as formas de experiência, compreensão, expressão e relação dos alunos com o mundo e também que ampliassem a imaginação, a comunicação e a originalidade (Fowler, 1996, p.4).

Prosseguimos igualmente como observadores participantes, que se envolvem ativamente no decorrer da realização dos exercícios. Desta maneira, analisámos o resultado do inquérito (que apresentaremos no capítulo 5) que colocámos aos discentes no início das atividades, os momentos da evolução dos exercícios, a participação, a apresentação e a autoavaliação dos trabalhos realizados pelos discentes.

A metodologia de investigação-ação permitiu-nos tomar conhecimento da forma como o trabalho foi conduzido através das estratégias escolhidas, de maneira a aprofundar o processo de ensino-aprendizagem. Levantámos a partir da identificação da nossa questão inicial, várias hipóteses no sentido de encontrar possíveis respostas, através da aplicação prática das estratégias pedagógicas na elaboração das propostas de trabalho, com o objetivo de constatarmos uma melhoria contínua das práticas educativas (MacNiff, 2002) sem, no entanto, pensarmos em focarmo-nos apenas na resolução dos dilemas que surgiram mas também no questionamento destes e, naturalmente, no levantamento de novos problemas (May, 1993).

Por entendermos que a pedagogia se situa entre a teoria e a prática existente na educação (Costa et al, 2016, p.10), adotámos processos de ação e reflexão crítica nas nossas Unidades Didáticas (que apresentaremos no Capítulo 5), nas quais “desenhámos círculos” (baseado no modelo de investigação-ação de McNiff e Whitehead, 2006, p. 372 citado por Coutinho et al, 2009, p. 360 e que apresentamos em baixo) intercetados pela **observação**, a **reflexão**, a **ação** e a **avaliação**, de modo a que os intervenientes desta investigação – professores e alunos - dessem lugar à fruição do “agir artístico” (Costa et al, 2016, p. 11).



Quisemos, a partir da identificação dos problemas e dificuldades da turma em estudo, construir estratégias pedagógicas, fundadas em práticas artísticas, com as quais os alunos se envolvessem de diferentes formas, aprofundando desta maneira as relações com a comunidade educativa, através, por exemplo, da realização de exposições e trabalhos interdisciplinares (Costa et al, 2016, p. 12).

Concluímos que a opção por esta metodologia, centrada na prática reflexiva, se adequou bem ao nosso estudo, pois encontrámos legitimação no seu valor para atingirmos os nossos objetivos e conclusões (Clausen, 2006). Pensamos ainda que desta forma, contribuímos para a melhoria do método ensino-aprendizagem, através da promoção de um ambiente em sala de aula, onde os alunos se envolveram ativamente - colocando questões e procurando respostas, trabalhando para resultados práticos e novas formas de compreensão, no sentido de alcançarem as competências e se prepararem para uma sociedade de mudança (Costa et al, 2016, p.6).

No decorrer da **ação** do círculo que apresentámos atrás, pretendemos por em prática estratégias de aprendizagem de modo a alcançar a atenção e motivação e envolver os alunos na sala de aula. Para tal, desenvolvemos micropedagogias com as quais se desejou experienciar ações concretas entre artista e professor em contexto do espaço de aula (conceitos desenvolvidos por Assis, 2017, a partir do trabalho das investigadoras Costa, Gonçalves e Pires, 2016). Segundo Assis, “as micropedagogias caracterizam-se pela sua pequena escala e pela busca da flexibilidade (...) na premissa de ações experimentadas se puderem voltar a combinar e a encadear de diferentes maneiras, adaptando-se a diferentes

contextos” (Assis, 2017, p. 31). A autora conclui que estas estratégias pedagógicas são “como peças soltas que se reorganizam de cada vez e em função dos contextos, dos grupos e dos objetivos pedagógicos que se pretendem cumprir”. Acrescenta ainda que “elas – as micropedagogias – pretendem ser a matéria-prima, os ingredientes que podem ser estudados, experimentados, saboreados, misturados e cozinhados para confeccionar um manjar pedagógico que se renova de cada vez (...) e que podem contribuir para a aprendizagem efetiva” (Idem, p.31).

Desta maneira, e segundo a autora Maria Assis, “pretende-se que as micropedagogias estabeleçam uma relação única com o saber, o fazer e o pensar para potenciar a curiosidade dos alunos e a relevância das matérias no quadro dos seus interesses e motivações” (Assis, 2017, p. 30). As micropedagogias remetem igualmente para a relação como professores e alunos interagem no espaço da sala de aula e como “expressam uma abordagem microscópica à educação”, referindo a maneira como os conteúdos são dados na sala (Idem, p. 31).

A estratégia pedagógica da micropedagogia está ancorada nas práticas artísticas contemporâneas (Assis, 2017, p.31), onde se privilegiam técnicas e processos mais performativos, como interações, improvisações, brainstorming, entre outros. Desta maneira, desenvolvemos atividades nas nossas Unidades Didáticas, em que os alunos foram solicitados a participar através de debates e diálogos, nomeadamente, na análise das obras de arte; em interações, como a construção do autorretrato coletivo da turma; em improvisações, como a organização de grupos para tirarem fotografias, depois de terem participado num brainstorming sobre a problemática da comunicação dos jovens no século XXI e que viria a ser tema da Banda Desenhada coletiva que realizaram no final do ano letivo, que teremos oportunidade de mostrar no capítulo 5)1.

No sentido de estruturar o caminho para momentos de aprendizagem coletiva, construímos materiais diversos, tanto de suporte digital, não só para transmitir os conteúdos de forma dinâmica, mas também para ajudar os alunos a realizarem os exercícios de expressão artística propostos. Desta maneira, pretendemos promover a liberdade criativa, de modo a que os alunos pudessem experimentar materiais diversos, optando por aqueles que melhor representassem a sua personalidade e também, tornando-os responsáveis pelas suas opções (Eisner, 2011). Assim, interessou-nos não só as escolhas tomadas pelos alunos, mas também a forma processual de como as atingiram (Conde, 2013, p. 45).

As Unidades Didáticas foram planeadas com base na Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual e no Plano Anual de Atividades desta disciplina (ver ANEXOS 1 e 2), e também no Projeto Educativo do Agrupamento (consultar o «site» oficial deste

Agrupamento) com a maior preocupação de as estruturarmos com atividades resultantes das estratégias pedagógicas referidas anteriormente.

Como referimos no capítulo do Enquadramento e Contexto, a turma é constituída por um grupo heterogéneo, tanto ao nível da faixa etária – há alunos entre os 12 e os 15 anos - como dos níveis de aprendizagem. Por isso, construímos um quadro teórico baseado em vários autores, que estudaram estratégias sobre jovens com problemas comportamentais na faixa etária da adolescência, problemas como o desprendimento pelo quotidiano escolar e consequentemente pelo desinteresse das aprendizagens e que abordaram também a importância do currículo, da cultura visual e da criatividade, como Efland, Eisner, Fowler, Gardner, Lowenfeld, Wigotsky, Read, Viadel, Hernandez, entre outros que já referimos, e que apresentaremos no capítulo seguinte.

4) Importância das Artes Visuais: Ensino e Prática

Embora as leituras sobre a experiência na micropedagogia refiram com frequência o par professor-artista (Assis, 2017, p.31), o seu enfoque nos métodos, processos e técnicas motivou o nosso interesse pelo desenvolvimento dos processos criativos de artistas na execução de um trabalho artístico. Desta forma, juntámos como referenciais para a nossa prática de aula, autores que apontam a relevância e riqueza da obra de arte, como iremos ter oportunidade de desenvolver mais à frente e também autores que se debruçaram sobre as técnicas e processos artísticos incorporados em diversas obras de arte ou assumidos como obra artística em si – arte enquanto processo.

Vimos igualmente que é nesta fase, que os alunos têm uma grande crise de identidade, ligada sobretudo às mudanças físicas, cognitivas e sociais a que estão sujeitos, por isso é tarefa crucial a aposta na sua formação (Erikson, 1982).

Constatámos ainda que a construção de identidade na adolescência é assunto abordado por diversos autores compreendendo o conceito de adolescência, como um período conturbado e conflituoso, de crescimento e mudanças em quase todos os aspetos da sua vida. Face ao imperativo de conhecer de perto estes assuntos através da prática da aula no âmbito do ensino das Artes Visuais, olhámos para algumas experiências conduzidas ao nível de uma componente empírica, através do processo de investigação-ação, como apresentámos no capítulo da Metodologia, concentrando-nos nos que abordavam necessidades de motivação e propostas que exploravam a cultura visual e a identidade dos alunos.

Desta forma, um dos aspetos que pensamos ser mais significativo no ensino das Artes Visuais é o fato de contribuir para a formação do indivíduo, afirmando-o e integrando-o no mundo através da autoexpressão (Fowler, 1996). As práticas artísticas contribuem igualmente para o desenvolvimento harmonioso da personalidade dos estudantes, sobretudo na faixa etária da adolescência, permitindo desta forma a descoberta do mundo não só envolvente, mas também global (Eisner, 2011). A Educação Artística realça as características mais nobres dos cidadãos, ampliando os seus pensamentos, sentimentos e emoções no sentido da conquista individual, plena de interesse e conteúdo, preponderante para a tentativa da descoberta do sentido da vida de cada um (Efland, 2004).

Assim, na sequência da relevância do ensino das Artes Visuais para a formação e integração dos alunos no mundo, podemos concluir ainda que através da motivação para a realização das atividades propostas, os discentes terão a oportunidade de desenvolver a autoestima e ganhar responsabilidade e dedicação às aprendizagens de uma forma geral

(Fowler, 1996). Para tal, será da maior importância o desenvolvimento de projetos artísticos, nos quais os alunos tenham oportunidade de praticar sucessivos ensaios, que lhes permitam ampliar as suas capacidades ao nível da identidade pessoal e do relacionamento com os seus pares, de modo a que os seus fracassos não se sobreponham aos avanços que poderão alcançar num processo gradual, através do desempenho e da criatividade (Fowler, 1996).

4)1 A influência da construção cognitiva

Para que os alunos desenvolvam tais capacidades, na área das aprendizagens artísticas é fundamental disponibilizar-lhes ferramentas para a compreensão como um impulso cognitivo. A partir da realização de ensaios e exercícios artísticos, de criação ou fruição, os alunos terão uma maior facilidade em adquirir linguagens de análise e construção simbólica que os estimulem, igualmente, a desenvolverem o estudo noutras áreas de aprendizagem (Fowler, 1996; Efland, 2004; Funch, 2011). Assim, podemos depreender que o estudo em Arte colabora no desenvolvimento cognitivo, pois diferencia-se de outros domínios do ensino, quer pela especificidade das estratégias, quer pela forma de processamento das aprendizagens (Efland, 2004, p. 221). Desta forma, ao estruturarmos a matriz cognitiva de forma original, apelamos à abordagem de novas perspetivas em relação às questões colocadas, permitindo aos alunos realizar interações de um modo abrangente (Fowler, 1996), fazendo-os interagir facilmente, com outras áreas do saber, como: a literatura, o teatro e a música, as ciências e a matemática (Attemborough, 2002).

Entendemos igualmente que o ensino artístico é um processo global que leva os estudantes a consciencializarem-se não só de forma individual, mas também na relação com o que os rodeia (Eisner, 2011), ampliando o pensamento artístico, de forma a alcançar uma construção cognitiva individual, respeitando as diferenças das personalidades de cada aluno (Fowler, 1996).

Ainda no campo do reconhecimento do ensino das Artes Visuais como cognição, podemos estabelecer que os estudantes possuem, de uma forma geral, capacidades intelectuais, que lhes permitem adquirir igualmente capacidades para a conceção de problemas e a criação de produtos, possibilitando desta forma, a construção de saberes (Gardner, 2001) e também abarcarem conteúdos mediados através dos símbolos, das metáforas ou das analogias (Sprinthall & Collins, 1994).

Da importância do ensino artístico podemos sublinhar ainda o carácter subjetivo das Artes, onde se aborda um vasto campo complexo e diferenciado de conteúdos. A introdução da análise de obras de arte permite não só um melhor progresso nesta área, como uma maior aproximação e consciência de outros domínios e contextos cognitivos, acrescentando, igualmente, saberes que permitem aos alunos o desenvolvimento da imaginação e competências nos domínios da estética e da criatividade (Efland, 2004).

4)2 A relevância da riqueza das obras de arte e das imagens na Cultura Visual

No seguimento do crescimento cognitivo e estrutural dos alunos, levámos para a sala de aula, obras de arte de contexto nacional e internacional, permitindo aos alunos fazerem a sua leitura e análise, entrando em diálogos e debates e formulando questões que contribuíssem para a organização do seu pensamento e também do aprofundamento dos conhecimentos de diferentes artistas e das suas manifestações, de épocas e culturas diversas e ainda do enriquecimento da linguagem, dos códigos e dos termos artísticos (Efland, 2004).

A interpretação e análise de obras de arte, são consideradas atividades do foro cognitivo e enquanto sistemas de processamento de símbolos, desencadeiam processos intelectuais (Efland, 2004) e emocionais (Vygotsky, 1971) estabelecendo conexões para a elaboração de diálogos construtivos, de modo a que os alunos adquiram uma linguagem específica da literacia visual e enriqueçam os seus conhecimentos ao nível da arte e da cultura contemporânea (Freedman, 2006). Assim, a fruição de obras de arte em contexto do ensino artístico produzem nos jovens alunos novas perceções e capacidades de exprimir sensações relacionadas com a emoção e o prazer (Funch, 2011; Maeso, 2003). Acrescentamos que estes processos de enriquecimento cognitivo pessoal que se ensaiam através da compreensão artística de uma obra de arte na sua infinita leitura (Leontiev, 2011), não são fruto espontâneo, mas sim, do reflexo de um perceber mental complexo, trabalhado através do dito diálogo (Parsons, 2011). Desta forma, os jovens ampliam a sensibilidade harmoniosa através do desenvolvimento da aprendizagem cognitiva e expressiva, conquistando a fluidez do pensamento e assim o exercício da contemplação estética (Fróis, et al, 2011, pp. 16-19), criando competências que proporcionam a formação da sua identidade (Hernández, 2005) capazes de verem além do que entendem ser os seus limites (Fowler, 1996).

É muito interessante a forma como Juan Gisbert analisa a importância da análise das obras de arte, reforçando o que temos vindo a dizer: «o olho artístico, na sua perceção, não é um olho passivo que recebe e regista a impressão das coisas mas sim, é um olho construtivo» (Gisbert, 2005, p. 23), criando como Perkins referiu no seu estudo *The Intelligent Eye*, uma série de multiconexões, convocando muitos estilos e tipos de cognição (Perkins, 1994, p. 5). Os alunos são conduzidos a perceberem que há infinitas maneiras de descrever uma obra de arte, inúmeras respostas para uma pergunta e imensas soluções para um problema (Eisner, 2011, p. 240).

Como já tivemos oportunidade de referir no capítulo da Metodologia, recentemente têm vindo a ser aplicadas metodologias artísticas em sala de aula como estratégias pedagógicas, denominadas de micropedagogias. Por se tratar de pedagogias que por vezes têm a sua base sustentada nas práticas artísticas contemporâneas, não só privilegiam a obra objetual mas técnicas e processos de índole performativos. Assim, constatou-se que a consideração dada ao processo de fazer artístico e aos aspetos performativos favoreceu a abertura entre o artista e a audiência, elevando com efeito a participação dos espetadores, neste caso os alunos (Bishop, 2006), podendo contribuir para consubstanciar algumas estratégias de aprendizagem, nas quais, os discentes contribuem para a construção do conhecimento da aula.

Através da estratégia da micropedagogia - em que se procura construir uma relação inclusiva e dialógica - desvanece-se a comunicação unilateral do professor para o aluno e respetivamente os papéis de quem ensina e quem aprende. Ainda no contexto da micropedagogia, concebida como expressão de uma abordagem microscópica à educação, alude ao modo como esses conteúdos são trabalhados no interior da sala de aula, estruturando momentos do caminho coletivo para aprendizagem. Estes momentos localizados desafiam o professor a proporcionar experiências criativas e captar a participação dos alunos para a construção do conhecimento.

Embora as leituras sobre a experiência da micropedagogia (Assis, 2017, p. 31) refiram com frequência o par professor-artista, juntámos como referenciais para a nossa prática de aula, autores que apontam a relevância e riqueza da obra de arte, assim como autores que se debruçam sobre as técnicas e processos artísticos incorporados em diversas obras de arte ou assumidos como obra artística em si – arte enquanto processo.

4)3 Estratégias de motivação da aprendizagem que se baseiam na cultura visual e exploram a identidade e criatividade

A falta de motivação dos alunos é uma preocupação fundamental dos professores e a procura de formas e possibilidades de resolver o problema é um tema sempre atual na literatura dedicada ao ensino das artes visuais. Também as perspetivas e propostas para fazer crescer a motivação são tema recorrente, sobretudo as que envolvem estratégias motivacionais ancoradas na cultura visual do universo dos alunos, nomeadamente as ligadas às questões identitárias da sua faixa etária.

Os alunos experienciam quotidianamente as imagens que lhes chegam através de diversos suportes digitais, como o telemóvel, o computador ou a televisão, entre outros. O papel dos docentes passa por ser o mediador na descodificação dos signos e símbolos de modo a construir processos de alfabetização visual (Hernández, 2005) de forma a que os discentes as compreendam pois trata-se de parte essencial do seu universo cultural.

Mais do que meros espetadores, os alunos do novo milénio serão os autores de produtos visuais (Acaso, 2005; Hernández, 2005) e torna-se urgente levar os discentes a entenderem o significado ou os múltiplos significados que uma imagem pode adquirir, desenvolvendo assim a literacia visual e, desta maneira, proteger os direitos pessoais (Duarte, 2017). Assim, concluímos que a cultura visual promove a aquisição de conhecimento (Mirzoeff, 2003) e, sendo igualmente um paradigma das Artes Visuais responde na perspetiva das necessidades educativas especiais através de propostas que questionam os limites destas (Hernández, 2005) e se aproximam da imagem contemporânea e popular, divulgando estudos históricos e interculturais (Duncun, 2001, p. 100).

Face ao imperativo de conhecer de perto estes assuntos através da prática de aula no âmbito do ensino das artes visuais, olhámos para algumas experiências conduzidas ao nível de uma componente empírica, através de um processo investigação-ação. Concentrámo-nos nos que abordavam necessidades de motivação e propostas que exploravam a cultura visual e a identidade dos adolescentes, como por exemplo o trabalho de Conde (2013), onde desenvolveu um exercício intitulado Bilhete de Identidade Gráfico, focado nos tipos de referentes com os que os alunos se identificavam e a expressão que resultou das opções plásticas que tomaram para se representarem. O fator motivacional foi crescendo e os alunos foram construindo as expressões visuais da sua identidade (Conde, 2013, p. 71).

Outras experiências pedagógicas que praticámos dirigiram-se à necessidade de motivação dos alunos através da procura de identificação com o espaço escolar ou comunidade escolar, veiculando estratégias que vão ao encontro do universo dos adolescentes, usos e preferências. Corpo, identidade e espaço, foram tópicos interligados através do questionamento e afirmação da identidade dos alunos. No quadro das necessidades do fomento da participação e estreitamento das relações entre a comunidade escolar, surgem igualmente estratégias que utilizam temas identitários como a representação da família e a intervenção em espaços públicos circundantes ao edifício escolar (Duarte 2017).

No decurso do nosso trabalho desenvolvido em sala de aula, percebemos a importância das estratégias de motivação na aprendizagem, das particularidades etárias da turma e desenvolvimento identitário pessoal e coletivo dos alunos. Ao conjugarmos alguns dos conteúdos – geometria, padrão, salientamos a importância do visual neste sentido, quer como representação de uma imagem identitária coletiva – o azulejo, e o autorretrato/banda desenhada, como exploração visual da representação de imagem de uma identidade pessoal e coletiva.

Percebemos a importância da cultura visual devido à necessidade de reposicionamento do lugar da educação artística nas sociedades contemporâneas, com o intuito de incorporar experiências visuais mais vastas, concepções e reflexões amplas sobre o conceito de visualidade, com a relevância de se rever os fundamentos de várias ordens – desde teóricos, epistemológicos, disciplinares e didáticos das práticas da educação (Hernández, 2005). Desta forma, pensamos que de nada vale aos alunos viverem com imagens de que não percebem o significado, nem conseguem proceder à descrição verbal destas. Por isso, podemos afirmar que o ensino das artes visuais é fundamental para que os alunos desenvolvam uma literacia visual (Alves, 2002, p. 12) que lhes dê capacidades de identificar, compreender, apreciar e criticar imagens de maneira a fortalecerem a sua formação pessoal, social e mais tarde profissional (Viadel, 2003). Sabemos que, nunca em toda a História as imagens desempenharam um papel tão importante no que respeita à propagação e divulgação do conhecimento e da conceção da identidade (Duncun, 2001).

Considerámos essencial, enquanto mediadores do processo de ensino-aprendizagem, conduzir os alunos na análise das obras de arte, incentivando-os a um diálogo construtivo (Araújo, et al, 2000, p. 6) de maneira a desenvolver a sensibilidade estética e possibilitando a fluidez do pensamento (Fróis, et al, 2011, pp.16-19).

Também desenvolvemos a compreensão dos processos e significados da cultura visual (Martins, 2000, p. 4), dando tempo para os alunos olhar para a obra de arte de forma

a que estes saibam refletir, controlar o pensamento e fazer conexões (Perkins, 1994, p. 42). E também, tornando o olhar questionador, permitindo aos alunos ampliarem a capacidade de leitura crítica, desdobrando em múltiplas camadas os significados da realidade (Read, 2010, p. 28).

Um outro aspeto que nos pareceu importante focar, com vista à motivação dos alunos, foi o da criatividade. Várias são as teorias sobre a origem da criatividade do ser humano, como estimular e incentivar o crescimento criativo, intelectual e emocional dos jovens através da expressão dos sentimentos, pensamentos e ideias (Lowenfeld & Britan, 1987, citados por Gaudelius e Speirs, 2002, p. 6), ou que a criatividade se vai desenvolvendo à medida que as pessoas crescem, estando igualmente a imaginação diretamente relacionada com o elemento novidade e originalidade (Vigotsky, 2009, p. 9). Ainda outro fator que pode contribuir para a criatividade dos indivíduos está relacionado com o contexto cultural e social onde se vive (Gardner, 2002, p. 305) ou também com uma motivação intrínseca que se potencia um fluir orientador de um artifício de criação (Csiksentmihaly, 1997) ou, ainda a teoria de um “pensamento lateral” como base da criação de novas ideias” (Bono, 2018, p. 28).

Paralelamente às teorias abordadas, depreendemos que é da maior relevância para o desenvolvimento da criatividade, a leitura e a decodificação dos códigos visuais de forma estruturada (Alves, 2002, p. 12), individual ou em grupo, permitindo uma prática de observação articulada, trocando saberes e conhecimentos, firmando o desenvolvimento da literacia visual (McCullough, 2008, p. 41 e Housen, 2011, p. 161-162), e também da criatividade, «multiplicando a fonte de ideias» (Tschimmel, 2016, p. 3).

4)4 A projeção do currículo

O ensino das Artes Visuais, pelas razões que vimos apresentando nos pontos anteriores, é parte fundamental do currículo escolar. As disciplinas do contexto artístico são imprescindíveis na assimilação e compreensão de matérias que se interligam, formando discentes multiculturais, que distinguem as várias épocas do que fomos e do que somos e que conseguem, igualmente, representar mundos reais e mundos imaginários.

O estudo em Artes revela percepções que não são ensinadas noutras disciplinas e permitem aos alunos conhecerem-se e definirem-se, sendo capazes de avaliarem e de julgarem (Fowler, 1996, p. 58), adquirindo formas de se expressarem com pluralidade e diversidade, manifestando aquilo que cada “indivíduo tem de diferente, singular e único,

conquistando a liberdade individual e coletiva, procurando um mundo melhor” (Viadel, 2005, pp. 500-501).

Entendemos que enriquece um currículo no qual se desenham múltiplos saberes a transmitir, se seleciona os conteúdos e organizam de forma metodológica as unidades didáticas e a avaliação; no qual se inclua a arte de todos os tempos – desde a Pré-história à Contemporaneidade – não se radicando apenas nas obras de caráter classicista (Viadel, 2005, p. 510). Um currículo deve abranger igualmente a passagem de valores, atitudes e normas, alcançando a prática social e ética e sentido cognitivo e onde haja lugar para a experimentação e para a reinvenção da cidadania.

Concluimos que, o currículo do ensino artístico deverá ser um mecanismo de transformação da mente, no qual deverá ser fundamental ter na sua construção a valorização das várias inteligências individuais enquanto desígnios das diferentes formas de conhecimento (Eisner, 1972 e Fowler, 1996). Acrescentamos ainda que o ensino das Artes Visuais, orientadas por um currículo promotor de construção de significados e fonte de conhecimentos, deve ser considerado como disciplina de âmbito intelectual (Fowler, 1996 e Efland, 2004, citando Parsons).

Consideramos que o currículo se torna mais rico, pois há inúmeras formas de expressão, como por exemplo: a pintura, a escultura, a fotografia e outras mais recentes, como: o vídeo, a instalação, a performance, utilizando materiais convencionais como a tinta, a tela ou o papel e outros tão diversos como o ar, a luz, o tempo, a palavra, o corpo, a terra, o lixo, entre tantos outros (Barriga et al, 2012, p. 206)

Concluimos igualmente ser da maior importância levar para a sala de aula artistas atuais, que invocam nas suas obras um processo de compreensão do mundo (Gaudellius & Speirs, 2002), onde se envolve na análise destas, o objeto, o observador, o espaço e o tempo nos contextos culturais, políticos e estéticos.

Constatámos que outro ponto fundamental do currículo é a avaliação. Assim, depreendemos que esta deve ter em conta o produto final, sem desvalorizar a compreensão do processo artístico e privilegiando a criatividade, de modo a que os alunos levem a cabo projetos que contribuam para o avanço significativo em algo de novo. Neste domínio, é determinante os professores estimularem a autoavaliação, pois ajuda os alunos a agir e julgar na ausência de regras restritas, a confiar no sentir, a aferir as consequências das próprias escolhas e a rever e a propor outras.

Pensamos que o êxito do currículo artístico só será possível se os docentes planearem pormenorizadamente as unidades de trabalho, de forma a torná-las exequíveis (Read, 2010, p. 168). Deverão igualmente promover um conhecimento mais abrangente

(Efland, 2004, p. 211) através da divulgação de estudos históricos e interculturais (Duncan, 2006, p. 100) com o objetivo de fomentar questões sobre a universalidade e a experiência humana (Hernández, 2010, p. 49), tais como: a liberdade intelectual, a equidade e a preocupação pelo outro (Freedman, et al, 2003, p. 199).

Já há cerca de trinta anos que Charles Fowler referia que a disciplina das Artes Visuais seria uma área com futuro devido à mais valia da introdução da análise nos seus conteúdos e das imagens emergentes das novas tecnologias (Fowler, 1996, p. 90).

Resumimos deste modo o quadro de referências que guiou a nossa proposta de investigação ação na implementação de estratégias de motivação na sala de aula.

5) Prática da aula

As Unidades Didáticas que se apresentam foram realizadas, no contexto de uma turma do 7º ano, no decorrer do ano letivo 2018/2019, na Escola Padre João Coelho Cabanita, em Loulé. Como tivemos ocasião de abordar no capítulo 2, adotámos como metodologia um processo de investigação-ação, onde procurámos conduzir estratégias, como micropedagogias de forma a cumprirmos os nossos objetivos e contribuir para a formação da identidade dos alunos.

Assim, observámos de forma qualitativa, na prática pedagógica, as estratégias que optámos por desenvolver juntos dos nossos alunos: analisámos o inquérito, os momentos de evolução dos exercícios, a participação e a autoavaliação dos trabalhos realizados pelos discentes.

Desta maneira, traçámos um currículo onde promovemos o comprometimento com a realidade envolvente. O objetivo foi o de desenvolver nos alunos competências cognitivas, liberdade intelectual, imaginação e criatividade no alcance da equidade para que estes construam uma identidade responsável tanto do foro ético como social (Freedman, 2006). Tentámos igualmente promover a ideia de que todos os indivíduos possuem capacidades criativas, que podem levar a produzir algo de novo ou inesperado (Tschimmel, 2016) e que através da realização de atividades artísticas podem igualmente desenvolver a maneira plural de ver, de pensar e de expressar as suas emoções (Read, 1968).

As estratégias de aproximação a estes assuntos foram também buscar algumas das intenções das micropedagogias, com ênfase no processo, estimulando as ações dialógicas na sala de aula - em que os alunos participam de forma a contribuir para a construção do conhecimento próprio e dos outros – colegas e professores.

As atividades foram previamente planeadas com o desígnio de procurarmos respostas à nossa questão e preocupações iniciais, com base nas planificações, como já referimos anteriormente. Para nos posicionarmos melhor, fizemos previamente a caracterização do contexto de ensino e dos níveis de aprendizagem do grupo em estudo e análise ao inquérito proposto aos alunos no início do ano letivo e que passamos a mostrar:

Assim, na resposta à primeira pergunta “GOSTAS DE DESENHAR?”, dez alunos responderam afirmativamente contra sete respostas negativas; na segunda pergunta “TENS O HÁBITO DE DESENHAR?” dez alunos responderam que não, cinco que sim e dois às vezes; à terceira pergunta “COSTUMAVAS DESENHAR, MAS AGORA JÁ NÃO?” nove

alunos responderam que sim, cinco alunos que não e três alunos, não sei ou às vezes; a quarta pergunta “O QUE É PARA TI DESENHAR BEM?” (talvez seja aquela que reflete mais a nossa preocupação) passaremos a transcrever as respostas dadas: oito alunos responderam “não sei”; um respondeu não e os restantes responderam o seguinte: “É fazer bem os desenhos e estarem perfeitos”; “É uma pessoa fazer tudo bem feito no desenho”; “É ter os riscos bem feitos e ficar tudo bonito”; “Para mim desenhar bem é ter um talento”; “Desenhar como Leonardo da Vinci”; “Conseguir transmitir a imagem da cabeça para o desenho (folha)”; “É preciso ter calma, concentração, imaginação, etc.”; “É expressar o que sentimos” e “É saber desenhar”; na quinta pergunta “SE ACHARES QUE O DESENHO NÃO ESTÁ BEM, ABANDONAS OU CONTINUAS ATÉ FICAR COMO GOSTAS?” três alunos responderam “abandonam”; um respondeu “não” e, treze responderam que “continuam”. Na sexta pergunta, “GOSTARIAS DE APRENDER TÉCNICAS QUE TE AJUDASSEM A DESENHAR?”, doze alunos responderam que sim; três disseram que “não” ou “às vezes” e dois referiram “não sei”. Acrescentámos à sexta pergunta, “SE SIM, QUAIS?” oito alunos responderam “não sei” e os restantes responderam: “técnicas para fazer as curvas perfeitas de uma só vez”; “técnicas de desenho” e “aprender a fazer coisas bem feitas”. A sétima questão, “GOSTAS DE TIRAR FOTOGRAFIAS E FAZER VÍDEOS?”, e na mesma sequência “SE SIM, QUE TIPO DE FOTOGRAFIAS FAZES E COM QUE APARELHOS FAZES (TELEMÓVEL OU OUTROS)? Oito alunos responderam gostam de tirar fotografias e fazer vídeos; seis não gostam e um não sabe. Para tirar fotografias e fazer vídeos, oito alunos usam o telemóvel e três, usam outros aparelhos, como a máquina fotográfica ou o *tablet*.

Concluimos que a maioria dos alunos, apesar do gosto por desenhar, não têm esse hábito. Verificámos, igualmente, que a maioria costumava desenhar, mas agora já não o faz, talvez porque podemos constatar pelas respostas ao inquérito, para eles desenhar bem é fazê-lo de forma perfeita. No entanto, e apesar das dificuldades que sentem, não abandonam os seus trabalhos se acharem que não estão a ficar bem e, concluem que gostariam de aprender técnicas que melhorem a sua maneira de desenhar. Na questão relacionada com o uso do telemóvel ou outros aparelhos para tirarem fotografias, surpreendeu-nos que a maioria não o fizesse... iremos verificar quando numa das Unidades Didáticas, tiverem de o fazer.

Acrescentamos ainda que as estratégias pedagógicas que pusemos em prática na sala de aula tiveram como propósito aumentar nos jovens a capacidade de expressão,

analisando, interpretando e explorando temas de forma criativa. Levámos estes a apreciarem imagens e obras de arte de forma a sensibilizá-los para as competências interpretativa e apreciativa, desenvolvendo assim as aptidões estéticas, críticas e comunicativas. O facto de praticarmos uma estratégia pedagógica onde incluímos factos relacionados com o paradigma da cultura visual desenvolvida também com o objetivo de os alunos descobrirem novas imagens, formas e conceitos visuais e aumentarem a harmonia, a tolerância e a multiculturalidade (Hernández, 2000), ao mesmo tempo possibilitando que construíssem na aula a sua identidade visual individual e de turma. Não foi, no entanto, esquecida a promoção do conhecimento de diferentes artistas e das suas manifestações, de épocas e culturas diversas e ainda o enriquecimento da sua linguagem através da utilização dos códigos e termos artísticos (Efland, 2004). Demos igualmente a conhecer aos discentes processos artísticos, pretendendo que estes desenvolvessem a postura de artistas na execução dos exercícios propostos.

Estruturámos em PowerPoint os conteúdos que escolhemos abordar nas Unidades Didáticas, apresentando e explicando-os aos discentes para que qualquer dúvida que surgisse pudesse ser esclarecida. As Fichas Informativas e Formativas, tal como os Critérios de Avaliação foram igualmente apresentados desta forma. No caso das Unidades Didáticas que contêm exercícios para traçar de forma rigorosa também mostrámos aos discentes como construí-los através dos enunciados e acompanhados pelas respetivas imagens, em formato PowerPoint, e desenhando-os no quadro.

Os alunos foram sempre alertados para conservarem os materiais e ferramentas em boas condições e para deixarem o espaço da sala de aula limpo e arrumado. De seguida, apresentamos as Unidades Didáticas que trabalhámos neste contexto.

5)1 Planificação e notas sobre atividades nela contidas

Na **Unidade Didática 1– VER, OLHAR, REGISTAR** – depois de visualizarem um PowerPoint sobre as texturas visuais e realizarem um exercício sobre estas, os alunos puderam observar outro PowerPoint sobre o desenho de observação. Esta apresentação continha informações sobre as vantagens para o desenvolvimento da identidade destes jovens e como podem aprofundar as capacidades expressivas através do ato de desenhar, pois ajuda a pensar, organizar, criar e comunicar. Ainda de forma tímida surgiram algumas questões relacionadas com a maneira como alguns artistas desenhavam – uns mais simples, outros de forma mais elaborada. Assim, foi nosso objetivo com esta Unidade Didática, que

os alunos entendessem o desenho como um meio para a representação expressiva das formas, sejam estas realistas ou imaginárias (Efland, 2004). Através da experimentação de vários materiais riscadores, os alunos puderam realizar texturas que permitissem tornar os seus traços mais expressivos. Propusemos de seguida que os alunos desenhassem alguns elementos naturais (conchas, penas, pinhas e folhas) e alguns abjetos dos seus estojos. Para que os alunos se orientassem na escala, propusemos que desenhassem em folhas de papel cavaleiro A4, linhas perpendiculares, exercício baseado no estudo de Betty Edwards (Edwards, 2011, p. 7). Incentivámos os alunos a praticarem, pois como diz Edwards no livro referido: “aprender a desenhar é muito parecido com a aprendizagem de um desporto ou como tocar um instrumento... uma vez aprendidas as bases, só se avançará, praticando, praticando!”

A **Unidade Didática 2 – SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O** -, foi um tema organizado pela professora de Espanhol, aprovado em Conselho de Turma, de forma a produzir trabalhos interdisciplinares e de ligação à sociedade. Na disciplina de Educação Visual pretendemos que os alunos entendessem que ao participarem nesta atividade, enriqueceriam não só os seus conhecimentos, mas contribuiriam para ajudar num projeto coletivo e entendessem o poder do desenho como ferramenta comunicativa impactante na produção de imagens. Assim, estabelecemos que os alunos desenvolvessem a sensibilidade do cuidado pelos animais de estimação através do desenho destes, onde puderam aplicar alguns conceitos adquiridos nas aulas anteriores, nomeadamente, ao nível das texturas visuais, que permitiram fazer parecer melhor o pelo, ou as escamas.... Os discentes visualizaram um PowerPoint sobre a evolução e as diferentes maneiras de se fazer um cartaz e também panfletos. De seguida foi-lhes pedido então que realizassem um cartaz para colocar junto do local onde as pessoas podiam depositar os mantimentos e produzirem panfletos para anunciar a exposição dos trabalhos por eles realizados (no espaço do refeitório), que distribuíram pela comunidade escolar.

Na **Unidade Didática 3 – sob o título HÁ ARTE NA GEOMETRIA** – quisemos no início mostrar aos alunos que há diferentes maneiras de desenhar - através de desenho de observação que tinham realizado nas Unidades Didáticas anteriores e também utilizando certos materiais, como a régua, esquadro e compassos, para o desenho rigoroso, obedecendo a determinadas indicações. Assim, os alunos representaram de maneira rigorosa, diversas formas geométricas planas, realizando de seguida com alguns desses desenhos rigorosos, uma composição plástica baseada numa pintura de Robert Delaunay. Para tal, foram-lhe apresentados vários artistas nacionais e internacionais que realizaram obras de arte abstrata, tendo os alunos entrado em diálogo sobre o conceito de obra de arte

abstrata e o porquê de os artistas começarem a representar de tal forma. Podemos concluir que neste género de obras de arte apesar de não haver formas realistas, não deixa de se notar a aplicação da harmonia através dos elementos básicos das Artes Visuais, como o ponto, a linha, o plano, as texturas e as cores. Desta maneira, pretendemos que, através do diálogo com as obras de arte, os alunos entendessem a relação entre mundos sociais e culturais e os contextos onde as mesmas se produziram. Aproveitámos igualmente nesta unidade para promover caminhos de expressão visual que não se esgotam na representação de mundos reais, mas também imaginários, onde podem refletir os sonhos ou pesadelos, as ilusões ou aspirações, os medos ou as decepções (Efland, 2004).

Na **Unidade Didática 4 – DOS PADRÕES DOS ARCOS** -, à semelhança da Unidade anterior, os alunos traçaram de forma rigorosa diversas formas geométricas, e de seguida, na pele de artistas, desenharam um módulo com os traçados geométricos que tinham realizado, de modo a construírem um padrão baseado nos azulejos portugueses do século XVII. Os discentes visualizaram um PowerPoint sobre a importância que o património azulejar ainda tem na arte urbana e como elemento de revestimento em espaços arquitetónicos. Desta forma, pretendemos que os alunos desenvolvessem capacidades para compreender o mundo patrimonial fonte da história e dos aspetos socioculturais e onde há um intercâmbio de diferentes áreas disciplinares (Hernandez, 2000), valorizando assim os estudos interculturais e a criação de elementos visuais (Duncan, 2006) a partir de uma tipologia de intervenção que confere identidade urbana às cidades portuguesas.

Na **Unidade Didática 5 – sob o título SELFIE ME SELFIE YOU** – apesar das respostas no inquérito os alunos não mostrarem grandes afinidades em tirar fotografias com o telemóvel, o ato da selfie, que lhes foi perguntado e depois pedido, realizou-se de forma praticamente espontânea. Esta Unidade Didática foi planeada não só para que os alunos aprofundassem as capacidades e motivações pelo desenho, mas também para criar pilares de desenvolvimento da sua identidade recorrendo a dispositivos familiares para ultrapassar constrangimentos iniciais no processo de se desenharem. Desta maneira, pretendemos, mais uma vez, que os alunos entrassem em diálogo com as obras de arte, no sentido de lhes educar o olhar e o ver, promovendo o desenvolvimento não só da sensibilidade estética mas que compreendessem a arte como fonte plural de interpretações e assim desenvolvessem a sensibilidade e a imaginação de forma a ajudá-los a criar um mundo alternativo (Efland, 2004). Aqui propusemos aos alunos que produzissem um autorretrato a partir de uma selfie, inspirado num dos artistas que levámos para a sala de aula, com a técnica que achassem reproduzir melhor os seus desejos. A partir dos autorretratos os alunos foram convidados a realizarem um autorretrato coletivo, uma identidade de turma na

disciplina de TIC. Para tal, abordámos na sala de aula o facto de alguns artistas organizarem ou unirem-se por causas sociais e trabalharem em conjunto. Damos por isso ênfase a uma componente artística contemporânea, explorando por isso uma dinâmica dialógica, tal como é aplicada em muitos projetos de arte comunitária e também em alguns projetos que envolvem micropedagogias.

Na **Unidade Didática 6 - #COMUNICAR@XXI** – tentámos desenvolver um tema que lhes é muito próximo e da realidade que os cerca e característico da sociedade pós-moderna. Apostámos num ambiente de diálogo construtivo que os levasse à construção de significados como o entendimento na harmonia e tolerância e, sobretudo, na multiculturalidade (Hernandez, 2000). Assim, foi pedido aos alunos para debaterem e trocarem experiências sobre a forma como comunicam, no sentido de realizarem uma banda desenhada de turma, a partir de fotografias que retratassem a comunicação própria dos jovens. Foi um debate aceso, onde nós afirmávamos que eles não comunicavam e estes souberam justificar que apesar de não o fazerem verbalmente, que enviam mensagens através dos diversos canais de redes sociais e também jogando em aplicações, para as quais são precisos dois ou mais participantes.

Para as Unidades Didáticas que apresentámos acima, preparámos igualmente materiais tendo em conta os alunos com adequações. Na maioria dos casos houve apenas a necessidade de adaptar os exercícios propostos de modo a que estes pudessem realizá-los. No entanto, precisámos de contornar situações como o desenho rigoroso das formas geométricas, pois estes alunos têm graves dificuldades do foro psicomotor e também da concentração. Foi por esta razão, mas também pelo facto de alguns alunos se recusarem a fazer algumas atividades propostas que então criámos o ATELIÊ, no âmbito das estratégias de micropedagogia e que utilizámos como prática letiva, como iremos apresentar de seguida.

5)2 Ações desenvolvidas e trabalhos produzidos

De seguida apresentamos os Planos de Aula desenvolvidos a partir das Unidades Didáticas que apresentámos no capítulo anterior, que como referimos foram previamente planeadas conforme a Planificação Anual de Educação Visual e Plano Anual de Atividades da disciplina e no Plano Anual de Atividades e no Projeto Educativo do Agrupamento. Constam nos Planos de Aula as atividades, os materiais por nós concebidos e as ferramentas utilizadas, os recursos que julgámos ser pertinentes à realização das atividades

propostas, o tempo necessário para concretizá-los e os objetivos que nos propusemos alcançar.

Nas primeira e segunda aulas (ver Anexo 6) deu-se início à Unidade Didática 1 – OLHAR, VER, REGISTAR – onde os alunos visualizaram um PowerPoint (ver Anexo 7) sobre a atividade proposta, os objetivos, os materiais necessários e os critérios de avaliação. De seguida, foi mostrado um PowerPoint (ver Anexo 8) sobre os elementos formais das Artes Visuais. Na terceira e quarta aulas os alunos tiveram oportunidade de registar algumas texturas visuais numa ficha por nós elaborada.

Entre a quinta e a oitava aulas (ver Anexos 9 e 10) os alunos visualizaram um PowerPoint (ver Anexo 11) sobre o desenho de observação e foi-lhes proposto realizarem desenhos de elementos naturais e alguns objetos que tinham no estojo, com os conhecimentos adquiridos anteriormente e com base no exercício do estudo de Betty Edwards (Edwards, 2011).

Nas nona e décima aulas (ver Anexos 12) os alunos apresentaram os seus trabalhos (Figura 1 à 1.16) e fizeram a autoavaliação. Aqui os alunos sentiram alguma dificuldade em apresentarem e avaliarem os seus trabalhos, não sabendo o que dizer. Por isso, nós fomos questionando-os no sentido de orientar os seus discursos. A maioria dos alunos considerou que a técnica de desenho baseada no estudo de Betty Edwards e também a nossa sugestão de olhar para os elementos que tinham de desenhar como formas geométricas os ajudou imenso. No entanto, ainda sentiram algumas dificuldades em desenhar de forma expressiva e concluíram que precisavam de mais tempo para praticar.

Foi-lhes pedido que enviassem por email, fotografias de animais de estimação para realizarem a próxima Unidade Didática. Esta tinha sido já abordada pela Professora de Espanhol, a docente que organizou esta iniciativa.

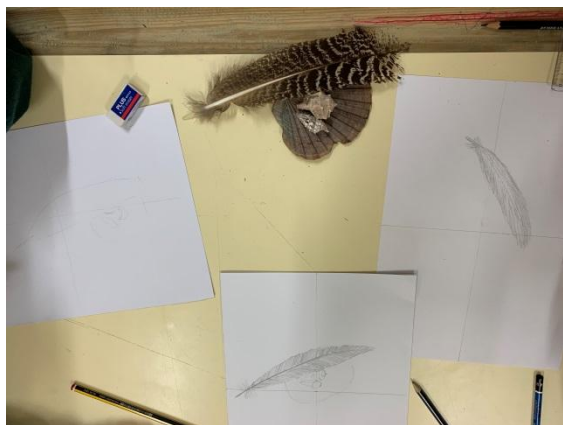


Fig. 1 – UD1. Conjunto de desenhos de observação de elementos naturais

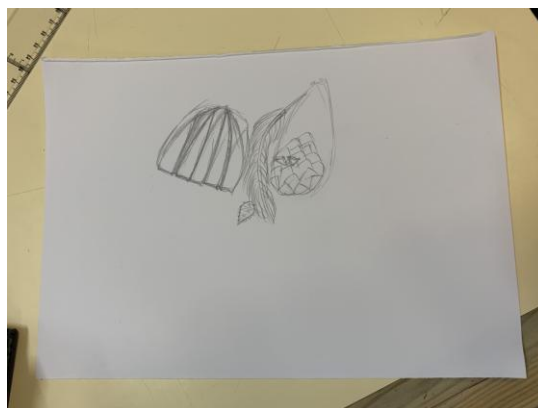


Fig. 1.1 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.2 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais

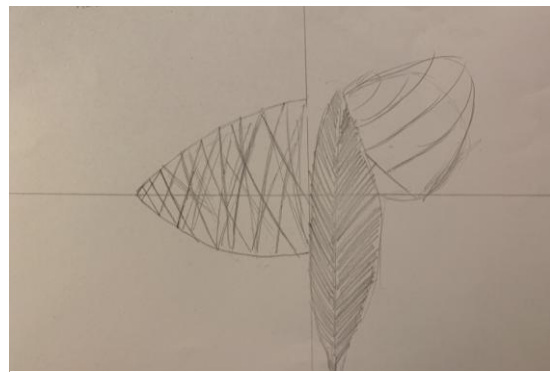


Fig. 1.3 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.4 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais

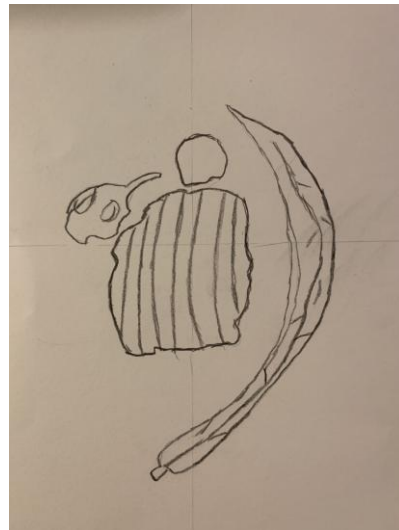


Fig. 1.5 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.6 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais

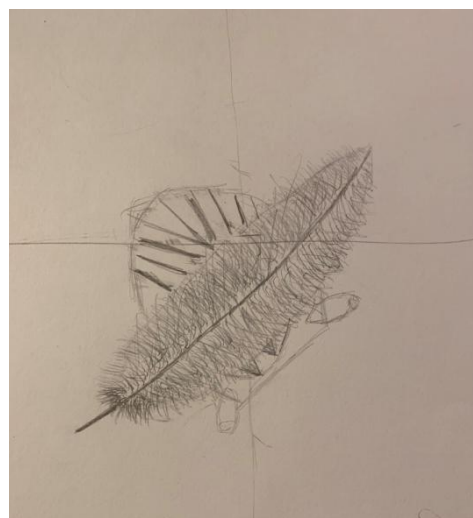


Fig. 1.7 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais

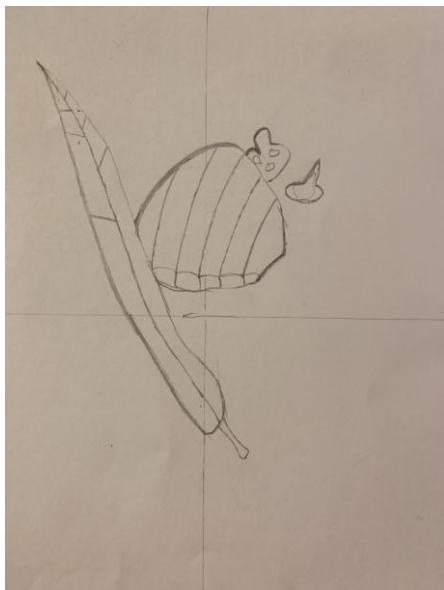


Fig. 1.8 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais

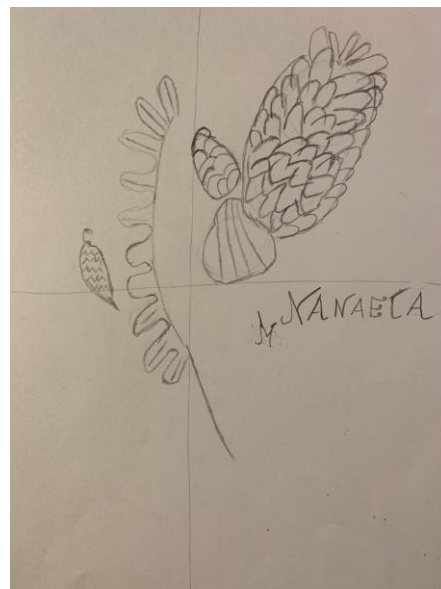


Fig. 1.9 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.10 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.11 – UD1. Desenho de observação de elementos naturais



Fig. 1.12 – UD1. Desenho de observação de elementos artificiais



Fig. 1.13 – UD1. Desenho de observação de elementos artificiais



Fig. 1.14 – UD1. Desenho de observação de elementos artificiais



Fig. 1.15 – UD1. Desenho de observação de elementos artificiais



Fig. 1.16 – UD1. Desenho de observação de elementos artificiais

Na décima primeira e décima segunda aulas (ver Anexo 13) deu-se início à Unidade Didática 2 – SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O – onde os discentes visualizaram um PowerPoint (ver Anexo 14) sobre a atividade proposta, os materiais necessários e os critérios de avaliação. Levámos as fotografias dos animais impressas em formato A3 e os alunos passaram a papel vegetal e de seguida, decalcaram para uma folha de papel cavalinho A3. Alguns alunos tiveram ainda tempo de iniciarem a pintura dos desenhos aplicando os conhecimentos das aulas anteriores. Na décima terceira e décima quarta aulas (ver Anexo 15) os jovens tiveram oportunidade de concluir os seus trabalhos.

Na décima quinta e décima sexta aulas (ver Anexo 16), foi visualizado um PowerPoint sobre Comunicação Visual (ver Anexo 17) e os alunos fizeram um cartaz (Figura - 2) para colocar junto do local, onde as pessoas podiam depositar os mantimentos. Os panfletos (Figura – 2.1) foram realizados na disciplina de TIC. O título da atividade foi também realizado de forma interdisciplinar na aula de Inglês. Na décima sétima e décima oitava aula (ver Anexo 18), os alunos fizeram a autoavaliação, colaram os trabalhos em grandes cartões

pretos e colocaram-nos no espaço do refeitório para que toda a comunidade escolar tivesse oportunidade de ver (da Figura – 2.2 à Figura – 2.6).

Na apresentação e autoavaliação desta Unidade, os alunos mostraram-se surpreendidos com o resultado dos trabalhos – alguns confessaram que nunca tinham utilizado o papel vegetal para transpor o desenho e desconheciam alguns dos materiais com que pintaram os seus exercícios. Revelaram ainda que foi muito estimulante distribuírem os panfletos, pois as pessoas reagiram de forma muito interessada e gostaram imenso de expor os seus trabalhos no espaço do refeitório e contribuírem com o cartaz para ajudarem a recolherem mantimentos para os animais abandonados.

No final do ano letivo foram com a Professora de Espanhol à Instituição Protetora dos Animais abandonados levar os mantimentos angariados e perceber como funciona este tipo de estabelecimentos.



Fig. 2. – UD2. Cartaz colocado junto ao depósito de recolha de mantimentos

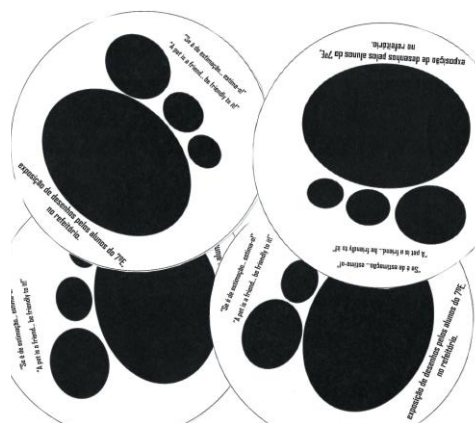


Fig. 2.1 – UD2. Panfletos a anunciar a exposição “Se é de estimação... estima-o”



Fig. 2.2 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)

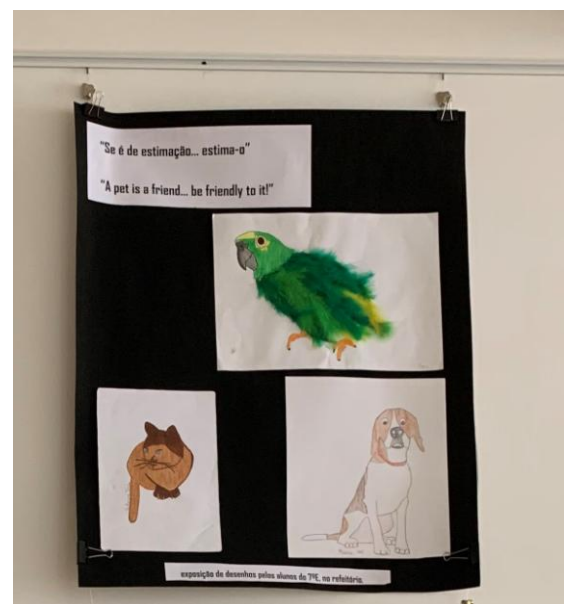


Fig. 2.3 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)

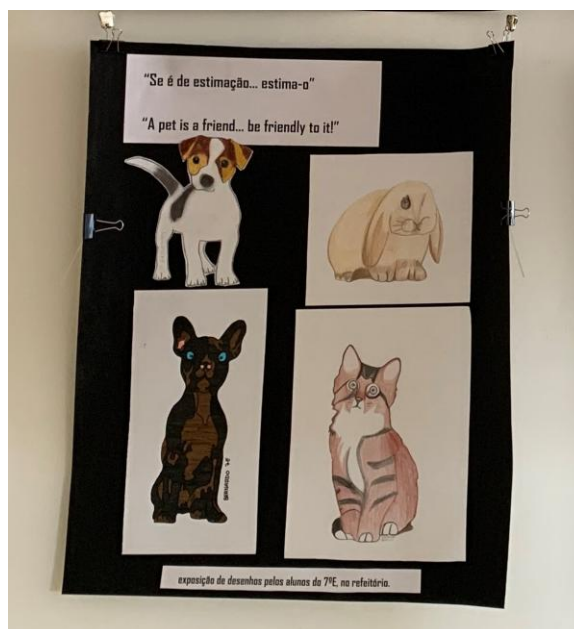


Figura 2.4 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)



Figura 2.5 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório (pormenor)



Fig. 2.6 – UD2.Conjunto de trabalhos expostos no refeitório

Entre a décima nona aula e a vigésima terceira aula (ver Anexo 19 e 20) teve início a Unidade Didática 3 – HÁ ARTE NA GEOMETRIA. Aqui apresentámos a Unidade, os respetivos materiais e critérios de avaliação através da visualização de um PowerPoint(ver Anexo 21).Fez-se uma revisão sobre tipos de retas e ângulos, desenharam a mediatriz e circunferências tangentes internas e externas e traçados de tangentes a estas; traçaram de forma rigorosa: polígonos regulares inscritos em circunferências – pentágono e hexágono; linhas concordantes e as espirais bicêntrica e tricêntrica com o apoio de um PowerPoint.(ver Anexo 22)

Os alunos com adequações ou os que se recusaram a fazer os traçados foram convidados a produzirem texturas através da técnica de fricção (Figura – 7 à Figura) a partir de algumas formas naturais que tinham desenhado na Unidade Didática 1 e procurando pela sala outras que pudessem executar.

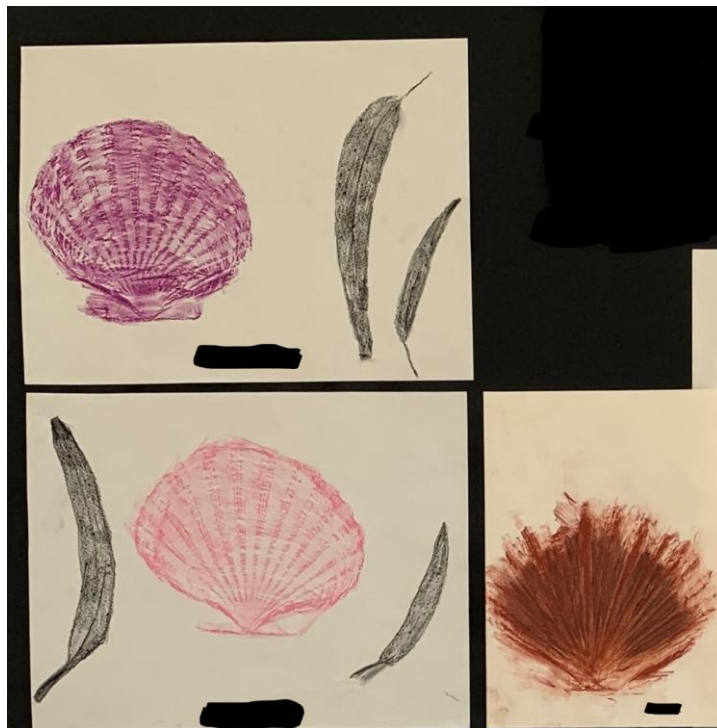


Fig. 7 – Ateliê. Trabalhos de texturas realizados pela técnica da fricção



Fig. 7.1 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção



Fig. 7.2 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção



Fig. 7.3 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção



Fig. 7.4 – Ateliê. Trabalho de texturas realizados pela técnica da fricção

Entre a vigésima quarta e vigésima sexta aulas (ver Anexo23) os discentes visualizaram um PowerPoint sobre o pintor Robert Delaunay (ver Anexo 24) e depois do diálogo com as obras de arte foram convidados a produzirem uma composição plástica inspirada numa obra desse artista e pintada a guache. Alguns alunos recusaram-se a pintar com a técnica proposta. Aos alunos com adequações ou os que se recusaram a fazer os traçados foi-lhes entregue uma fotocópia com o desenho inspirado na obra do pintor Delaunay e foram convidados a pintá-la.

Na vigésima sétima e vigésima oitava aulas (ver Anexo 25) os alunos apresentaram os seus trabalhos (da Figura – 3 à Figura - 19), debateu-se sobre o tipo de técnicas que utilizaram e fizeram a autoavaliação.

Durante a apresentação dos trabalhos a maioria dos alunos confessou não ter gostado de desenhado as formas geométricas, mas consideraram interessante, apesar das dificuldades que sentiram, quando tiveram que desenhá-las de forma a construir uma composição plástica baseada numa obra de Delaunay. Apesar de terem percebido o contexto histórico no qual começaram a surgir as obras de arte abstrata, alguns discentes afirmaram que continuavam a não gostar da arte abstrata.



Fig. 3 – UD3. Trabalho em execução



Fig. 3.1 – UD3. Trabalho em execução



Fig. 3.2 – UD3. Trabalho em execução

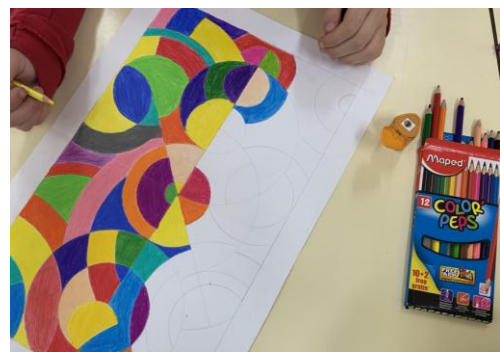


Fig. 3.3 – UD3. Trabalho em execução

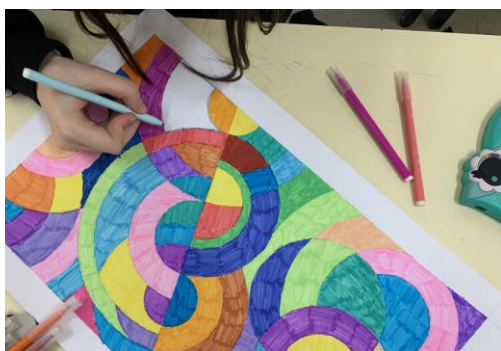


Fig. 3.4 – UD3. Trabalho em execução



Fig. 3.5 – UD3. Trabalho em execução



Fig. 3.6 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.7 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.8 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.9 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.10 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.11 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.12 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.13 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.14 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.15 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay

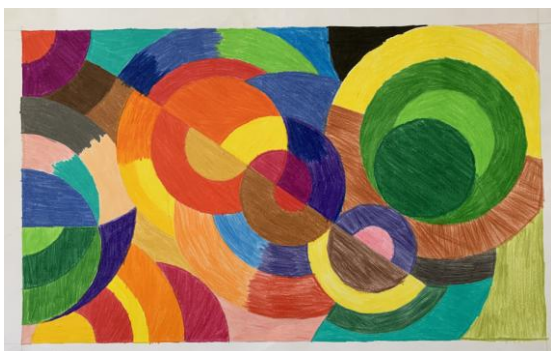


Fig. 3.16 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.17 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.18 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay



Fig. 3.19 – UD3. Pintura baseada na obra de Delaunay

Na vigésima nona e trigésima aulas (ver Anexo 26) deu-se início à Unidade Didática 4 – DOS PADRÕES DE ARCOS –na qual os alunos visualizaram um PowerPoint (ver Anexo 27) sobre a Unidade, os materiais e critérios de avaliação. Entenderam a definição de arco, vão e flecha e deu-se início ao traçado rigoroso dos arcos de volta inteira, ogiva perfeita e alongada também com o apoio de um PowerPoint (ver Anexo 28)

Os alunos com adequações ou que se recusaram a fazer os traçados foram convidados a fazerem carimbos a partir dos desenhos realizados na primeira unidade didática (da Figura – 7.5 à Figura 7.8).



Fig. 7.5 – Ateliê. Construção de carimbos



Fig. 7.6 – Ateliê. Construção de carimbos



Fig. 7.9 – Ateliê. Construção de carimbos



Fig. 7.10 – Ateliê. Construção de carimbos

Na trigésima primeira e trigésima segunda aulas (ver Anexo 29), os alunos concluíram os traçados dos arcos: abatido e contracurvado. De seguida visualizaram um PowerPoint sobre módulo e padrão e os azulejos portugueses do século XVII (ver Anexo 30), pois o exercício proposto baseava-se nesta técnica artística. Nas trigésima terceira e trigésima quarta aulas (ver Anexo 34), todos os discentes (incluindo os alunos com adequações) iniciaram a atividade proposta com o desenho em papel vegetal do módulo que decalcaram sobre uma quadrícula de forma a desenharem um padrão. Iniciaram a pintura do exercício com canetas de feltro nas cores amarelo, azul escuro e azul claro. Nas trigésima quinta e trigésima sexta aulas (ver Anexo 32), os jovens concluíram o exercício e fizeram a autoavaliação apresentando os trabalhos (Figura – 4 à Figura – 4.14).

À semelhança da Unidade anterior, também aqui a maioria dos alunos reclamou por desenharem de forma rigorosa. No entanto e apesar de alguns já terem realizado este conteúdo – módulo/padrão – em anos anteriores, nunca o tinham feito com um objetivo concreto, neste caso, um padrão azulejar do século XVII. Concluíram deixando o interesse por pintarem um azulejo.



Fig. 4 – UD4. Trabalho módulo/padrão em execução

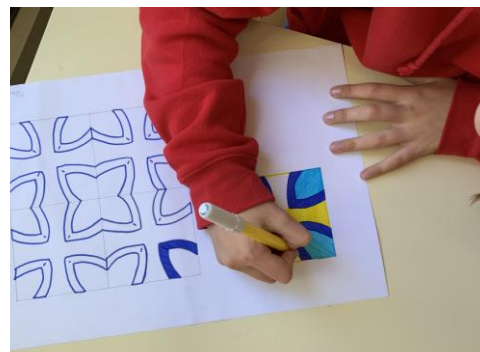


Fig. 4.1 – UD4. Trabalho módulo/padrão em execução



Fig. 4.2 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Fig. 4.3 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Fig. 4.4 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Fig. 4.5 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

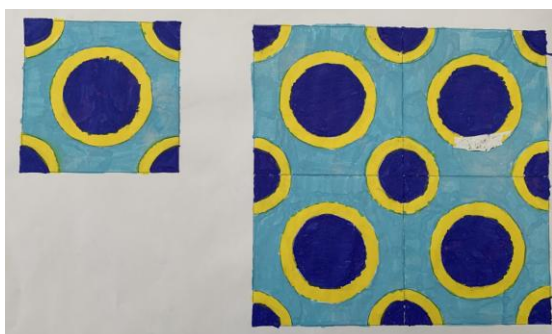


Fig. 4.6 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

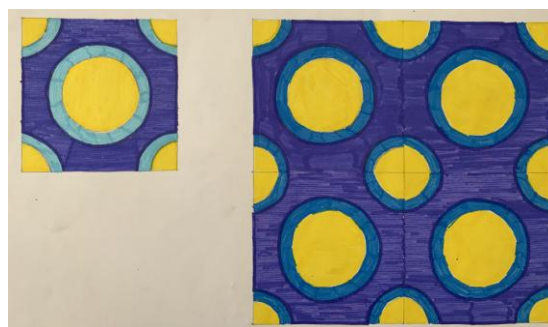


Fig. 4.7 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Figura 4.8 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Figura 4.9 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

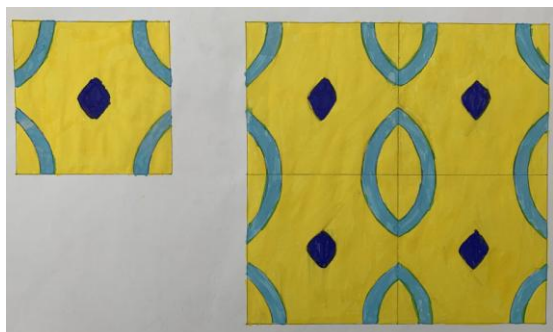


Fig. 4.10 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Fig. 4.11 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII



Fig. 4.12 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

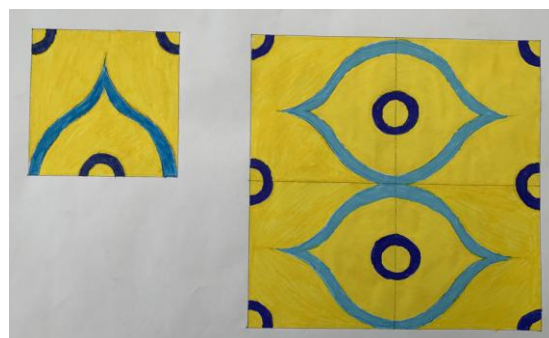


Fig. 4.13 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

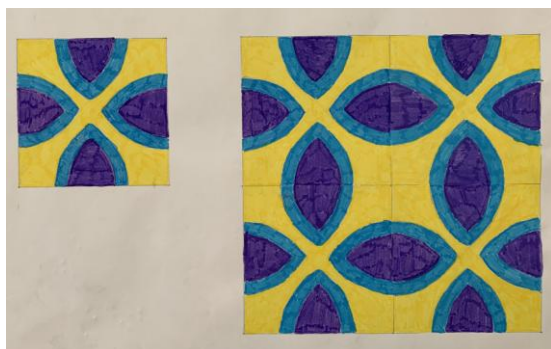


Fig. 4.14 – UD4. Trabalho módulo/padrão baseados nos azulejos portugueses do século XVII

Os alunos com adequações ou que se recusaram a fazer os traçados foram convidados a carimbarem com os carimbos que tinham realizado em aulas anteriores (da Figura – 7.8 à 7.11).



Fig. 7.8 – Ateliê. Alunos a carimbar



Fig. 7.9 – Ateliê. Alunos a carimbar



Fig. 7.10 – Ateliê. Alunos a carimbar



Fig. 7.11 – Ateliê. Alunos a carimbar

A Unidade Didática 5 – SELFIE ME SELFIE YOU –teve início entre as aulas trigésima sétima e quadragésima aulas (ver Anexo 33). Os alunos visualizaram um PowerPoint sobre a Unidade Didática, os materiais e os respetivos critérios de avaliação (ver Anexo 34). De seguida, mostrou-se outro PowerPoint sobre a evolução da representação de autorretratos ao longo dos tempos até aos nossos dias (ver Anexo 35). Também traçaram de forma rigorosa um óvulo e uma oval apoiados por um PowerPoint, (ver Anexo 36). De seguida os alunos desenharam o rosto (da Figura – 5 à Figura 5.4) dos colegas com canetas de acetato sobre suporte de acrílico. No final da aula alguns alunos tiraram uma selfie para iniciar o próximo exercício, havendo outros que nos enviaram por email.



Fig. 5 – UD5. Alunos a desenharem o rosto dos colegas



Fig. 5.1 – UD5. Alunos a desenharem o rosto dos colegas



Fig. 5.2 – UD5. Desenho do rosto dos alunos (pormenor)



Fig. 5.3 – UD5. Desenho do rosto dos alunos (pormenor)

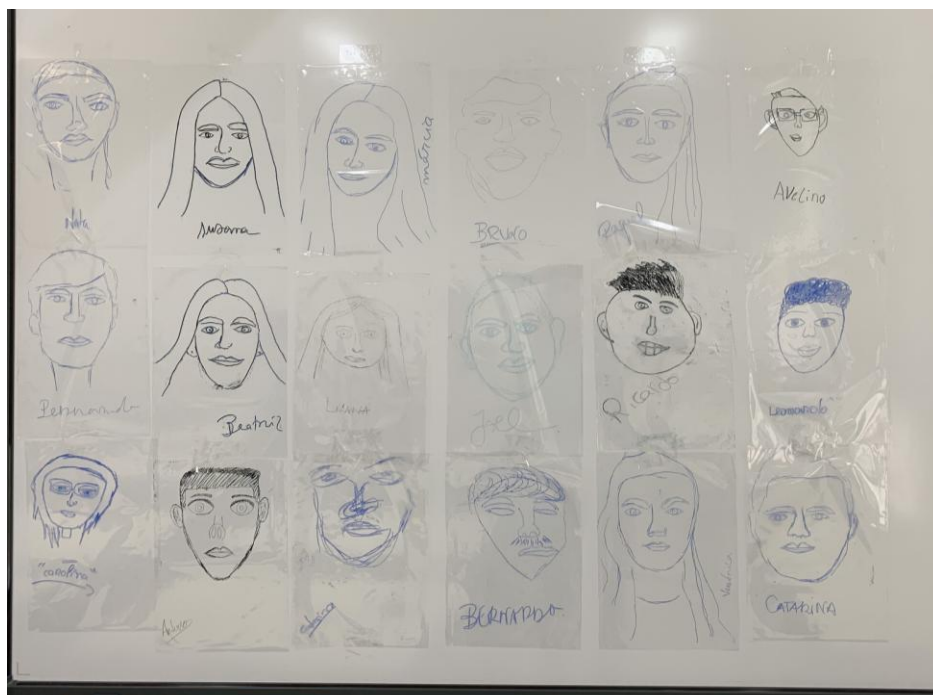


Fig. 5.4 – UD5. Desenho do rosto dos alunos

Entre a quadragésima primeira aula e a quadragésima quarta aula (ver Anexo 37) os alunos visualizaram um PowerPoint sobre a forma como alguns artistas contemporâneos (ver Anexo 38) representaram os seus autorretratos e criaram os seus autorretratos baseados num dos artistas apresentados. Para tal aumentaram através de uma grelha as selfies impressas em formato A4, para papel cavalinho A3. Aos alunos com dificuldades foi-lhes dada a selfie em formato A3 e estes decalcaram o papel vegetal sobre papel cavalinho A3 e depois iniciaram os seus autorretratos. Uma aluna que se tinha recusado realizar qualquer atividade durante todo o ano letivo, apesar de não ter realizado o seu autorretrato, pegou na fotocópia de uma *selfie* de um colega (com a devida autorização) e tratou-a plasticamente, a que caracterizamos por um “não-autorretrato” (Figura – 5.5). Os trabalhos (Figura – 5.6 à Figura 5.24) foram apresentados paralelamente à banda desenhada #COMUNICAR@XXI aquando da montagem da exposição de final de ano letivo.



Fig. 5.5 – UD5. “Não Autorretrato”



Fig. 5.6 – UD5. Autorretrato em execução

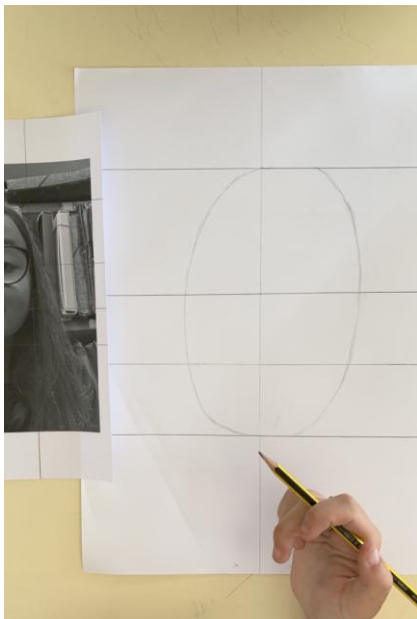


Fig. 5.7 – UD5. Autorretrato em execução



Fig. 5.8 – UD5. Autorretrato em execução

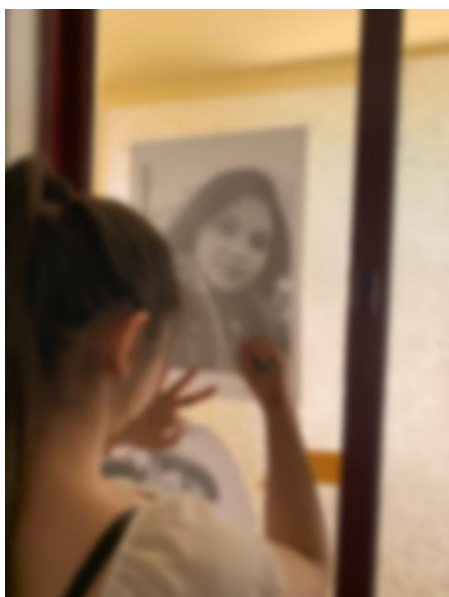


Fig. 5.9 – UD5. Autorretrato em execução

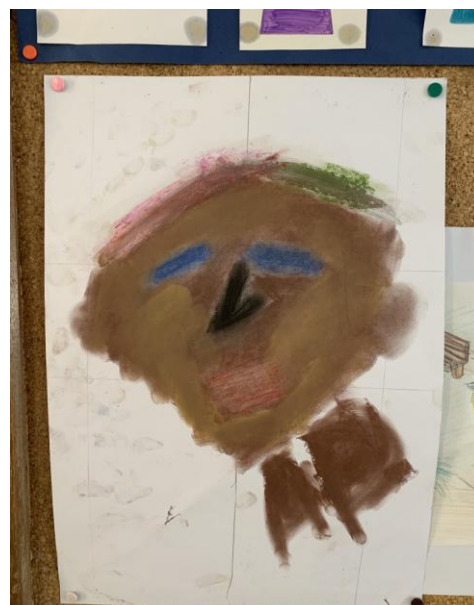


Fig. 5.10 – UD5. Autorretrato em execução



Fig. 5.11 – UD5. Autorretrato em execução

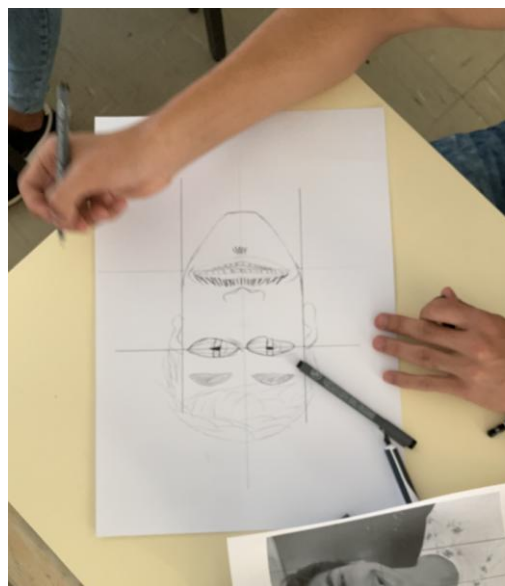


Fig. 5.12 – UD5. Autorretrato em execução



Fig. 5.13 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.14 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.15 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.16 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.17 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.18 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU

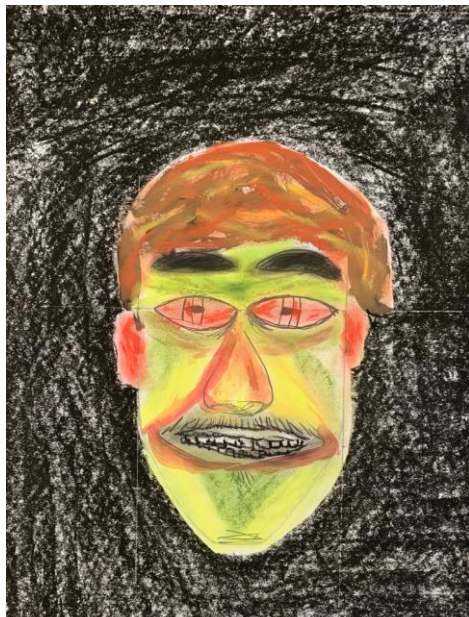


Fig. 5.19 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.20 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU

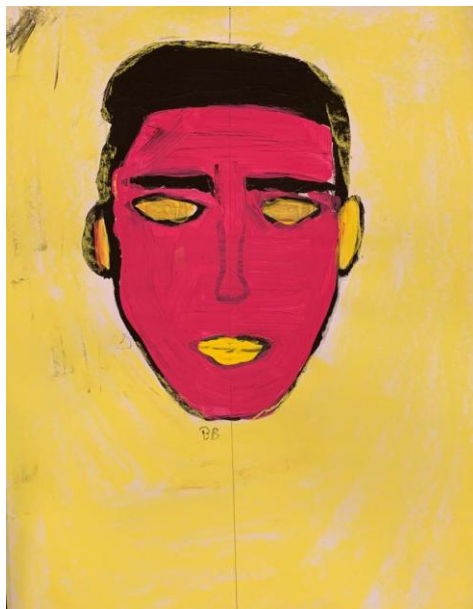


Fig. 5.21 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE
YOU



Fig. 5.22 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.23 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.24 – UD5. Autorretrato SELFIE ME
SELFIE YOU



Fig. 5.25 – UD5. Autorretrato SELFIE ME SELFIE YOU

O autorretrato coletivo de turma (Figura – 5.26) foi realizado na disciplina de TIC depois de algumas indicações nossas e, igualmente apresentado nessa altura.



Figura 5.26 – UD5. Autorretrato coletivo da turma SELFIE ME SELFIE YOU

A Unidade Didática 6 – #COMUNICAR@XXI – teve início na quadragésima quinta aula e quadragésima sexta aula (ver Anexo39). Os alunos visualizaram um PowerPoint sobre a Unidade e os critérios de avaliação (ver Anexo 40) e de seguida debateu-se o tema que seria ponto de partida para a realização de uma banda desenhada coletiva – a comunicação entre os jovens do século XXI. Depois de elaborarem um plano para concretizarem o exercício proposto, os alunos reuniram-se em pequenos grupos e tiraram fotografias.

Entre a quadragésima sétima aula e a quadragésima nona aula (ver Anexo 41)., os alunos visualizaram um PowerPoint sobre a técnica da banda desenhada (ver Anexo 42) e deram início à realização desta em formato A2, pois foi feito em trabalho de turma, com traçado rigoroso das tiras e vinhetas da introdução do texto e do recorte e colagem das

fotografias impressas, do contorno das imagens sobre papel preto e sobre o fundo branco. A folha A2, foi colada numa cartolina preta. O trabalho (Figuras – 6 à Figura 6.7) foi apresentado juntamente com os autorretratos no decorrer da montagem da exposição dos trabalhos realizados ao longo do ano.



Fig. 6 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados



Fig. 6.1 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados



Figura 6.2 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados



Figura 6.3 – UD6. Grupo de alunos a serem fotografados

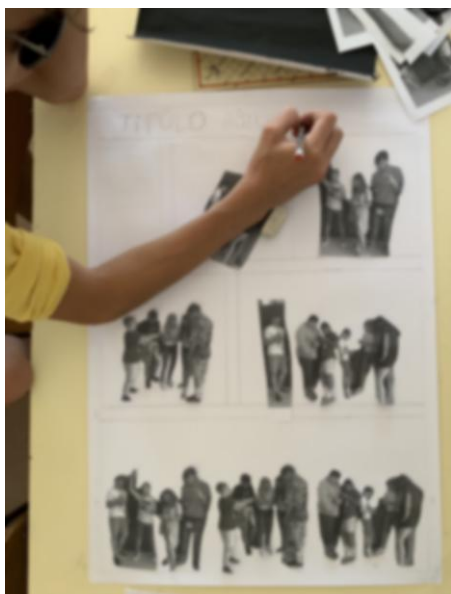


Fig. 6.4 – UD6. Banda Desenhada
#COMUNICAÇÃO@XXII em execução



Fig. 6.5 – UD6. Banda Desenhada
#COMUNICAÇÃO@XXII em execução



Figura 6.6 – UD6. Banda Desenhada coletiva #COMUNICAÇÃO@XXII

Na quinquagésima aula (ver Anexo 43), os alunos fizeram a autoavaliação e o balanço das atividades realizadas.

No decorrer das duas últimas Unidades houve alguns alunos que terminaram os seus exercícios antes do tempo que tínhamos dado. Houve aqueles que quiseram ajudar os colegas com algumas dificuldades e outros que pediram para fazer trabalho de Ateliê. Assim, conduzimos uma pequena sessão da produção onde os jovens puderam realizar com a técnica de driblar, pingar ou espirrar (com um conta-gotas e uma escova de dentes) representando assim formas elementares das Artes Visuais (Figuras – 7.13 e 7.14).



Fig. 7.13 – Ateliê. Trabalhos em execução realizados com a técnicas: driblar, pingar e espirrar

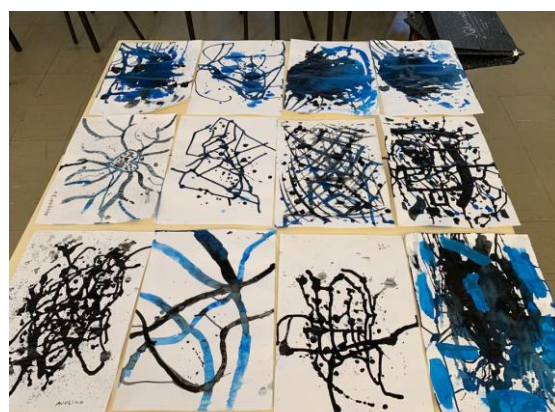


Fig. 7.14 – Ateliê. Trabalhos em execução realizados com a técnicas: driblar, pingar e espirrar

A exposição final dos trabalhos (Figuras – 8 à 8.3) foi realizada de forma interdisciplinar com a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, onde os alunos tiveram igualmente oportunidade de apresentarem os autorretratos e a banda desenhada e os seus trabalhos realizados no contexto do Ateliê e de fazerem ainda um breve balanço no âmbito da disciplina.

Sobre a Unidade SELFIE ME SELFIE YOU os alunos realçaram a forma simples da grelha a partir da fotocópia das suas selfies, mas que os ajudou imenso a desenharem os autorretratos, apesar de alguns considerarem o resultado ainda se aproximar das formas clássicas. Constataram que o facto de terem conhecido obras de arte de tantos artistas, os ajudou a inspirarem-se.

Também a ideia da realização do autorretrato coletivo de turma foi avaliada com muito entusiasmo. Concluíram que foi a Unidade Didática que mais gostaram de fazer.

Sobre a última Unidade Didática, os alunos realçaram que o debate sobre a forma como comunicam foi o que mais lhes marcou, por terem conseguido apresentar e defender as suas perspetivas sobre o assunto. Também ficaram muito satisfeitos com a autonomia para escolherem os grupos que foram fotografados por uma colega. Destacaram igualmente a forma como a banda desenhada foi construída de maneira a atingir os objetivos propostos.

Sobre o Ateliê, todos os alunos que nele participaram concluíram ter sido uma forma alternativa de aprenderem outras técnicas e que seria muito interessante continuarem a ter no próximo ano letivo.

Também os alunos com adequações expressaram de forma positiva a forma como ajustámos os exercícios propostos às suas necessidades e o trabalho no Ateliê.

O ano letivo não podia terminar da melhor forma com a montagem da exposição dos trabalhos realizados, os quais puderam ser apreciados por toda a comunidade educativas.



Figura 8 – Exposição de final de ano letivo



Figura 8.1 – Exposição de final de ano letivo



Figura 8.2 – Exposição de final de ano letivo

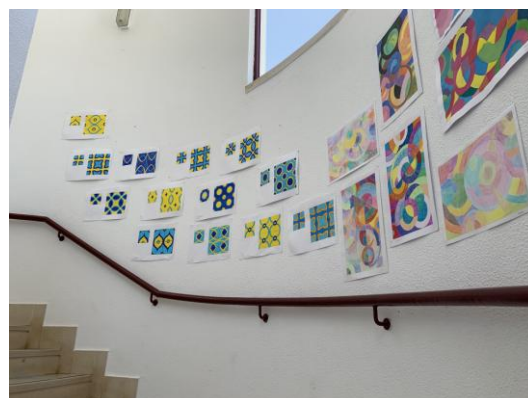


Figura 8.3 – Exposição de final de ano letivo

5)3 Análise do desempenho das aulas e síntese dos resultados

Logo no início da nossa investigação expressámos o nosso interesse pelo desenvolvimento da prática artística na disciplina de Educação Visual para que os alunos se motivassem e perdessem o receio que os dominava e a percepção de que “desenhar bem é desenhar de forma perfeita”, conduzindo a uma melhoria substancial no ato de desenhar. No entanto, o comportamento conflituoso de grande parte da turma, levou-nos igualmente a desenvolver estratégias metodológicas que abrangessem competências na área dos princípios e valores, para que os alunos estimulassem a sua identidade e participassem na vida cívica de forma responsável, solidária e crítica, respeitando a comunicação e expressão e valorizando a diversidade dos indivíduos.

Se inicialmente, as aulas foram perturbadas pelo comportamento e atitudes inadequadas dos alunos, como a conversa inoportuna e por vezes agressiva entre os discentes, a falta do material pedido e a recusa em fazer as atividades propostas, no decorrer do ano letivo sentimos algumas melhorias com as metodologias e estratégias metodológicas que fomos aplicando, sobretudo na implementação das micropedagogias, como já referimos no capítulo da Metodologia e apresentámos no capítulo anterior. Houve, no entanto, algumas situações

alheias à nossa vontade, como greves ou saídas para visitas de estudo e atividades do Desporto Escolar que puseram em causa a concretização de uma ou outra aula.

Fomos refletindo através da triangulação da observação de dados, onde confrontámos as diversas formas de trabalho, das competências das Artes Visuais como: exposições orais (no diálogo e debate e na apresentação dos trabalhos); demonstrações práticas (na realização dos exercícios propostos através de experimentação de materiais e técnicas diversas); trabalhos de ateliê e capacidade de autoavaliação.

Assim, consideramos que nas primeiras Unidades Didáticas, – OLHAR, VER, REGISTRAR e SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O, sentimos uma certa relutância à partida quando lhes foi pedido para desenhar, mas que foi amenizada com a incrementação de metodologias que implementámos - as micropedagogias -, como referimos nas respetivas Unidades Didáticas, no capítulo anterior. Desta maneira, tentámos conduzir os alunos através de diálogos e debates e técnicas de aprendizagem, de modo a motivá-los para que estes entendessem como podem desenhar utilizando algumas práticas artísticas e consequentemente tornar os seus traços mais expressivos. Também contribuiu para o sucesso destas Unidades o facto de termos conseguido que os alunos fossem desenvolvendo capacidades para expandir a sua autonomia, a responsabilidade e a criatividade apesar de maneira ainda incipiente. Pensamos que entenderam que podiam educar o seu olhar e perceber como conseguem ver de forma a reproduzirem os objetos, traduzindo plasticamente a estrutura do pensamento.

As Unidades Didáticas 3 e 4 - HÁ ARTE NA GEOMETRIA e DOS PADRÕES DE ARCOS, foram aquelas onde sentimos maior dificuldade em atingir os nossos objetivos, sobretudo nas aulas em que foi pedido para desenhar de forma rigorosa as formas geométricas. Inúmeras vezes alertámos os alunos para a consciencialização de que o desenho rigoroso fazia parte do processo formativo, tal como tivemos oportunidade de explanar aquando da apresentação das Unidades Didáticas. Quisemos igualmente, fazê-los entender que as formas geométricas são também parte da linguagem das Artes Visuais e que com elas se podem produzir composições plásticas. Mesmo assim, houve alguns que se recusaram a fazer a totalidade dos exercícios ou parte deles, comprometendo de certa forma o resultado do trabalho. O diálogo e o debate promoveram nos discentes as suas capacidades no desenvolvimento da apreciação estética das obras de arte de carácter abstrato, tendo a maioria empenhado-se na realização desta atividade, partindo para a produção dos seus trabalhos de forma artística, produzindo composições muito interessantes, apesar de alguns dos jovens se terem recusado a pintar com a técnica do guache, mas perceberam que tanto a com caneta de feltro, como com os lápis de cor (as

técnicas que tinham optado) não criaram um produto plasticamente desejado. O resultado dos exercícios da Unidade Didática 4 – DOS ARCOS DE PADRÕES, foi bastante apelativo pois aqui os alunos começaram a entender que os exercícios que íamos propondo faziam parte de um processo que levariam a um determinado produto final. Em ambas as Unidades, a atividade do Ateliê permitiu ultrapassar algumas vicissitudes registadas ao nível das atitudes e do comportamento e também para os alunos com adequações.

Concluímos que nas Unidades Didáticas 3 e 4 conseguimos promover as competências visuais através da metodologia dialógica, tanto no diálogo com as obras de arte contemporâneas (nacionais e internacionais), quanto na apresentação do património azulejar português e seu contributo para a identidade urbana, em que os alunos reconheceram o património artístico e cultural no contexto histórico e sociocultural, dando assim valor às diferentes manifestações artísticas, aperfeiçoando as competências de expressão, comunicação e criatividade.

As últimas Unidades Didáticas 5 e 6 – SELFIE ME SELFIE YOU e #COMUNICAR@XXI, foram sem dúvida aquelas que mais se aproximaram dos objetivos que traçámos. Podemos concluir que este facto se deveu não só à utilização das novas tecnologias, como o telemóvel, mas também aos temas e formatos de comunicação abordados, que despoletaram nos alunos motivação e interesse pelas aprendizagens. Como pudemos constatar na análise ao inquérito que realizámos logo no início do ano letivo, ficámos surpreendidas pelo facto da maioria dos alunos ter dito que não utilizava os telemóveis para tirar fotografias mas quando lhes foi pedido para tirarem uma selfie e ficaram muito motivados e depreendemos, a partir da sua resposta, que era um ato habitual. Tanto as selfies como o tema da comunicação, era-lhes muito próximo e muito debatido no contexto da introdução da cultura visual no ensino – como referimos no capítulo do enquadramento teórico. Conseguimos igualmente desenvolver debates interessantes, onde a maioria dos alunos, de forma desinibida participou, contribuindo para aulas dinâmicas e produtivas.

Pensamos que o resultado dos autorretratos, longe de conseguirem desligar-se da representação clássica, como foi pedido – foi a Unidade Didática em que mais alunos participaram. Para nós docentes o resultado não deixou de ser surpreendente, tendo em conta o resultado das Unidades anteriores, o que nos fez sentir verdadeiramente realizadas. O autorretrato coletivo de turma, realizado na disciplina de TIC foi igualmente concluído com sucesso, com os alunos a participarem de forma harmoniosa, equilibrada e criativa.

Na última Unidade Didática - #COMUNICAR@XXI, apesar do produto final não ter sido o esperado ao nível da criatividade, o processo foi bastante valioso: Os alunos colaboraram espontaneamente na formação dos grupos a fotografar e no diálogo que ia surgindo,

debatendo de forma coerente e enriquecedora, permitindo esta dinâmica chegar à forma de como se iria apresentar a banda desenhada. Os alunos entreajudaram-se na montagem desta.

Como já tivemos a oportunidade de referir, a atividade do Ateliê não tinha sido planificada de início, surgindo a partir da situação da nossa impossibilidade em ultrapassar os efeitos do mau comportamento que destabilizavam as aulas e de como orientar os alunos com adequações. Apesar do carácter informal do Ateliê, foi nossa intenção promover junto dos alunos a tolerância e a sensibilidade, a imaginação e a criatividade, apreciando a diversidade que há em cada um.

Podemos concluir que o facto de termos introduzido a estratégia pedagógica da experimentação de técnicas diversas, para permitir que o aluno escolhesse os meios expressivos mais apropriados à sua personalidade e nas experiências de expressão-criação, proporcionar-lhes ferramentas e técnicas para realizarem as atividades de forma autónoma, responsável e cooperativa, de modo a ampliarem a criatividade e a apropriação das linguagens das Artes Visuais e o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação.

Também na produção-criação, utilizaram os meios expressivos de representação, realizando produções plásticas, aplicando os elementos da comunicação e da forma visual, reconhecendo a permanente necessidade de desenvolver a criatividade.

Outra estratégia pedagógica que levámos para a prática letiva relacionada com aspetos motivacionais, foi a execução de determinados exercícios realizados em pares ou em grupo, o que contribuiu para que os alunos fortalecessem a inteligência interpessoal, pois tiveram de entender os colegas, controlar os estados emocionais, ajudando assim os discentes a ampliarem as capacidades para lidar com os medos e gerir os conflitos de forma positiva.

Concluimos com a constatação dos resultados na disciplina de Educação Visual e num universo de vinte alunos, o ano letivo encerrou com seis alunos com nível inferior a 3, sendo que dois dos quais, ficaram retidos por terem excedido o número limite de faltas e nunca terem realizado qualquer das atividades por nós propostas. Mediante os resultados obtidos no decorrer do ano letivo: no 1º período a média final da avaliação do foro cognitivo foi de 49,8%; no 2º período de 55,0% e no 3º período de 53,7%, com sete alunos com nível 3 e sete alunos com nível 4. Assim, pensamos ter concluído de forma positiva o objetivo a que nos propusemos, de os alunos perderem o receio em desenhar e também terem desenvolvido aspetos éticos e sociais na identidade destes.

Acrescentamos que num total de 21 alunos (um deles não tinha a disciplina de Educação Visual no seu currículo adaptado), a turma que estudámos, dezasseis discentes ficaram

retidos, sendo que, por motivo de atingirem quinze anos e/ou terem duas ou mais retenções no percurso escolar, quatro destes foram encaminhados para CEF – Curso de Formação e Educação e dois para PIEF – Programa de Integração de Educação e Formação.

6) Conclusão e propostas para estudos futuros

No decorrer desta investigação expressámos inúmeras vezes o nosso objetivo de fazer os alunos perderem o receio em relação ao ato de desenhar através das práticas artísticas e também desenvolver a identidade e personalidade cognitiva destes jovens, com o intuito de ampliar a autoestima de modo a que se refletisse na motivação pelo interesse das aprendizagens, na imaginação e na criatividade. Assim, entendemos que a pesquisa realizada contribuiu de forma concreta para a construção de todo o processo onde as estratégias metodológicas levaram os alunos a compreender os processos e significados da cultura visual já que, como infelizmente pudemos constatar, os discentes não possuíam modelos artísticos.

Concluimos que termos optado por um estudo de investigação-ação nos permitiu perceber o progresso dos exercícios e desenvolver estratégias pedagógicas complementares às que tínhamos desenhado nas Planificações, de modo a responder à nossa questão inicial – como criar estratégias motivadoras para desenvolver o gosto pelo desenho? -, e a ultrapassar determinados constrangimentos.

Podemos constatar igualmente que as micropedagogias são ações que devem ser desenhadas como estratégias pedagógicas em situações concretas e singulares mediante os problemas encontrados (Assis, 2017, p. 30). Desta forma, construímos micropedagogias motivadoras, onde tentámos criar um ambiente de confiança e respeito mútuos, através do desenvolvimento de atitudes e comportamentos essenciais aos processos de ensino-aprendizagem, como a concentração, a responsabilidade, o respeito, o estímulo de sentimento de pares e de grupo, curiosidade e empenho na realização dos exercícios propostos.

Ainda no contexto da micropedagogia que implementámos no decorrer da prática letiva criou-se uma nova estratégia, como tivemos oportunidade de referir no capítulo da Metodologia - um ATELIÊ, pelo facto de haver vários níveis de aprendizagem, alunos com necessidades educativas especiais - com um currículo específico - e também porque alguns discentes se recusavam a fazer algumas atividades propostas, tornando as aulas um pouco caóticas. Aqui o nosso objetivo maior foi tentarmos que os alunos desenvolvessem capacidades criativas e competências das Artes Visuais e que se sentissem confiantes e comprometidos. A princípio pareciam desconfiados, mas quando apresentámos os materiais e os conduzimos de forma menos formal, rapidamente se mostraram interessados, como tivemos ocasião de constatar no capítulo 5.

Com efeito, a atenção dada ao processo do fazer artístico, aos seus aspetos performativos que a arte baseada no processo privilegiou uma abertura entre o artista e a audiência, elevando com efeito a participação dos espetadores (Bishop, 2012) pode contribuir para consubstanciar algumas estratégias nas quais os alunos contribuem para a construção de conhecimento na aula. Por esta razão, delineámos as nossas Unidades Didáticas de forma a que os alunos participassem de maneira inclusiva no processo até chegarem ao produto final, desvanecendo-se a comunicação unilateral dos docentes para os alunos e respetivamente os papéis de quem ensina e quem aprende.

Outras experiências pedagógicas que tivemos oportunidade de praticar, deveram-se ao facto de procurarmos estratégias para desenvolver junto dos alunos a motivação através da procura da identificação com o espaço e a comunidade escolar, veiculando estratégias que foram ao encontro do universo dos adolescentes. Corpo, identidade e espaço foram tópicos interligados através dos objetivos e competências que traçámos nas Unidades Didáticas, de modo a proporcionar um desenvolvimento harmonioso da personalidade dos alunos (Santos, pp. 29-30).

O facto de termos desenhado um currículo abrangente de várias áreas do saber e promovido trabalhos interdisciplinares, permitiu que os alunos percebessem “como a arte pode proporcionar uma outra visão da vida e do mundo” (Azinheiro, 2014, p. 10) e, também, ser fonte de enriquecimento estético e cultural, tendo ajudado a estruturar a sua identidade nos territórios das emoções, do intelectual, do criativo e do social. Acrescentamos que a preparação de materiais com base na leitura das respostas ao Inquérito, como os PowerPoints – onde apresentámos os conteúdos a lecionar, os artistas e as suas manifestações, entre outros – a promoção de exposições orais através de debates e diálogos, a seleção de ferramentas e materiais diversos para a realização dos exercícios, como: a utilização das novas tecnologias, estudos para aprenderem a desenhar (traçar linhas perpendiculares; a grelha para aumentar a escala, a transparência, decalque através de papel vegetal), fotografias e diversos materiais de suporte e riscadores.

Analisando a forma positiva como os alunos autoavaliaram os seus trabalhos e as atividades realizadas e, apesar de alguns ainda se sentirem um pouco afastados das práticas contemporâneas, pensamos ter conseguido responder à nossa questão inicial e preocupações acrescidas, preparando os nossos alunos para as competências do ensino das Artes Visuais.

Não podemos terminar sem constatar que ambicionávamos que os alunos tivessem tido oportunidade de aprofundar solidamente as aprendizagens, mas o facto das aulas se resumirem a blocos de 90 minutos por semana não o permitiu.

Consideramos ter contribuído com o nosso estudo para a forma como se pode motivar os alunos adolescentes para as aprendizagens artísticas e consequentemente para a sua formação pessoal, através do ensino pertinente e original das Artes Visuais.

Gostaríamos de deixar para investigação futura, a ideia do desenvolvimento de recursos e estratégias para a proposta de atividades que envolvessem o trabalho de pares ou em grupos. Outra ideia a desenvolver seria a produção com maior frequência de exposições dos exercícios, pois apercebemo-nos de que quando os alunos eram chamados a fazer este tipo de atividades, que lhes era muito atrativo e crescia neles o sentido de orgulho e uma certa realização pessoal que a oportunidade de expor proporcionava. Processo e resultado foram importantes para este grupo, pois os alunos perceberam o sentido do que é o caminho e a concretização de um trabalho.

Bibliografia

Acaso, M. (2009). *La Education no son manualidades*. Madrid: Los Libros de Catarata.

Alves, M. J. (2002) «A imagem na pedagogia» *In* Imaginar, N.º 38, Porto: Associação dos Professores de Expressão e Comunicação Visual.

Araújo, D., Gomes, S., Lago, R. (2000). «A Arte de Ensinar através da Arte». *In* Imaginar, N.º 36, Porto: Associação dos Professores de Expressão e Comunicação Visual.

Assis, M. (2017). «Introdução. Porquê e como intervir no processo ensino-aprendizagem». *In* Assis, M. (eds). *10x10: Ensaio entre Arte e Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Attemborough, D. (2002). «There's more to it than just looking: The Art Museum as an integrated learning environment». *In* Gaudelius, Y. & Speirs, P. (eds). *Contemporary issues in Art Education* (pp. 84-107). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

Azinhiero, M. R. S. S. (2014). Auto-retrato: um caminho didático para a Identidade Pessoal e Artística no Ensino das Artes Visuais. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, Lisboa. Tese de Mestrado.

Bishop. C. (2006). The Social Turn: Collaboration and its Discontents. Disponível em: https://www.gc.cuny.edu/CUNY_GC/media/CUNY-Graduate-Center/PDF/Art%20History/Claire%20Bishop/Social-Turn.pdf

Bono, E. (2018). *El pensamiento creativo – el poder del pensamiento lateral para la creación de nuevas ideas*. Espanha: Paidós.

Barriga, S., Ferreira, S., Forjaz, R., Graça, C. C. da. (2012). *Ver, Desenhar e Criar – Educação Visual do Ensino Básico*, Lisboa: Raiz Editora.

Clausen, K. W. (2006). *The Arts and Action Research – Editorial. The Ontario Action Researcher*. Disponível em: <http://oar.nipissingu.ca/PDFS/V93E.pdf>

Conde, F. S. C. (2013). *Representação, Identidade e Cultura Visual: Uma investigação*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, Lisboa. Tese de Mestrado.

Costa, E. X., Gonçalves, T. N., Pires, A. L. O. (2016). «Práticas pedagógicas e Práticas artísticas na construção da escola como um espaço e um tempo de democracia». In MEDI@ÇÕES, vol. 4, n.º 2, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação.

Coutinho, L.; Sousa, A.; Dias, A.; Bessa, F.; Ferreira, M. J.; Vieira, S. (2009). *Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas*. Revista de Psicologia, Educação e Cultura, (pp. 355-379).

Cunha, S. R. V. (2002) «Transformações nos saberes sobre a arte e o ensino». In Imaginar, N.º 38, Porto: Associação dos Professores de Expressão e Comunicação Visual.

Csikszentmihalyi, M. (1997). *Creativity, Flow and The Psychology of Discovery and Invention*. New York: Harper Perennial.

Duarte, S. S. P. C. (2017). *Educação Visual. ESCOLA E COMUNIDADE PRÁTICAS DE AULA E INTERAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, Lisboa. Tese de Mestrado.

Duncan, P. (2006). «Challenges to Art Education from Visual Culture Studies». In Hardy, T., (edited) *Art Education in a Postmodern World*, Bristol: Intellect.

Duncan, P. (2001). *Visual Culture: Developments, Definitions and Directions for Art Education*. *Studies in Art Education* (pp. 34-51).

Edwards, B. (2011). *New Drawing on the Right Side of the Brain Workbook*. United Kingdom: Profile Books, LTA.

Efland, A. D. (2004). *Arte y cognición – la integración de las artes visuales en el currículo*. Octaedro- Eub: Espanha.

Efland, A. D., FREEDMAN, K., STUHR, P. (2003). *La educación en el arte posmoderno*, Espanha: Paidós.

Eisner, E.W. (1972). *Educating Artistic Visions*, Londres: MacMillan.

Eisner, E. W. (2011). *El Arte y la creación de la mente – el papel de las artes visuales en la transformación de la consciencia*, Espanha: Paidós.

Erikson, E. H. (1982). *The Life Cycle Completed: a review*. New York: W. W. Norton & Company.

Fowler, C. (1996). *Strong Arts, Strong Schools – The promising potential and shortsighted disregard of the arts in American Schools*, New York: Oxford University Press.

Freedman, K. (2006). *Enseñar la Cultura Visual – Currículum, estética y la vida social del arte*. Espanha: Octaedro.

Fróis, J. P., Gonçalves, R. M., Marques, E. (2011). *PRIMEIRO OLHAR – Programa Integrado de Artes Visuais*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Funch, B. S. (2011). «Tipos de apreciação artística e a sua aplicação na educação de Museu». In Fróis, J. P. (2011). *Educação Estética e Artística – abordagens transdisciplinares*. (pp. 111-127). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gardner, H. (2001). *Art Education and Human development*, EUA: Getty Publications.

Gardner, H. (2002). *La Teoría de las Inteligencias Múltiples/Estructuras de la Mente*. Bogotá: Fondo de Cultura Económico.

Gaudellius, Y., Speirs, P., (2002). *Contemporary Issues in Art Education*, New Jersey: Pearson Education, INC.

Gisbert, J. C. A. «Estructura del conocimiento artístico» *In* VIADEL, R. M. (2005). *Investigación en Educación Artística: Temas, Métodos y técnicas de indagación sobre el aprendizaje y la enseñanza de las artes y culturas visuales*, Granada: Editorial Universidade de Granada.

Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S. e Ferreira, Sérgio (2012). *VER, DESENHAR E CRIAR – Educação Visual*, 3º Ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Raiz Editora.

Hernández, F. (2000). *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

Hernández, F. (2005). «Fundamentos y perspectivas actuales da la Investigación en Education Artística». *In* Marin, R. V. (ed.) *Investigación en Education Artística: Temas, Métodos y Tecnicas de Indagación sobre el Aprendizaje y la Enseñanza da las Artes y Culturas Visuales* (pp. 175 - 200). Granada: Universidad de Granada Y Universidad de Sevilla.

Hernández, F. (2010). *Educación en cultura*, Eespanha: Octaedro.

Holzwarth, H. W. (2009). *100 CONTEMPORARY ARTISTS*, Alemanha: Taschen.

Housen, A. (2011). O olhar do observador: Investigação, Teoria e Prática. *In* Fróis, J. P. (coord.). *Educação Estética e Artística: Abordagens Transdisciplinares*. Liisboa: Funsdação Calouse Gulbenkian.

Leontiev, D. A. (2011). «Funções da Arte e da Educação Estética». *In* Fróis, J. P. (2011). *Educação Estética e Artística – abordagens transdisciplinares*. (pp. 129 - 147). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lowenfeld, V. e Brittan, W. (1987). *Creative and Mental Growth*. New Jersey: Pearson Education, INC.

May, W. T. (1993). "Teachers as researchers" or Action Research: What is it and What good is it for Art Education? *Studies in Art Education*, (pp. 114-126).

Maeso, F. R. (2003). «Todo el mundo es un artista. Creatividad, imaginación, percepción visual y otras conductas artísticas». In Viadel, R. M. (2003). *Didáctica da la Education Primaria* (pp. 107 - 141). Madrid: Pearson Education.

Mirzoeff, Nicholas (2003). *An Introuction to Visual Culture*. Londres: Routledge.

Martins, C. «E agora vai voltar a ser tudo como era?» - Por uma crítica às Artes na Educação. In Almeida, D. (COORD) *Ensaaios entre Arte e Educação* (2017). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Martins, G. (2000), «Educação Visual – uma aprendizagem a descobrir, uma relação por realizar, uma resposta por questionar». In *Imaginar*, N.º 36, Porto: Associação dos Professores de Expressão e Comunicação.

McNiff, J. (2002). *Action Research As a Formo f Teacher profissional development: Educational for the Knowledge Society*. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/ae6d/7d7965cdd941f6aa9b01ab8b4d4e13af7008.pdf>

Mccullough, S. (2008). «ON PAPER: Drawings in the collections of the Modern Art Museum – A guide for educators», New York: FSC.

Parsons, M. (2011). «Dos reportórios às ferramentas: ideias para a compreensão das obras de arte». In Fróis, J. P. (2011). *Educação Estética e Artística – abordagens transdisciplinares*. (pp. 171 - 191). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Perkins, D. N. (1994). *The Intelligent Eye – Learning to Think by Looking at Art*, EUA: Getty Publications.

Read, H. (1968). *O significado da Arte*. Lisboa: Editora Ulisseia.

Read, H. (2010). *Educação pela Arte*. Coimbra: Edições 70.

Santos, A. S. (2008). *Mediações arte-educacionais – ensaios coligidos*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (1994). *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tschimmel, K., Clemente, V., Vieira, R., (2016). *Pensamento criativo e crítico no Desenvolvimento de Produto: uma intervenção didática baseada no Design Thinking*. Revista Lusófona de Educação, 32, (pp. 75-92)

Viadel, R. M. (2003). *Didáctica de la Educación Artística*. Espanha: Pearson Education, INC.

Viadel, R. M. (2005). *Investigación en Educación Artística: Temas, Métodos y técnicas de indagación sobre el aprendizaje y la enseñanza de las artes y culturas visuales*, Granada: Editorial Universidad de Granada.

Viadel, R. M. «La investigación educativa basada en las Artes Visuales o Arteinstigación educativa». In Viadel, R. M. (2005). *Investigación en Educación Artística: Temas, Métodos y técnicas de indagación sobre el aprendizaje y la enseñanza de las artes y culturas visuales*, Editorial Universidad de Granada.

Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio de Água.

Vigotsky, L. (1971). *The psychology of art*. Cambridge: Mit Press.

Anexos

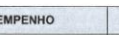
ANEXO 1 – Planificação Anual de Educação Visual	III
ANEXO 2 –Plano Anual de Atividades de Educação Visual	V
ANEXO 3 – Critérios de Avaliação do Agrupamento	VI
ANEXO 4 - Critérios de Avaliação da disciplina de Educação Visual	VII
ANEXO 5 – Inquérito	XI
ANEXO 6 – Plano de aula 1 e 2	XI
ANEXO 7 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD1	XII
ANEXO 8 – PowerPoint Elementos formais das Artes Visuais	XIII
ANEXO 9 - Plano de aula 3 e 4	XVII
ANEXO 10 - Plano de aula 5 e 6 – 7 e 8	XVII
ANEXO 11 – PowerPoint Desenho de Observação	XVIII
ANEXO 12 - Plano de aula 9 e 10	XXI
ANEXO 13 - Plano de aula 11 e 12	XXI
ANEXO 14 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD2	XXII
ANEXO 15 - Plano de aula 13 e 14	XXIII
ANEXO 16 - Plano de aula 15 e 16	XXIII
ANEXO 17 – PowerPoint Cartaz	XXIV
ANEXO 18 – Plano de aula 17 e 18	XXIX
ANEXO 19 – Plano de aula 19 e 20 – 21	XXIX
ANEXO 20 – Plano de aula 22 e 23	XXX
ANEXO 21 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD3	XXXI
ANEXO 22 – PowerPoint com Geometria Plana I	XXXII
ANEXO 23 – Plano de aula 24 e 25 - 26	XLI
ANEXO 24 – PowerPoint Delaunay	XLII
ANEXO 25 – Plano de aula 27 e 28	XLVII
ANEXO 26 – Plano de aula 29 e 30	XLVII
ANEXO 27 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD4	XLVIII
ANEXO 28 – PowerPoint com Geometria Plana II	XLIX
ANEXO 29 – Plano de aula 31 e 32	LII

ANEXO 30 – PowerPoint módulo/padrão	LIII
ANEXO 31 – Plano de aula 33 e 34	LVII
ANEXO 32 – Plano de aula 35 e 36	LVIII
ANEXO 33 – Plano de aula 37 e 38 – 39 e 40	LVIII
ANEXO 34 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD5	LIX
ANEXO 35 – PowerPoint autorretratos	LX
ANEXO 36 – PowerPoint óvulo e oval	LXV
ANEXO 37 – Plano de aula 41 e 42 – 43 e 44	LXVII
ANEXO 38 – PowerPoint autorretratos artistas contemporâneos	LXVII
ANEXO 39 – Plano de aula 45 e 46	LXIX
ANEXO 40 - PowerPoint com Planificação e Critérios de Avaliação da UD6	LXX
ANEXO 41 – Plano de aula 47 - 48 e 49	LXXI
ANEXO 42 – PowerPoint Banda Desenhada	LXXI
ANEXO 43 – Plano de aula 50	LXXVI

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO ALGARVE 7.º ANO Ano Letivo 2018/2019  AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO COELHO CABANITA PLANIFICAÇÃO ANUAL - EDUCAÇÃO VISUAL					
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	ATIVIDADES / ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
	OBJETIVO GERAL (1): Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas	1.1: Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, lapiseira, régua, esquadros, transferidor, compasso). 1.2: Registrar e analisar as noções de escala nas produções artísticas, nos objetos e no meio envolvente (redução, ampliação, tamanho real). 1.3: Desenvolver formas artificiais à escala da mão, do corpo e do espaço vivencial imediato e conhecer a noção de sombra própria e de sombra projetada	- Teste diagnóstico - Identificação da capa... Construção/elaboração do Letrining	Capa de Elásticos preto Lápis de grafite e/ou Lapiseira Régua Esquadros 45/60º Tesoura Papel quadriculado Cartolinas Cola líquida Cola stick Caneta Acetato Preta Papel vegetal Papel auto-colante Papel Cavalinho Caderno diário Manual Instrumentos de registo: lápis de grafite, lápis de cor, e canetas de feltro, outros materiais complementares.	Diagnóstica Formativa Sumativa Participação Observação directa do real Trabalhos (criatividade, empenho e interesse, cumprimento das normas de trabalho) Espírito Crítico e de análise Atenção e Concentração Rigor/clareza na representação Auto-avaliação
	OBJETIVO GERAL (5): Dominar instrumentos de registo, materiais e técnicas de representação.	5.1: Selecionar instrumentos de registo e materiais de suporte em função das características do desenho (papel: textura, capacidade de absorção, gramagem; lápis de grafite: graus de dureza; pincéis). 5.2: Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, pastel de óleo e seco, tinta da china, guache, aquarela, colagem).	- Levantamento gráfico do envolvimento	Lápis de grafite Lápis de cor Canetas de feltro Pincéis Papel vegetal Papel auto-colante Papel Cavalinho Caderno diário Manual	Espírito Crítico e de análise Atenção e Concentração Rigor/clareza na representação Auto-avaliação
	OBJETIVO GERAL (8): Dominar tipologias de representação expressiva.	8.1: Desenvolver ações orientadas para a representação da realidade através da percepção das proporções naturais e das relações orgânicas. 8.2: Representar objetos através da simplificação e estilização das formas.	- Registo gráfico por ampliação de um objeto - Simplificação do objeto	Lápis de grafite Papel cavalinho A3 Caderno diário	Rigor/clareza na representação Espírito Crítico e de análise Observação directa do real Auto-avaliação

Planificação Anual – 7.º Ano 2018/2019

1

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO ALGARVE 7.º ANO Ano Letivo 2018/2019  AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO COELHO CABANITA PLANIFICAÇÃO ANUAL - EDUCAÇÃO VISUAL					
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	ATIVIDADES / ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
	OBJETIVO GERAL (6): Reconhecer o papel do desenho expressivo na representação de formas.	6.1: Explorar e aplicar processos convencionais do desenho expressivo na construção de objetos gráficos (linhas de contorno: aparentes e de configuração; valores claro/escuro: sombra própria e projetada; medidas e inclinações). 6.2: Desenvolver e empregar diferentes modos de representação da figura humana (captar a proporção da figura e do rosto; relações do corpo com os objetos e o espaço).	Registo de observação de modelo do corpo e do rosto humanos e sua representação expressiva Representação gráfica do rosto Construção de uma tira de Banda Desenhada – utilização das técnicas base de construção rigorosa - elaboração do projeto com esboços a lápis de grafite Traçado rigoroso de paralelas, perpendiculares e rectângulos (tiras e vinhetas)	Power Point sobre evolução da representação da fig. humana; proporções – representação na arte Apresentação e Exploração oral de power point alusivo à gramática da B. D. Instrumentos de rigor Lápis de grafite Lápis de cor Caderno diário Manual	Formativa/Sumativa Pesquisas Qualidade expressiva / formal Interpretação / criatividade Método Autonomia Sentido crítico e estético Gestão adequada do tempo Auto-avaliação
	OBJETIVO GERAL (2): Conhecer formas geométricas no âmbito dos elementos de representação.	2.1: Empregar propriedades dos ângulos em representações geométricas (traçado da bisetriz, divisão do ângulo em partes iguais). 2.2: Utilizar circunferências tangentes na construção de representações plásticas (tangentes externas e internas, reta tangente à circunferência, linhas concordantes). 2.3: Desenhar diferentes elementos, tais como espirais (bicêntrica, tricêntrica, quadricêntrica), ovais, óvulos (eixo menor e eixo maior) e arcos (volta inteira/romano, ogival, curva e contracurva, abatido).	Desenho geométrico: construções Traçado rigoroso na representação de formas poligonais/fig. Geométricas (composição gráfica) Exploração dos conceitos de módulo e padrão Realização padrões (estruturas modulares) com base em elementos diversos (módulos)	Instrumentos de rigor Utilização de diversos materiais e técnicas de exploração plástica: Instrumentos de rigor Lápis de grafite Lápis de cor Caderno diário Manual	Formativa/Sumativa Rigor Qualidade expressiva / formal Interpretação / criatividade Método Autonomia Sentido crítico e estético Gestão adequada do tempo Utilização adequada de terminologia específica Auto-avaliação
	OBJETIVO GERAL (4): Dominar a aquisição de conhecimento geométrico.	4.1: Desenvolver ações orientadas para a decomposição geométrica das formas, enumerando e analisando os elementos que as constituem. 4.2: Desenvolver capacidades que evidenciem objetivamente a compreensão da estrutura geométrica do objeto.	(articular com disciplina de matemática)		

	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	ATIVIDADES /ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AValiação	
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	TÉCNICA	OBJETIVO GERAL (3): Relacionar sistemas de projeção e codificação na criação de formas.	Distinguir formas rigorosas simples, utilizando princípios dos sistemas de projeção (sistema europeu: vistas de frente, superior, inferior, lateral direita e esquerda, posterior; plantas, alçados).	Trabalho prático de construção geométrica cotada, com ditado de orientação	Power point	Formativa/Sumativa
					Caderno diário	Rigor
					Instrumentos de registo: lápis de grafite e outros materiais complementares de desenho rigoroso	Qualidade expressiva / formal
					Manual	Interpretação / criatividade
					A3	Método
DISCURSO	OBJETIVO GERAL (9): Compreender a noção de superfície e de sólido.	9.1: Descrever o processo de criação de superfícies e de sólidos (geratriz e diretriz). 9.2: Enumerar tipos de superfícies (plana, piramidal, paralelepípeda, cônica, cilíndrica e esférica) e sólidos (pirâmides, paralelepípedos, prismas, cones, cilindros e esferas).	Aplicação do conceito de paralelos			Autonomia
DISCURSO	OBJETIVO GERAL (10): Distinguir elementos de construção de poliedros	10.1: Reconhecer a diferença entre polígono e poliedro. 10.2: Descrever os elementos de construção de poliedros (faces, arestas e vértices). 10.3: Identificar tipos de poliedros (regulares e irregulares) no envolvente.	Exercícios práticos de construção rigorosa			Sentido crítico e estético
DISCURSO	OBJETIVO GERAL (11): Compreender e realizar planificações geométricas de sólidos	11.1: Distinguir sólidos planificáveis de não planificáveis. 11.2: Realizar planificações de sólidos (poliedros: poliedros regulares, prismas e pirâmides; cones; cilindros).	Desenho rigoroso de construções geométricas Representação de formas poligonais	Power point A3 Caderno diário Manual	Formativa/Sumativa	Interpretação / criatividade
DISCURSO	OBJETIVO GERAL (12): Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional.	12.1: Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência. 12.2: Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.	Planificação e construção de sólidos geométricos Aplicação de algumas convenções como desenho cotado e escalas	Power point A3 Caderno diário Manual	Formativa/Sumativa	Interpretação / criatividade
						Método
						Autonomia
						Auto-avaliação

Planificação Anual – 7.º Ano 2018/2019

3

	OBJETIVOS GERAIS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO	ATIVIDADES /ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AValiação	
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	PROJETO	OBJETIVO GERAL (13): Explorar princípios básicos do Design e da sua metodologia.	13.1: Analisar e valorizar o contexto em que surge o design (evolução histórica, artesanato, produção em série indiscriminada, a primeira escola: Bauhaus, objetos de design, etc.). 13.2: Reconhecer e descrever a metodologia do design (enunciação do problema, estudo de materiais e processos de fabrico, pesquisa formal, projeto, construção de protótipo, produção). 13.3: Identificar disciplinas que integram o design (antropometria, ergonomia, etc.).	Exploração oral de uma apresentação em power point Registo gráfico de observação/esboço Construção e apresentação de projeto de construção de um objeto	Power point Caderno diário A4 e A3 Utilização de diversos materiais e técnicas de exploração plástica:	Formativa/Sumativa. Pesquisa - Rigor / Clareza na representação rigorosa - Autonomia no trabalho individual. - Gestão adequada do tempo. Auto-avaliação
	PROJETO	OBJETIVO GERAL (14): Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.	14.1: Distinguir e analisar diversas áreas do design (design comunicação, produto e ambientes). 14.2: Desenvolver soluções criativas no âmbito do design, aplicando os seus princípios básicos, em articulação com áreas de interesse da escola.	Apresentação do projeto elaborado	Instrumentos de rigor Lápis de grafite Lápis de cor Manual	
	REPRESENTAÇÃO	OBJETIVO GERAL (7): Aplicar tecnologias digitais como instrumento de representação.	7.1: Distinguir vários tipos de tecnologias digitais e as suas potencialidades como ferramenta de registo. 7.2: Explorar registos de observação documental através das tecnologias digitais (imagem digital; fotografia digital: composição ou enquadramento, formato, ponto de vista, planos, iluminação; vídeo digital: planos de ação, movimentos de câmara).	Elaboração de um projeto para a execução de um folheto/cartaz Apresentação do projeto	Power point Utilização de diversos materiais e técnicas de exploração plástica: Instrumentos de rigor Lápis de grafite Lápis de cor Caderno diário Manual	Formativa/Sumativa. Pesquisa Qualidade expressiva / formal Interpretação / criatividade Método Autonomia Sentido crítico e estético Gestão adequada do tempo Apresentação dos trabalhos de pesquisa: Empenho, exposição do trabalho, rigor, organização temática, utilização adequada de terminologia específica, participação nos debates. Auto-avaliação
	PROJETO	OBJETIVO GERAL (15): Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto.	15.1: Desenvolver ações orientadas para a observação, que determinam a amplitude da análise e asseguram a compreensão do tema. 15.2: Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise.	(articular com disciplina de TIC)		

- ☐ A sequência e o grau de desenvolvimento das metas curriculares definidas poderá ser pontualmente alterada, se tal se revelar necessário face ao ritmo de aprendizagem de cada grupo/classe, bem como à necessidade de articulação entre formas de representação técnica e rigorosa e formas de expressão criativa. Pretende-se, desenvolver o rigor, a criatividade, o sentido crítico, o domínio e seleção criteriosa de técnicas e materiais.
- ☐ A concretização prática dos objetivos/descriptores aqui definidos será feita quer através de exercícios práticos, fichas de trabalho e trabalhos/exercícios de síntese da aplicação dos conteúdos programáticos, quer através da aplicação da metodologia de projeto, sempre que se justifique, face aos objetivos pretendidos.
- ☐ Está prevista a articulação curricular com outras disciplinas.
- ☐ A avaliação terá como referência os diferentes domínios das metas curriculares de cada ano de escolaridade.

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO ALGARVE
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO COELHO CABANITA
PROPOSTA DE PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2018/2019

Entidade promotora: Departamento de Expressões – Grupo de Educação Visual / 3º ciclo

Calendarização			Objetivos	Áreas de conteúdo	Intervenientes	Descrição das atividades	*Proposta de Organização e recursos	Concretização das atividades previstas	Reflexão/avaliação crítica Oportunidades de melhoria
Período	Mês	Dia							
(1º, 2º e 3º Períodos)			Incentivar o envolvimento e a participação dos alunos nos trabalhos (individuais ou em grupo), realizados na aula e extra aula. Sensibilização dos alunos para diferentes formas de expressão artística.		7º, 8º, 9º Anos	Exposições de trabalhos realizados pelos alunos (salas 5 e 14 e/ou noutros espaços). Exposição de trabalhos e outras atividades.	Vários tipos de papel; - Cartolinas - Colas; - Tintas; - Lápis de Cor; - Canetas de feltro; - Reutilização de materiais diversos; - Computador; - Vídeo- - Projetor; - Internet. - Total aproximado: Sessenta e cinco euros.	Realizado ☐ Parcialmente realizado ☐ Não realizado ☐	Será feita de acordo com os critérios de avaliação de escola e de disciplina

* Obrigatório o preenchimento deste campo

Responsável: Gilda Eusébio

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**
EDUCAÇÃO
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO ALGARVE
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO COELHO CABANITA
CRITÉRIOS GERAIS DE AVALIAÇÃO
Ano Letivo 2018/2019

1. A avaliação tem caráter formativo, contínuo, não podendo a avaliação de uma disciplina ser considerada fora do contexto das restantes frequentadas pelo aluno. Assim, o professor de cada disciplina é apenas portador de uma informação sobre o aproveitamento de cada aluno.

2. A avaliação sumativa traduz-se num juízo globalizante sobre as competências, capacidades, atitudes e valores do aluno, pelo que os professores terão em conta os seguintes critérios aprovados em Conselho Pedagógico:

Domínios a avaliar	Ensino regular		Formação alternativa	
	1.º ao 8.º ano	9.º ano	CEF	PIEF
Cognitivo e Psicomotor	80%	80%	60%	50%
Sócio afetivo	20%	10%	40%	50%

3. Os domínios Cognitivo e Psicomotor são avaliados de acordo com Critérios e Parâmetros Específicos de Avaliação de cada Disciplina/Área Curricular, aprovados em Conselho Pedagógico.

4. O domínio Sócio afetivo é avaliado por todos os docentes de acordo com os seguintes descritores e respetivos coeficientes, aprovados em Conselho Pedagógico:

Regular	Empenho/Interesse 60%		Responsabilidade/Comportamento 40%	
	O aluno realizou as tarefas (50%)	O aluno fez o TPC (10%)	O aluno trouxe o material (5%)	O aluno foi pontual (5%)
CEF	Participação (10%)	Empenho (10%)	Organização do material (5%)	Pontualidade (5%)
	Atitudes 40%		Comportamento (10%)	
PIEF	Empenho/Interesse 60%		Responsabilidade/Comportamento 40%	
	O aluno realizou as tarefas (60%)	O aluno trouxe o material (5%)	O aluno foi pontual (5%)	O aluno não perturbou a aula (30%)

* O descritor poderá não ser avaliado pelo docente. Neste caso, o peso desse descritor será transferido para outro do mesmo domínio.

5. A avaliação sumativa da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento deverá ser avaliada com a menção quantitativa na escala de 1 a 5.

6. A avaliação sumativa interna ocorre no final de cada período letivo.

7. No 1.º ciclo do ensino básico, a informação resultante da avaliação sumativa interna materializa-se de forma descritiva em todas as áreas curriculares.

8. No 2.º e 3.º ciclos, a informação resultante da avaliação sumativa materializa-se numa escala de 1 a 5 em todas as disciplinas.

9. Nos instrumentos de avaliação deve constar obrigatoriamente apenas a percentagem.

10. Esta percentagem, de acordo com a legislação em vigor, é enquadrada da seguinte forma:

Percentagem %	Nível	Forma descritiva
0 a 19	1	Insuficiente
20 a 49	2	
50 a 69	3	Suficiente
70 a 89	4	Bom
90 a 100	5	Muito bom

CRITÉRIOS E PARÂMETROS ESPECÍFICOS DE AVALIAÇÃO DE CADA DISCIPLINA

Os Encarregados de Educação (EE) poderão tomar conhecimento dos critérios e parâmetros específicos de avaliação, do currículo, do perfil de aprendizagens específicas e do número de aulas previstas em cada uma das disciplinas/áreas curriculares que constituem o currículo escolar dos alunos. No final de cada período, na reunião a realizar com os EE, serão prestadas informações sobre os conteúdos lecionados em cada disciplina bem como do número de aulas ministradas. Todos estes documentos serão disponibilizados para consulta, que poderá ser solicitada ao Diretor de Turma/Prof. Titular de Turma.

CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO - FICHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO - ANO LETIVO 2018/2019

DOMÍNIOS DE COMPETÊNCIAS	ALUNOS DA TURMA																											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Conhecimentos e Compreensão crítica																												
Conhece-se e compreende-se criticamente																												
Conhece e compreende criticamente a linguagem e a comunicação																												
Conhece e compreende criticamente o mundo em múltiplos aspetos																												
Capacidades																												
É capaz de aprender autonomamente																												
É capaz de analisar e pensar criticamente																												
É capaz de escutar e observar com atenção																												
Consegue criar empatia																												
É capaz de ser flexível e adaptar-se às situações																												
Comunica, oralmente e por escrito, com qualidade																												
Consegue resolver conflitos																												
Reflete sobre o que e como aprendeu																												
Atitudes																												
Toma a iniciativa																												
Respeita os outros																												
Tem espírito cívico (coopera, colabora, contribui, disponibiliza-se, solidariza-se...)																												
É responsável																												
Tolera a diferença e a ambiguidade																												
Empenha-se no trabalho, na ação/atividade																												
Valores																												
Valoriza a dignidade humana e os direitos humanos																												
Valoriza a diversidade cultural																												
Valoriza a democracia, a justiça, a equidade e a igualdade																												
Avaliação global																												

Registo: Nº... Data: ...

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: Feminino 12 anos

1. Gostas de desenhar? Sim
2. Tens o hábito de desenhar? Não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Sim
4. O que é para ti desenhar bem? Não sei bem
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Continuo até ficar como gosto.
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Sim, não sei
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Sim, depende do momento, telemóvel.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: Masculino 12 anos

1. Gostas de desenhar?
Sim
2. Tens o hábito de desenhar?
Não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não?
Sim
4. O que é para ti desenhar bem?
Desenhar como Leonar da Vinci
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas?
Continuo a desenhar
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais?
Sim, não sei
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: Feminino (13 anos)

1. Gostas de desenhar?
Não
2. Tens o hábito de desenhar?
Sim, mas não gosto porque não sei desenhar
3. Costumavas desenhar, mas agora já não?
Sim
4. O que é para ti desenhar bem?
É fazer bem os desenhos e estarem perfeitos
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas?
Continuo, mas às vezes mesmo assim não gosto
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais?
Sim, mas não sei quais
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Gosto de tirar fotos, com o telemóvel

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2,3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: Masculino 15 anos

1. Gostas de desenhar?
Sim
2. Tens o hábito de desenhar?
Sim
3. Costumavas desenhar, mas agora já não?
Sim
4. O que é para ti desenhar bem?
Conseguir transmitir a imagem da cabeça para o desenho (folha)
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas?
Continuo até ficar como gosto.
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais?
Sim, gostava de aprender todo de um curso de técnicas de desenho.
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Gosto, com o telefone.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita
GÉNERO E IDADE: Feminino (12 anos)

1. Gostas de desenhar? Não
2. Tens o hábito de desenhar? Não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Antes eu não desenhava e agora também não
4. O que é para ti desenhar bem? Para mim desenhar bem é ter um talento
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Eu continuo até ficar bem como gosto
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Sim mas não sei quais
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? Sim não sei o tipo e faço-os com o telemóvel ou o tablet

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita
GÉNERO E IDADE: Masculino (13)

1. Gostas de desenhar? Sim
2. Tens o hábito de desenhar? Sim
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Não
4. O que é para ti desenhar bem? Não sei
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Abandono
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? talvez
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? Sim, vídeos quais quer telefone

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita
GÉNERO E IDADE: feminino (15 anos)

1. Gostas de desenhar? Sim
2. Tens o hábito de desenhar? Sim
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? não
4. O que é para ti desenhar bem?
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Não
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Sim porque gosto de pintar
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? Sim porque gosto de tirar fotos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita
GÉNERO E IDADE: masculino (17 anos)

1. Gostas de desenhar? Não
2. Tens o hábito de desenhar? Não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Sim
4. O que é para ti desenhar bem? É saber desenhar
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Tento melhorar alguma coisa
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Sim, mas não sei quais
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? Gosto de tirar fotos, ao ar livre, no meu telemóvel.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
INQUÉRITO a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita GÉNERO E IDADE: <u>masculino 14 anos</u> 1. Gostas de desenhar? <u>Sim mas não tenho o hábito</u> 2. Tens o hábito de desenhar? <u>Sim</u> 3. Costumavas desenhar, mas agora já não? <u>Sim</u> 4. O que é para ti desenhar bem? <u>Se não precisas de ter calma, concentração,</u> 5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? <u>Imagino, ou continuo a desenhá-lo se for difícil</u> 6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? <u>Sim, ter mais técnica na mão a fazer as coisas perfeitas só de uma vez</u> 7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? <u>Sim, gosto de tirar fotografias e fazer vídeos</u>	INQUÉRITO a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita GÉNERO E IDADE: <u>masculino 13 anos</u> 1. Gostas de desenhar? <u>Não</u> 2. Tens o hábito de desenhar? <u>Não</u> 3. Costumavas desenhar, mas agora já não? <u>Não, não costumava desenhar</u> 4. O que é para ti desenhar bem? <u>É ter as riscas perfeitas e ficar bonito</u> 5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? <u>Se ao desenhá-lo não ficar bem, continuo até ficar à minha maneira</u> 6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? <u>Sim, não tenho quais</u> 7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? <u>Gosto de tirar fotografias com</u>
INQUÉRITO a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita GÉNERO E IDADE: <u>feminino (15 anos)</u> 1. Gostas de desenhar? <u>Sim</u> 2. Tens o hábito de desenhar? <u>às vezes</u> 3. Costumavas desenhar, mas agora já não? <u>mais ou menos</u> 4. O que é para ti desenhar bem? <u>É uma coisa fazer tudo bem feito de uma vez</u> 5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? <u>Sim, a fazer tudo e fazer outra vez</u> 6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? <u>Sim, gosto de aprender a fazer coisas bem feitas</u> 7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? <u>Gosto muito de tirar fotos mas tiro com o telemóvel</u>	INQUÉRITO a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita GÉNERO E IDADE: <u>masculino 12 anos</u> 1. Gostas de desenhar? <u>Não</u> 2. Tens o hábito de desenhar? <u>Não</u> 3. Costumavas desenhar, mas agora já não? <u>Sim</u> 4. O que é para ti desenhar bem? <u>Não sei</u> 5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? <u>Continuo</u> 6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? <u>Não</u> 7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)? <u>Não</u>

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: femenina

1. Gostas de desenhar? Sim
2. Tens o hábito de desenhar? Sim
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Sim
4. O que é para ti desenhar bem? Não sei
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? abandono
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Não sei
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Sim, fotografias com o telemóvel

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: Femenina (14)

1. Gostas de desenhar? Sim
2. Tens o hábito de desenhar? Às vezes
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Sim
4. O que é para ti desenhar bem? Não sei
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Continuo
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Talvez
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: masculino 12 anos

1. Gostas de desenhar? Não
2. Tens o hábito de desenhar? Às vezes
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? Costumava agora não
4. O que é para ti desenhar bem? Não sei
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? Continuo
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? Sim! Umhas quaisquer
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não gosto de tirar fotos nem fazer vídeos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabrita

GÉNERO E IDADE: masculino (12 anos)

1. Gostas de desenhar? não
2. Tens o hábito de desenhar? não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não? não sei
4. O que é para ti desenhar bem? não sei
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas? não sei
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais? não sei
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não sei

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita

GÉNERO E IDADE: Masculino

1. Gostas de desenhar?
Sim!
2. Tens o hábito de desenhar?
Sim!
3. Costumavas desenhar, mas agora já não?
Sim!
4. O que é para ti desenhar bem?
Não sei!
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas?
Atago e continuo!
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais?
Sim!
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não!

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

INQUÉRITO
a realizar aos alunos da turma E do 7º ano, da Escola EB 2.3 Padre João Coelho Cabanita

GÉNERO E IDADE: Masculino I - 12 anos

1. Gostas de desenhar?
Sim
2. Tens o hábito de desenhar?
Não
3. Costumavas desenhar, mas agora já não?
Sim
4. O que é para ti desenhar bem?
E expressar o que sentimos
5. Se ao desenhares achares que não está bem, abandonas ou continuas até ficar como gostas?
Continuo a desenhar
6. Gostarias de aprender técnicas que te ajudassem a desenhar? Se sim, quais?
Sim, não sei
7. Gostas de tirar fotografias e fazer vídeos? Se sim, que tipo de fotografias e/ou vídeos fazes? E com o quê (telemóvel ou outro aparelho tecnológico)?
Não

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 1 e 2 (15.11.2018)					
U.D.1	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
VER, OLHAR, REGISTRAR (3Tempos)	U.D. 1.1 – “A partir do ponto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Definição de ponto e algumas características da sua representação.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual Papel da imagem na comunicação FORMA: Perceção visual da forma Qualidades expressivas	Utilizar diferentes meios expressivos de representação	Ficha Informativa PPT sobre Os elementos formais das Artes Visuais Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. compreensão, interesse e empenho dos conteúdos.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa UNIDADE DIDÁTICA 1 – VER, OLHAR, REGISTRAR (1º Período – 10 Tempos*)					
UD1	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
VER, OLHAR, REGISTRAR	U.D. 1.1 – “A partir do ponto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Definição de ponto e algumas características da sua representação. U.D. 1.2 – “A partir da linha” (1 tempo) Definição de linha e os vários tipos desta. U.D. 1.3 – “A partir das texturas” (1 tempo) Definição e tipos de texturas. Criação de texturas visuais. U.D. 1.4 – “A registar” (4 tempos) O desenho de observação – suas características. Registo de elementos naturais e artificiais através dos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores. U.D. 1.5 – “A mostrar” (2 tempos) Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual Papel da imagem na comunicação ESPAÇO: Desenho de observação - desenvolver o olhar e a observação, as texturas, o claro-escuro Representação do espaço – desenvolver a escala e as proporções FORMA: Percepção visual da forma Qualidades expressivas LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. . A luz/cor no ambiente	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva das formas Utilizar diferentes meios expressivos de representação Saber registar e realizar texturas através de técnicas diversas Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz/cor, das linhas, das texturas, do volume e da superfície Saber registar o levantamento gráfico de objetos naturais e artificiais Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas	Papel cavilinho A4 (120g) Grafite de vários graus de dureza Canetas de feltro de várias espessuras Conchas, folhas e pinhas Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Os elementos formais das Artes Visuais e Desenho de Observação Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3ªCICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora. Método de desenho inspirado na obra – <i>The New Drawing on the Right Side of the Brain</i> de Betty Edwards	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançou os objetivos propostos pela docente. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 90min.

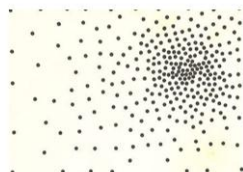
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 1 – VER, OLHAR, REGISTRAR		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5% RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5% MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10% INTERESSE NAS AULAS5% COOPERAÇÃO5% CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15% - CONHECER AS TÉCNICAS DO DESENHO DE OBSERVAÇÃO, DAS TEXTURAS E DO CLARO-ESCURO - CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10% PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10% - REALIZAR DESENHOS DE OBJETOS NATURAIS E ARTIFICIAIS EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10% - DESENHAR DE MODO A REPRESENTAR AS FORMAS EXPRESSIVAS SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5% APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%

ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS



PONTO

O **ponto** é o início de tudo. É o elemento mais básico dos elementos formais...



Quando os **pontos se agrupam**, podem estar **ordenados** ou **desordenados**. Com um agrupamento de pontos desordenados podemos simular uma forma qualquer, uma cor, uma superfície ou uma textura. Se os pontos tiverem ordenados, permitem-nos associá-los com maior facilidade e construir com eles as linhas e as redes que formam a estrutura dos objectos.



ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

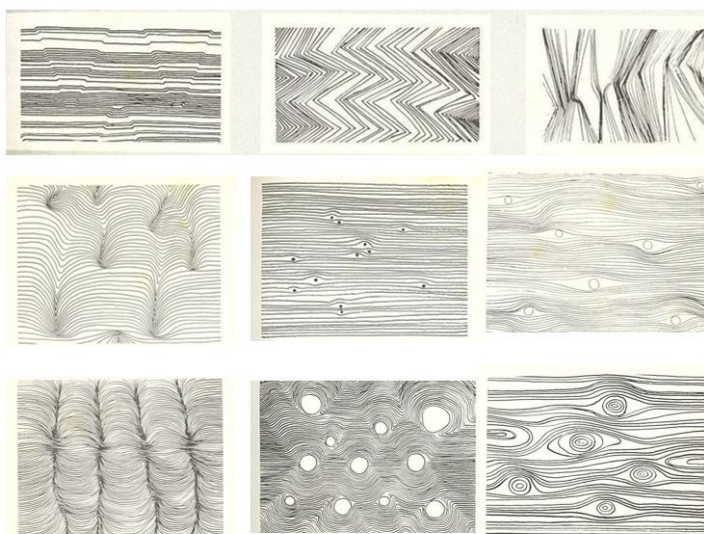
LINHA

A **linha** é uma forma unidimensional, obtida através de infinitos pontos, ou através do rastro de um ponto, quando se coloca um ponto em movimento, ele forma uma linha. Este desenho chama-se **risco** quando se desenha casualmente, e denomina-se de **traço** quando se realiza com a intenção de representar alguma coisa. A **linha** é um elemento configurador porque a partir dela limitamos ou marcamos uma composição, criamos formas ou figuras geométricas ou não geométricas, representamos zonas de luz e de sombra ou simulamos volumes.

ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

TIPOS DE LINHAS:

Linhas rectas,
curvas,
quebradas,
poligonais,
abertas
ou fechadas.



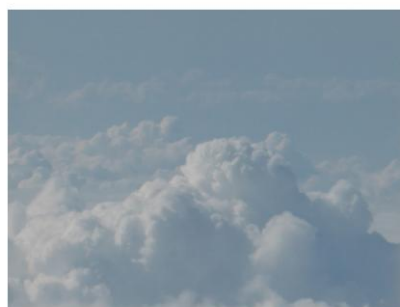
ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

TEXTURA

A **textura** é a característica de uma superfície, visual e tátil, ou seja, a "pele" de uma forma, que permite identificá-la e distingui-la de outras formas. Quando tocamos ou olhamos para um objeto ou superfície sentimos se a sua "pele" é lisa ou rugosa, macia ou áspera, brilhante ou opaca. A textura é, por isso, uma sensação visual ou tátil, natural ou artificial.

ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

TEXTURAS NATURAIS



ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

TEXTURAS ARTIFÍCIAIS



ELEMENTOS FORMAIS DAS ARTES VISUAIS

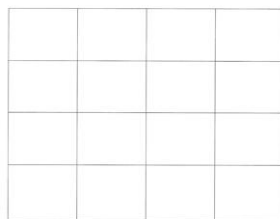
EXERCÍCIO

Realiza dentro das quadrículas da ficha dada, várias texturas gráficas utilizando pontos e linhas, com canetas de feltro pretas de várias espessuras, como nos exemplos que vês.

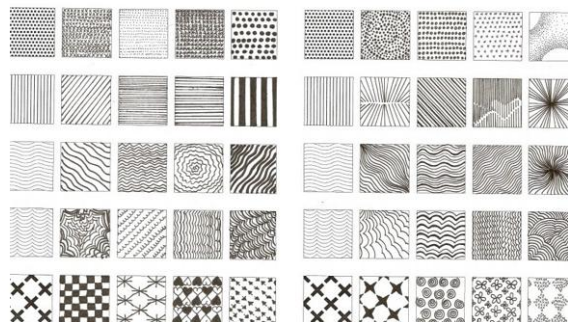


AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO ODELETO CABRITA
EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
UNID. 1916/2019

EXERCÍCIO 1: Realiza dentro das quadrículas várias texturas visuais utilizando pontos e linhas, com canetas de feltro pretas de várias espessuras, como nos exemplos que vês.



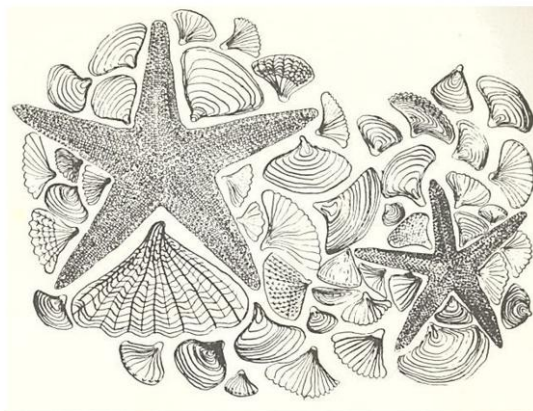
NOME _____ N.º _____ ANO _____ TURMA _____



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 3 e 4 (22.11.2018)					
U.D.1	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
VER, OLHAR, REGISTRAR (2 Tempos)	U.D. 1.2 – “A partir da linha” (1 tempos) Definição de linha e os vários tipos desta. U.D. 1.3 – “A partir das texturas” (1 tempos) Definição e tipos de texturas. Criação de texturas visuais.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual Papel da imagem na comunicação FORMA: Perceção visual da forma Qualidades expressivas	Utilizar diferentes meios expressivos de representação Saber registar e realizar texturas através de técnicas diversas	Canetas de feltro de várias espessuras Ficha Formativa Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 5 e 6 (29.11.2018); 7 e 8 (06.12.2018)					
U.D.1	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
VER, OLHAR, REGISTRAR (4 Tempos)	U.D. 1.4 – “A registar” (4 tempos) O desenho de observação – suas características. Registo de elementos naturais e artificiais através dos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores.	ESPAÇO: Desenho de observação - desenvolver o olhar e a observação, as texturas, o claro-escuro Representação do espaço – desenvolver a escala e as proporções FORMA: Perceção visual da forma Qualidades expressivas LUZ/COR: . Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. . A luz/cor no ambiente	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva das formas Compreender os efeitos da cor na perceção do mundo envolvente Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas	Papel cavalete A4 (120g) Grafite de vários graus de dureza Canetas de feltro de várias espessuras Conchas, folhas e pinhas Computador, retroprojektor Fichas Informativa e Formativa PPT sobre o Desenho de Observação Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora. Método de desenho inspirado na obra – <i>The New Drawing on the Right Side of the Brain</i> de Betty Edwards	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

VER, OLHAR, REGISTRAR



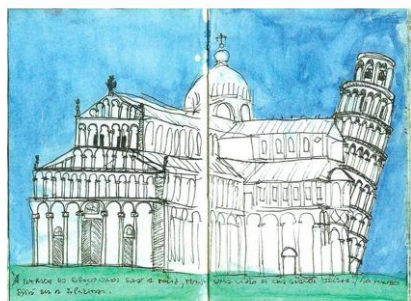
EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

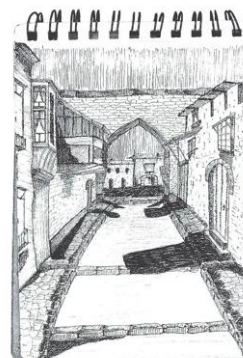
O **desenho** é uma representação gráfica constituída por um conjunto de linhas, pontos e manchas, registados num suporte plano.

No desenhar está implícita uma relação entre o **ver**, o **pensar**, o **sentir** e o **fazer** – o movimento do teu corpo e da tua mão como meio riscador que o utilizas. Podes desenhar com objetividade as formas reais do quotidiano, que existem no espaço envolvente ou as da tua imaginação.

O **desenho ajuda-te a pensar, a organizar, a criar e a comunicar.**



Ágins de diário gráfico de Eduardo Salavisa.



Página de diário gráfico de aluno de 14 anos.

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Pensar - quando desenhamos um objeto, analisamos com mais atenção a sua forma e a sua estrutura. Também estamos mais atentos aos detalhes da textura e aos brilhos da superfície. Ao estudar as formas que nos rodeiam ficamos mais sábios e expressamos melhor o que sentimos.

Organizar – o desenho ajuda a organizar o raciocínio e estimula a Imaginação. Tal como as ideias podem ser transmitidas por palavras, os pensamentos também podem ser visíveis através de desenhos. Olhar uma forma, desenhando-a obriga a uma observação atenta e disciplinada e ao controlo dos movimentos da mão.

Criar – o desenho ajuda-nos a concretizar as nossas ideias, a representar formas que não existem na realidade. Antes de se construir uma nova forma, há desenhá-la, fazer estudos, fazer o projeto.



Pieter Brueghel, o Velho
(1525-1569), "Peixe grande
come os peixes pequenos",
1556, tinta da china e esti-
lete sobre papel.

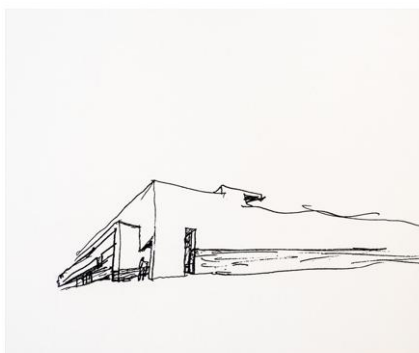


DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Comunicar – o desenho, tal como a escrita, é uma forma de comunicação. Permite que os artistas, os estilistas, os arquitetos, etc., comuniquem as suas ideias e os seus projetos ao observador. Mesmo um desenho de sentido figurativo pode contar-te coisas que não conheces, como por exemplo: os desenhos que um homem pré-histórico gravou nas paredes, e que chegaram até nós transmite-nos informações sobre o seu modo de vida e a natureza que o rodeava.



Representação gráfica de
animal gravado na rocha,
em Foz Coa.



Adega Mayor, Campo Maior (2007)
Siza Vieira



Desenho do estilista Karl Lagerfeld

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Desenho expressivo – é feito à mão livre, usando um material riscador e um material de suporte. A expressão do desenho relaciona-se com três aspetos distintos:

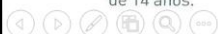
o **traço** – as linhas e outros materiais registados, mais incisivos ou mais leves; o **gesto** – o movimento da mão mais amplo ou mais contido de quem desenha; a **percepção** – a maneira como quem realizou captou e entendeu a realidade.

O traço está relacionado com o gesto e com os materiais utilizados, pois estes têm uma expressão própria. Por isso, os grafismos, as texturas, os traços e os tons variam de acordo com os materiais e, ainda, com os processos utilizados.

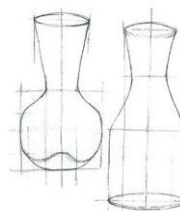
Cada um de nós tem uma maneira própria de riscar. Se pensarmos que cada pessoa tem uma caligrafia própria e individualizada, podemos compreender melhor esta ideia.



Desenho de aluno de 14 anos.



Trabalho de aluno de 14 anos. As linhas de estrutura estão desenhadas a traço mais fino.

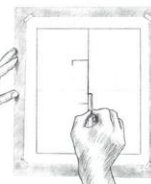
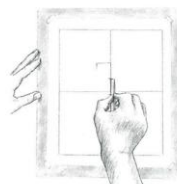
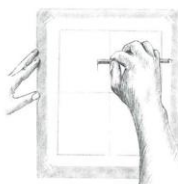


O eixo de simetria ajuda a estruturar e a construir as formas. As outras linhas estruturais ajudam a proporcionar corretamente os volumes.

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

EXERCÍCIO

Desenha em papel cavalinho A4 com grafites de várias graus de dureza, alguns elementos naturais que tens disponíveis na sala de aula e objetos que encontras no teu estojo, criando composições plásticas. Inspira-te nos conhecimentos adquiridos e nas texturas que criaste nas aulas anteriores. Podes utilizar o método da investigadora Betty Edwards, como no exemplo das imagens.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 9 e 10 (13.12.2018)					
U.D.1	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
VER, OLHAR, REGISTRAR (2Tempos)	U.D. 1.5 – “A mostrar” (2 tempos) Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.		Os alunos irão refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançaram os objetivos propostos pelas docentes.	Trabalhos realizados pelos alunos Ficha de registo da autoavaliação Ficha de registo da avaliação dos trabalhos	AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 1º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 11 e 12 (03.01.2019)					
U.D.2	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
“SE É DE ESTIMAÇÃO ... ESTIMA-O” (2Tempos)	U.D. 2.1 – “SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Pesquisa dos animais de estimação, impressão em formato A3 e passagem para papel vegetal e decalque sobre papel cavallinho	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual FORMA: Perceção visual da forma Qualidades expressivas	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva das formas Utilizar diferentes meios expressivos de representação Registrar e realizar texturas através de técnicas diversas Compreender que a perceção visual das formas envolve a interação da luz/cor, das linhas, das texturas, do volume e da superfície Reconhecer a importância das imagens	Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Fotografias Fotocópias Grafite de vários graus de dureza Lápis de cera Lápis pastel Canetas de feltro de várias espessuras Outros materiais que os alunos julguem pertinentes Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa UNIDADE DIDÁTICA 2 – “SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O” (2º Período – 8 Tempos*)					
UD2	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
“SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O”	U.D. 2.1 – “SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Pesquisa dos animais de estimação, impressão em formato A3 e passagem para papel vegetal e decalque sobre papel cavallinho.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual Papel da imagem na comunicação	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva das formas Utilizar diferentes meios expressivos de representação Registar e realizar texturas através de técnicas diversas	Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Fotografias Fotocópias Cartolina preta Cola e fita-cola Tesoura Cartão A2 preto Molas	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançou os objetivos propostos pela docente. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.
	U.D. 2.2 – “A embelezá-los” (2 tempos) Pintura dos desenhos.	ESPAÇO: Desenho de observação - desenvolver o olhar e a observação, as texturas, o claro-escuro	Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz/cor, das linhas, das texturas, do volume e da superfície	Lápis de cera Lápis pastel Canetas de feltro de várias espessuras Outros materiais que os alunos julguem pertinentes Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz	
	U.D. 2.3 – “A soltá-los” (2 tempos) Realização de um cartaz para colocar junto do depósito onde se podia pôr os mantimentos para os animais abandonados e de panfletos para anunciar a exposição.	FORMA: Perceção visual da forma Qualidades expressivas	Reconhecer a importância das imagens Executar e reproduzir cartazes e folhetos informativos	Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S. VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	
	U.D. 2.4 – “A avaliá-los” (2 tempos) Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.	LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente		
	* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 50min.				

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa <u>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</u>		
UNIDADE DIDÁTICA 2 – “SE É DE ESTIMAÇÃO... ESTIMA-O”		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5%
		RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5%
		MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10%
		INTERESSE NAS AULAS5%
		COOPERAÇÃO5%
		CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15%
		- CONHECER AS TÉCNICAS DO DESENHO DE OBSERVAÇÃO E DAS TEXTURAS
		- CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS
		DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10%
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
		CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10%
		- REALIZAR O DESENHO DE UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO
		EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10%
		- DESENHAR DE MODO A REPRESENTAR AS FORMAS EXPRESSIVAS
		SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5%
APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%		

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 13 e 14 (10.01.2019)					
U.D.2	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
“SE É DE ESTIMAÇÃO ... ESTIMA-O” (2Tempos)	U.D. 2.2 – “A embelezá-los” (2 tempos) Pintura dos desenhos.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação ESPAÇO: Desenho de observação - desenvolver o olhar e a observação, as texturas, o claro-escuro FORMA: Percepção visual da forma Qualidades expressivas LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva das formas Utilizar diferentes meios expressivos de representação Registrar e realizar texturas através de técnicas diversas Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz/cor, das linhas, das texturas, do volume e da superfície Reconhecer a importância das imagens Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente	Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Grafite de vários graus de dureza Lápis de cera Lápis pastel Canetas de feltro de várias espessuras Outros materiais que os alunos julguem pertinentes Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3ºCICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 15 e 16 (17.01.2019)					
U.D.2	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
“SE É DE ESTIMAÇÃO ... ESTIMA-O” (2 Tempos)	U.D. 2.3 – “A soltá-los” (2 tempos) Realização de um cartaz para colocar junto do depósito onde se podia pôr os mantimentos para os animais abandonados e de panfletos (*) para anunciar a exposição.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos da comunicação visual Papel da imagem na comunicação FORMA: Percepção visual da forma LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Reconhecer a importância das imagens Executar e reproduzir cartazes e folhetos informativos Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente	Cartolina preta Cola e fita-cola Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Fotocópias Tesoura Cartão A2 preto Molas Grafite de vários graus de dureza Lápis de cera Lápis pastel Canetas de feltro de várias espessuras Outros materiais que os alunos julguem pertinentes Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3ºCICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.
* os panfletos foram realizados na disciplina de TIC.					

CARTAZ E FOLHETO



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

COMUNICAÇÃO VISUAL

Cartaz (também chamado **póster**) é um suporte, normalmente em papel, afixado de forma que seja visível em locais públicos. A sua função principal é a de divulgar uma informação de forma eficaz, mas também tem sido apreciada como uma peça de valor estético. Além da sua importância como meio de publicidade e de informação visual, o cartaz possui um valor histórico como meio de divulgação em importantes movimentos de carácter político ou artístico.

O cartaz tem por objetivo informar, divulgar, ensinar, promover ou publicitar algo, através da associação de texto com imagens, sendo um processo de produção relativamente simples.



COMUNICAÇÃO VISUAL

A partir da litografia, na segunda metade do século XIX, o cartaz passa a ter uma estrutura reconhecível.

Jules Chéret e Alphonse Mucha, em França, ou J. H. Bufford e Louis Prang, nos Estados Unidos, foram grandes designers gráficos que se aplicaram especialmente à elaboração de cartazes e tiveram um papel importante no seu desenvolvimento.

Muitos foram os artistas plásticos que se dedicaram à preparação de cartazes, sendo, os pais do cartaz moderno: Jules Chéret, Alphonse Mucha e Toulouse Lautrec.



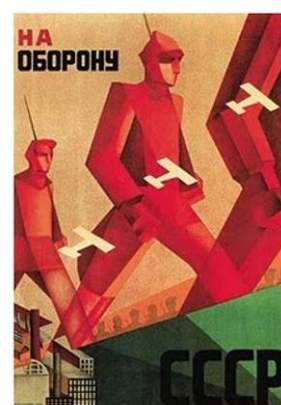
Foto de Jules Chéret mostrando o seu cartaz a Toulouse Lautrec



COMUNICAÇÃO VISUAL

No século XX o cartaz teve um papel importante no *design* moderno. O *design* russo foi influente na evolução do cartaz europeu moderno e na escola de *design* alemã, a Bauhaus. O cartaz russo se caracterizou pelo envolvimento com as vanguardas artísticas e a propaganda do governo soviético.

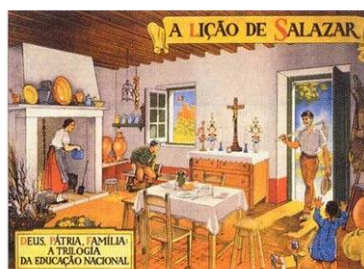
Os cartazes construtivistas do *designer* El Lissitzky são bons exemplos das mudanças estéticas da época, com o uso de formas geométricas, cores puras (como o vermelho e o preto) e de montagens fotográficas. Das vanguardas europeias à desconstrução pós-modernista o cartaz manteve uma renovação constante, sobrevivendo ao surgimento de novas mídias, como a televisão no pós-guerra.



COMUNICAÇÃO VISUAL

CARTAZ EM PORTUGAL

O regime ditatorial português utiliza o cartaz como meio de divulgar as suas ideologias. Assim, em 1935, é editado o cartaz “Portugal não é um país pequeno”. Em 1938, são editados sete cartazes sob o título “A Lição de Salazar”, assinalando os dez anos de governo de Salazar. Os cartazes destinavam-se a ser distribuídos pelas escolas de Portugal e colónias.



COMUNICAÇÃO VISUAL



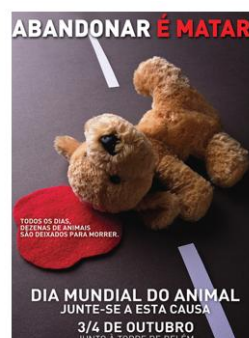
Duas figuras reconhecidas, a fadista Amália Rodrigues e o futebolista Eusébio, a participarem em cartazes publicitários.

COMUNICAÇÃO VISUAL

Os cartazes podem ter diversas características formais.



CARTAZ PUBLICITÁRIO



CARTAZ SOCIAL



CARTAZ DIDÁTICO



CARTAZ CULTURAL



CARTAZ POLÍTICO

COMUNICAÇÃO VISUAL

Folheto ou **panfleto** é uma apresentação simplificada em papel, com uma informação que se pretende divulgar. Também se designa por **desdobrável** quando o papel é apresentado dobrado.



COMUNICAÇÃO VISUAL

EXERCÍCIO

Realizem um **cartaz** para colocar junto ao depósito onde as pessoas irão colocar os mantimentos para a campanha de ajuda aos animais abandonados. Podem utilizar alguns materiais que sobraram do exercício de desenho destes.

Também se pede que realizem (na disciplina de TIC) **panfletos** para distribuir junto da comunidade escolar, de modo a anunciarem a exposição dos vossos trabalhos que vai estar no refeitório. Tentem ser sucintos e criativos!

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 17 e 18 (24.01.2019)					
U.D.2	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
“SE É DE ESTIMAÇÃO ... ESTIMA-O” (2Tempos)	U.D. 2.4 – “A avaliá-los” (2 tempos) Montagem da exposição. Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.		Os alunos irão refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançaram os objetivos propostos pelas docentes.	Trabalhos realizados pelos alunos Ficha de registo da autoavaliação Ficha de registo da avaliação dos trabalhos	AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 1º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 19 e 20 (31.01.2019) e 21 (07.02.2019)					
U.D.3	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
HÁ ARTE NA GEOMETRIA (3Tempos)	U.D. 3.1 – “Do ponto nasce a reta” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Breve revisão de tipos de retas e ângulos. Traçado da mediatriz e da bissetriz. U.D. 3.2 – “A magia das circunferências” (3 tempos) Definição de circunferência. Traçado de circunferências tangentes internas e externas e retas tangentes a uma circunferência. Traçado dos polígonos regulares - pentágono e hexágono – inscritos em circunferências.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor	Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Guaches/ tinta acrílica Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S. VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 22 (07.02.2019) e 23 (14.02.2019)					
U.D.3	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
HÁ ARTE NA GEOMETRIA (2 Tempos)	U.D. 3.3 – “Da concordância das linhas e das espirais” (2 tempos) Traçado de linhas concordantes e das espirais bicêntrica e tricêntrica.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor	Papel cavallinho (120g) Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Guaches/ tinta acrílica Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedroso UNIDADE DIDÁTICA 3 – HÁ ARTE NA GEOMETRIA (2º Período – 12 Tempos*)					
UD3	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
HÁ ARTE NA GEOMETRIA	U.D. 3.1 – “Do ponto nasce a reta” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Breve revisão de tipos de retas e ângulos. Traçado da mediatriz e da bissetriz.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas	Papel cavaleiro (120g) Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Quiches/ tinta acrílica Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 2º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.
	U.D. 3.2 – “A magia das circunferências” (3 tempos) Definição de circunferência. Traçado de circunferências tangentes internas e externas e retas tangentes a uma circunferência. Traçado dos polígonos regulares – pentágono e hexágono – inscritos em circunferências.	ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor	Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana e o pintor Delaunay	
	U.D. 3.3 – “Da concordância das linhas e das espirais” (2 tempos) Traçado de linhas concordantes e das espirais bicêntrica e tricêntrica.	LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da Natureza e princípios organizadores das formas. Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas	Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S. VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	
	U.D. 3.4 – “Há Arte na Geometria” (3 tempos) Realização de uma composição plástica baseada na obra de Delaunay	Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente	Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento		
	U.D. 3.5 – “Somos Delaunay” (2 tempos) Apresentação e autoavaliação dos exercícios realizados.		Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.		

* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 90min.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedroso CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 3 – HÁ ARTE NA GEOMETRIA		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5%
		RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5%
		MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10%
		INTERESSE NAS AULAS5%
		COOPERAÇÃO5%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
		DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15%
		- CONHECER A ARTE ABSTRATA GEOMÉTRICA (NACIONAL E INTERNACIONAL)
		- CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS
		DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10%
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
		CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10%
		- REALIZAR UMA COMPOSIÇÃO PLÁSTICA BASEADA NUMA OBRA DE DELAUNAY
		EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10%
		- DESENHAR DE FORMA RIGOROSA AS FORMAS GEOMÉTRICAS/PINTURA A GUACHE
		SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5%
		APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%

GEOMETRIA PLANA

PARTE I



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
2018/2019

GEOMETRIA PLANA – PARTE I

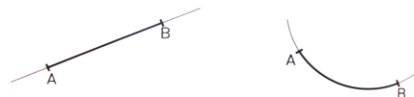
A **geometria plana** refere-se a todas as construções geométricas feitas no espaço bidimensional – o **plano**.

O **ponto** define-se rigorosamente pela **intersecção** ou cruzamento de duas linhas, sejam elas retas ou curvas e, representa-se por uma letra maiúscula.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Linha são vários pontos ligados num plano e numa dimensão. Uma linha pode ser reta, curva, contínua, quebrada, aberta ou fechada e define-se rigorosamente por dois pontos unidos por um traço.



Reta é uma linha sem princípio nem fim que se define por um traço direito e que se representa por uma letra minúscula.



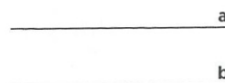
Segmento de reta é uma linha direita com princípio e fim, que se representa por duas letras maiúsculas.



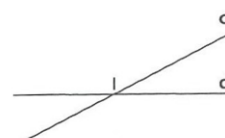
GEOMETRIA PLANA – PARTE I

A **posição relativa de duas retas** define a relação que existe entre elas.

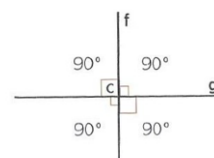
Retas paralelas são retas que se cruzam apenas no infinito.



Retas concorrentes são retas que se cruzam num ponto.



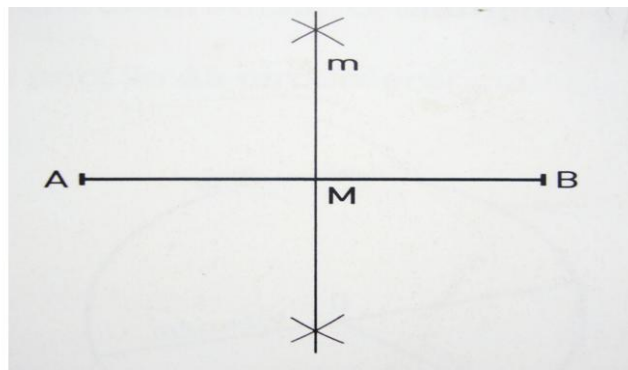
Retas perpendiculares são retas concorrentes que formam entre si ângulos de 90° ou ângulos retos.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

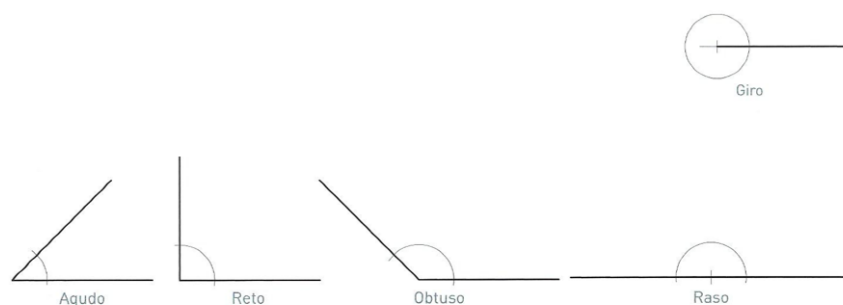
Divisão de um segmento de reta em duas partes iguais (noção de mediatriz)

Faz centro no ponto A e no ponto B e com abertura do compasso superior a metade de AB descreve dois arcos que, ao se intersectarem, determinam os pontos por onde passa a reta m. Chama-se **mediatriz** a esta reta porque divide o segmento de reta AB em duas partes iguais: AM é igual a MB.

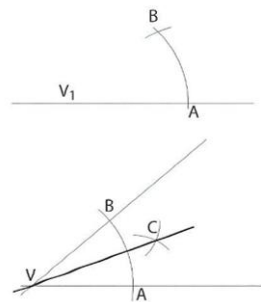


GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Ângulo – é a porção de plano compreendido entre duas semirretas com a mesma origem (vértice do ângulo). A unidade normalmente utilizada para medir um ângulo é o grau.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I



Traçado da bissetriz

Dado

– O ângulo de vértice **V**.

Construção

Com centro em **V** e uma abertura qualquer do compasso, desenhar o arco **AB**. Com centro em **A**, e depois em **B**, traçar dois arcos que se cruzam (basta uma abertura para o compasso superior a metade do arco **AB**).

GEOMETRIA PLANA – PARTE I

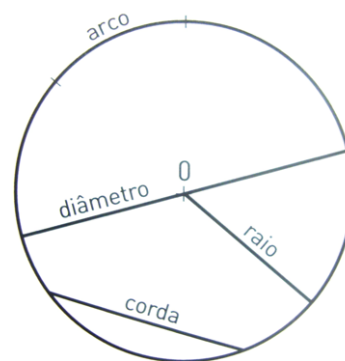
Circunferência é uma linha curva plana, fechada, cujos pontos estão todos à mesma distância de um ponto fixo interior (O) chamado centro

Raio é o segmento de reta cujos pontos extremos são o centro e qualquer ponto da circunferência.

Diâmetro é o segmento de reta que passa pelo centro, divide a circunferência em duas partes iguais e tem a medida de dois raios.

Corda é qualquer segmento de reta limitado por dois pontos da circunferência. O diâmetro é a maior das cordas.

Arco é uma porção da circunferência.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Reta tangente à circunferência

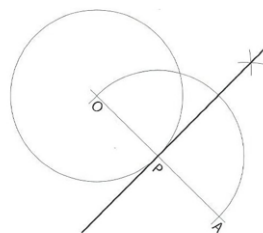
Tangente – reta que toca a circunferência num só ponto.
Tangente à circunferência num ponto.

Dados

- O raio da $\odot$.
- O ponto **P** (ponto de tangência).

Construção

Desenhar a $\odot$ de centro **O**.
Traçar o raio da $\odot$ no ponto **P** e prolongá-lo.
Com centro em **P** e raio $\overline{PO}$, traçar o arco $\widehat{OA}$.
A mediatriz do segmento $\overline{OA}$ é a tangente à $\odot$ no ponto **P**.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Circunferências tangentes

Circunferências tangentes externas

Dados

- O raio da $\odot$ de centro **O**.
- O raio da $\odot$ de centro **C**.

Construção

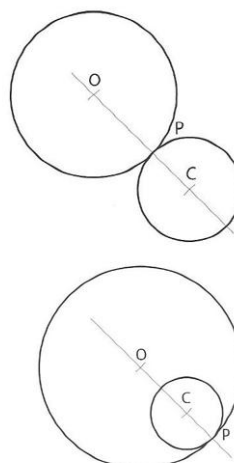
Desenhar a $\odot$ de centro **O** e marcar sobre ela o ponto **P**.
Unir o centro **O** com o ponto **P** e prolongar.
A partir de **P**, marcar o raio da outra $\odot$ determinando o centro **C**.
Desenhar a $\odot$ fazendo centro em **C** e abertura do compasso $\overline{CP}$.

Circunferências tangentes internas

- O raio da $\odot$ de centro **O**.
- O raio da $\odot$ de centro **C**.

Construção

Desenhar a $\odot$ de centro **O** e marcar sobre ela o ponto **P**.
Unir **O** com **P**.
A partir de **P** determinar o centro **C**, sendo $\overline{CP}$ o raio da outra $\odot$ pedida.
Desenhar a $\odot$ com centro em **C** e abertura $\overline{CP}$.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I



Linhas concordantes – a palavra concordância vem do latim *concordantia* e significa harmonia, consonância.

Uma linha concordante é constituída por duas ou mais linhas tangentes entre si. A passagem de uma linha para outra é sempre feita suavemente. A partir de duas circunferências tangentes podemos obter uma linha concordante se, ao desenharmos a simitangente de uma arco de circunferência, ela se prolongar na semitangente do outro arco de circunferência.

GEOMETRIA PLANA – PARTE I

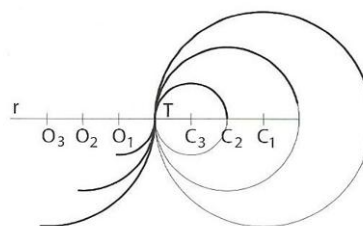
Alguns traçados de linhas concordantes

Dados

- A reta r .
- O ponto T .
- Centros das circunferências construtivas.

Construção

Desenhar a reta r e sobre ela marcar o ponto T .
A partir de T , para a esquerda e para a direita, marcar os centros O_1 , O_2 e O_3 ; C_1 , C_2 e C_3 a espaços iguais.
Construir as circunferências auxiliares com centro nos pontos dados e tangentes em T .
Realçar os arcos pretendidos.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I



Polígono (do grego polis ou “muitos” e *gonos* “ângulos”) é uma figura geométrica plana que pode ter vários ângulos e vários lados.

Polígono regular é uma figura plana que tem todos os ângulos e lados iguais. Todos os polígonos são convexos porque o prolongamento de quaisquer dos seus lados nunca intersecta a superfície poligonal (o espaço interior do polígono).

Polígono regular estrelado é um polígono regular cujos lados tomam a forma de estrela.

GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Divisão da circunferência em três partes iguais e triângulo inscrito

Dado

– O raio da $\odot$.

Construção

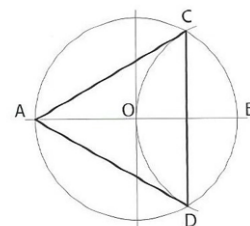
Desenho da $\odot$ de centro O .

Traçar o diâmetro $[AB]$.

Traçar o arco $\widehat{CD}$, com centro numa das extremidades de $[AB]$, neste caso em B .

A, D, C são pontos da divisão da $\odot$ em três partes iguais.

Unir A, C e D .



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Divisão da circunferência em quatro partes iguais e quadrado inscrito

Dado

– O raio da $\odot$.

Construção

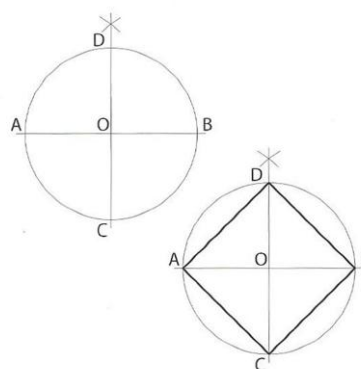
Desenhar a $\odot$ de centro O .

Traçar o diâmetro $[AB]$.

Traçar a perpendicular ao meio do diâmetro que intersesta a $\odot$ em C e D .

A, B, C, D são pontos de divisão da $\odot$ em quatro partes iguais.

Unir A, D, B e C .



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Divisão da circunferência em cinco partes iguais e pentágono inscrito

Dado

– O raio da $\odot$.

Construção

Desenhar a $\odot$ de centro O .

Traçar o diâmetro $[AB]$.

Traçar a perpendicular ao meio de $[AB]$, que intersesta a $\odot$ em C e D .

Determinar M pelo traçado da perpendicular ao meio do segmento $[OB]$.

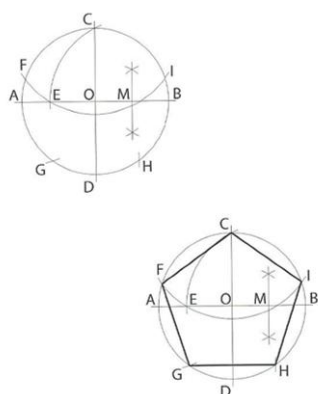
Com centro em M e abertura do compasso correspondente à distância MC traçar o arco CE .

Com centro em C e abertura do compasso correspondente à distância CE determinar F . O arco CF é $1/5$ da $\odot$.

Tomando por medida o arco CF ; com auxílio do compasso marcar, sucessivamente, a partir de F , os pontos G, H e I .

C, F, G, H, I são pontos de divisão da $\odot$ em cinco partes iguais.

Unir F, C, I, H, G .



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Divisão da circunferência em seis partes iguais e hexágono inscrito

Dado

– O raio da $\odot$.

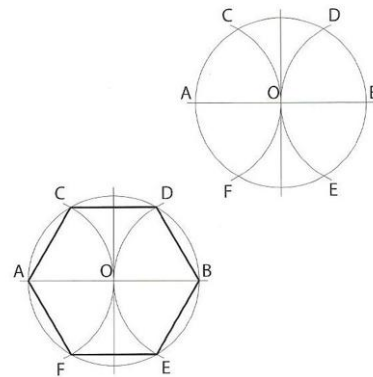
Construção

Desenhar a $\odot$ de centro O e dividi-la em três partes iguais.

Traçar $\widehat{CF}$, fazendo centro na extremidade do diâmetro que não utilizamos para a divisão em três partes iguais.

A, C, D, B, E e F são pontos da divisão da $\odot$ em seis partes iguais

Unir A, C, D, B, E e F e desenhar o polígono.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I

Espiral é uma linha curva que, descrevendo voltas, pode ser atravessada por uma reta em vários pontos.

ESPIRAL BICÊNTRICA

Dado

– A distância entre os centros.

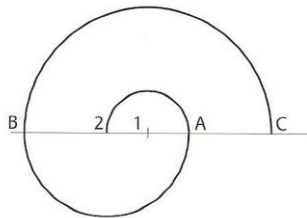
Construção

Desenhar a reta r e marcar os centros 1 e 2 .

Com centro em 1 e abertura do compasso $\overline{12}$ desenhar o arco $\widehat{2A}$.

Com centro em 2 e abertura do compasso $\overline{2A}$ desenhar o arco $\widehat{AB}$.

Voltar a centrar o compasso no ponto 1 e, com abertura até B , desenhar o arco $\widehat{BC}$, e assim sucessivamente.



GEOMETRIA PLANA – PARTE I



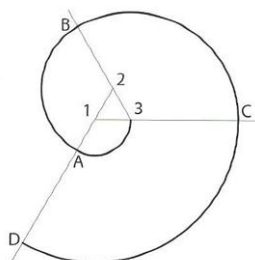
ESPIRAL TRICÊNTRICA

Dado

– A medida do lado do triângulo construtivo.

Construção

Desenhar o triângulo equilátero de vértices **1**, **2** e **3**.
Prolongar os lados do triângulo como mostra a figura.
Com centro no ponto **1** e abertura do compasso igual à medida do lado do triângulo desenhar o arco **3A**.
Com centro no ponto **2** e abertura **2A** desenhar o arco **AB**.
Com centro no ponto **3** e abertura **3B** desenhar o arco **BC**.
Voltando a centrar o compasso no ponto **1** e com abertura **TC**, desenhar o arco **CD**, e assim sucessivamente.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 24 (14.02.2019) e 25 e 26 (21.02.2019)					
U.D.3	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
HÁ ARTE NA GEOMETRIA (3Tempos)	U.D. 3.4 – “Há Arte na Geometria” (3 tempos) Realização de uma composição plástica baseada na obra de Delauney	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Natureza e princípios organizadores das formas. Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.	Cartolina branca Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Guaches/ tinta acrílica Computador, retroprojektor Quadro interativo Fichas Informativa e Formativa PPT sobre o pintor Delaunay Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.



HÁ ARTE NA GEOMETRIA

EDUCAÇÃO VISUAL
PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
2018/2019



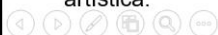
HÁ ARTE NA GEOMETRIA



Sem Título (primeira aguarela abstracta),
Wassily Kandinsky

No início do século XX, as Artes Plásticas deixam de representar apenas a realidade e os artistas inauguram uma espécie de busca onde «brincam» com as coisas e as figuras, utilizando novos materiais, tanto riscadores quanto de suporte, pensando a arte como uma verdadeira ciência que adquire expressões próprias.

Pontos, linhas, circunferências, entre outros, são elementos que a partir desta época fazem parte do novo vocabulário dos artistas, que os representam de uma forma quase lúdica. É neste contexto que, em 1910, o pintor Kandinsky (1879-1940) pinta a aquela que vai ser a primeira aguarela abstrata, abrindo um episódio memorável nesta reforma artística.



HÁ ARTE NA GEOMETRIA

O movimento Abstracionismo começa a fazer-se sentir por toda a Europa – na Holanda, é conhecido por *De Stijl* (O Estilo), integrado por Piet Mondrian (1872-1944) e Van Doesburg (1873-1931) e na Alemanha, os professores da escola de arte da Bauhaus (1919-1933), estão, igualmente, entre os pioneiros deste movimento, introduzido pelos artistas: Kandinsky, Paul Klee (1866-1944) e Moholy-Nagy (1895-1946).



Círculos num círculo (1923)
Vassily Kandinsky



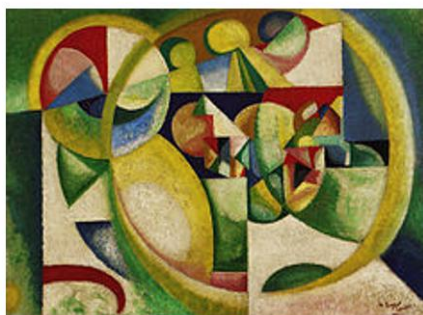
Equilíbrio instável
Paul Klee



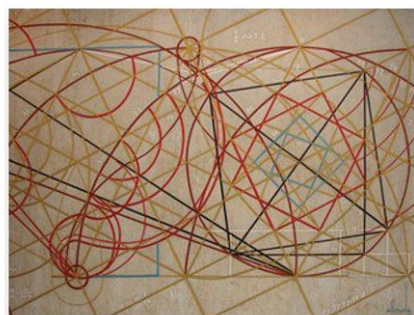
Composição em vermelho, amarelo, azul e preto
Piet Mondrian

HÁ ARTE NA GEOMETRIA

Em Portugal também se desenvolveu o Abstracionismo através de alguns artistas como: Amadeo de Souza Cardoso (1887 - 1918) e Almada Negreiros (1893 - 1970)



Sem título, 1913
Amadeo de Souza Cardoso



Batistério da Igreja de Nossa Senhora de Fátima (pormenor)
Almada Negreiros

HÁ ARTE NA GEOMETRIA



Outro artista que realizou muitas obras utilizando a linguagem do abstracionismo geométrico foi: Robert Delaunay (1885-1941)

HÁ ARTE NA GEOMETRIA



Pintor francês, nasceu a 12 de Abril de 1885 e morreu a 25 de Outubro de 1941.

As suas obras são marcadamente dominadas pelas correntes do abstracionismo e cubismo e influenciadas pelos pintores Klee e Kandinsky, tendo sido o último o introdutor do abstracionismo nas artes visuais.

HÁ ARTE NA GEOMETRIA

Em 1908, casou-se com a pintora Sonia Delaunay (1855-1979).

Depois de realizar uma série de estudos sobre Paris, em 1911, vai para Munique a convite de Kandinsky e aí, junta-se ao grupo do “Cavaleiro Azul”, um grupo de artistas abstratos. Durante a I Guerra Mundial, o casal veio para Portugal e contata com os pintores Amadeo de Souza Cardoso e Almada Negreiros.

Em 1921, regressa a Paris e continua a trabalhar em abstrato.



Sonia Delaunay

HÁ ARTE NA GEOMETRIA

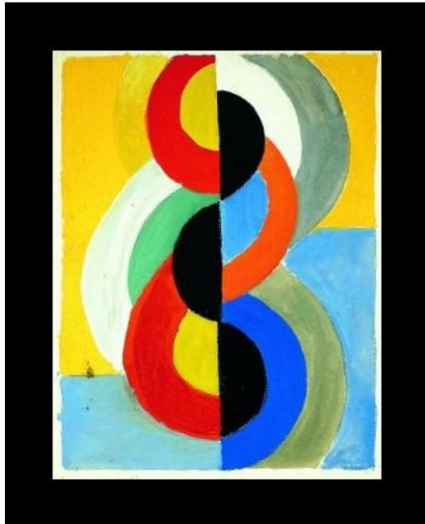


Alegria de viver



Ritmo

HÁ ARTE NA GEOMETRIA



Ritmo colorido



Ritmo sem fim

HÁ ARTE NA GEOMETRIA



Ritmo

EXERCÍCIO:

Baseado nesta obra de Delaunay, cria uma composição plástica, em formato A3, na qual terás que passar a papel vegetal vários tipos de circunferências (circunscritas ou tangentes), linhas concordantes e espirais bicêntricas (que aprendeste nas últimas aulas) e pintar com a técnica do guache.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 27 e 28 (07.03.2019)					
U.D.3	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
HÁ ARTE NA GEOMETRIA (2Tempos)	U.D. 3.5 – “Somos Delaunay” (2 tempos) Apresentação e autoavaliação dos exercícios realizados.		Os alunos irão refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançaram os objetivos propostos pelas docentes.	Trabalhos realizados pelos alunos. Ficha de registo da autoavaliação. Ficha de registo de avaliação dos trabalhos.	AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 2º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 29 e 30 (14.03.2019)					
U.D.4	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
DOS PADRÕES DE ARCOS (2 Tempos)	U.D. 4.1 – “Dos Arcos” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Definição de arco, vão e flecha. Traçado dos arcos: volta inteira, ogiva perfeita e ogiva alongado.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Estruturas criadas pelo homem A geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento Representar a geometria das formas	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma, mas também como um princípio organizador	Papel cavaleiro A3 Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Canetas de feltro Tesoura Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa UNIDADE DIDÁTICA 4 – DOS PADRÕES DE ARCOS (2º Período – 8 Tempos*)					
UD4	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
DOS PADRÕES DE ARCOS	U.D. 4.1 – “Dos Arcos” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Definição de arco: vão e flecha. Traçado dos arcos: volta inteira, ogiva perfeita e ogiva alongado.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada	Papel cavaleiro A2, A3 e A4 (120g) Cartolina preta. Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Canetas de feltro Tesoura Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançou os objetivos propostos pela docente. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.
	U.D. 4.2 – “Dos módulos aos padrões” (2 tempos) Traçado dos arcos: abatido e contracurvado. Definição de módulo e tipos de padrão.	ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Estruturas criadas pelo homem A geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento Representar a geometria das formas	Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma, mas também como um princípio organizador	Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana e o módulo/padrão. Exemplo de painéis azulejares do século XVII	
	U.D. 4.3 – “Arcos azulejares” (2 tempos) Realização de um módulo e de um padrão e pintura dos mesmos.	FORMA: Perceção visual da forma	Compreender os conceitos de módulo e de padrão e realizar estruturas modulares (padrões) Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da Natureza e princípios organizadores das formas.	Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	
	U.D. 4.4 – “Dos padrões de arcos” Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.	LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.		

* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 90min.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 4 – DOS PADRÕES DE ARCOS		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5%
		RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5%
		MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10%
		INTERESSE NAS AULAS5%
		COOPERAÇÃO5%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
		DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15%
		- CONHECER AS ESTRUTURAS NATURAIS E CRIADAS PELO HOMEM E A TÉCNICA DO AZULEJO
		- CONHECER AS CARACTERÍSTICAS DO MÓDULO E DO PADRÃO
		- CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10%
		PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
		CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10%
		- REALIZAR UM MÓDULO/PADRÃO
		EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10%
		- DESENHAR DE FORMA RIGOROSA AS FORMAS GEOMÉTRICAS/PINTURA COM CANETAS DE FELTRO
		SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5%
		APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%

DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II



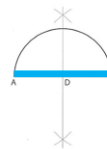
EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
2018/2019

DOS PADRÕES DE ARCOS

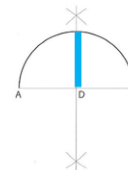
GEOMETRIA PLANA - PARTE II

ARCO – o termo arco, do latim, *arcus*, designa um elemento construtivo em curva que é arredondado, normalmente em alvenaria, que emoldura a parte superior de um vão (abertura, passagem) ou reentrância suportando o peso vertical do muro em que se encontra. Das diversas aplicações que um arco pode ter, observa-se principalmente a sua utilização em portas, janelas, pontes, aquedutos, como elementos de composição tridimensional de abóbadas e até em paredes de retenção ou barragens (onde a pressão se efetua horizontalmente). Além da sua função prática de distribuição da carga, o arco possui também uma forte componente decorativa permitindo uma grande variedade formal.

VÃO - distância entre os pontos de apoio do arco.



FLECHA - Distância entre o ponto mais alto do arco e a linha reta onde se encontram os pontos de apoio.



DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II



Arco de volta inteira ou romano

Dado

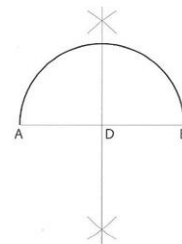
– O vão $\overline{AB}$.

Construção

Desenhar o segmento $\overline{AB}$.

Traçar a perpendicular ao meio de $\overline{AB}$ determinando D.

Com centro em D e raio $\overline{DA}$ desenhar o arco.



DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II



Arco em ogiva perfeita

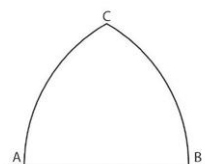
Dado

– O vão $\overline{AB}$.

Construção

Desenhar o segmento $\overline{AB}$.

Com raio igual a $\overline{AB}$, traçar os arcos $\widehat{AC}$ e $\widehat{BC}$, com centros, respetivamente, em B e em A.



DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II

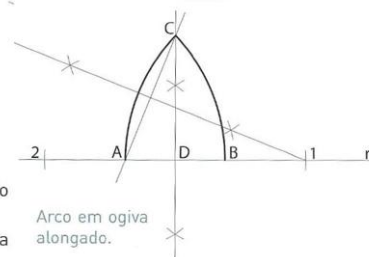
Arco em ogiva

Dados

- O vão $\overline{AB}$.
- A flecha $\overline{CD}$.

Construção

Desenhar a reta r e marcar o vão $\overline{AB}$.
Construir a perpendicular ao meio de $\overline{AB}$ e marcar a flecha $\overline{CD}$.
Unir o ponto C com A .
Traçar a perpendicular ao meio do segmento $\overline{AC}$, determinando o ponto 1 sobre a reta r .
Com centro em D e abertura do compasso $\overline{D1}$ marcar sobre a reta r , para o lado oposto, o ponto 2 .
Com centro em 1 e raio $\overline{1A}$ desenhar o arco $\widehat{AC}$.
Com centro em 2 e raio $\overline{2B}$ desenhar o arco $\widehat{BC}$.



DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II

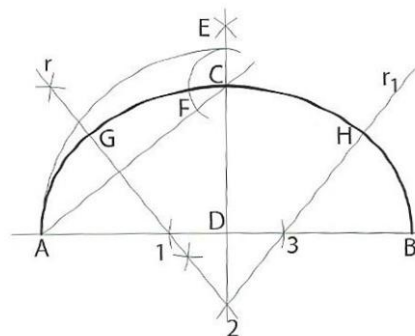
Arco abatido

Dados

- O vão $\overline{AB}$.
- A flecha $\overline{CD}$.

Construção

Desenhar o vão $\overline{AB}$.
Traçar a perpendicular ao meio de $\overline{AB}$ e marcar a flecha $\overline{CD}$.
Unir A a C .
Com centro em D e abertura do compasso $\overline{DA}$ determinar o ponto E .
Com centro em C e abertura do compasso $\overline{CE}$ determinar sobre o segmento $\overline{AC}$ o ponto F .
Traçar r , perpendicular ao meio do segmento $\overline{AF}$, determinando os pontos 1 e 2 .
Com centro em D e raio $\overline{D1}$ marcar para o lado oposto, sobre o vão, o ponto 3 .
Desenhar r_1 unindo 2 com 3 .
Com centro em 1 e raio igual a $\overline{1A}$ desenhar o arco $\widehat{AG}$.
Com centro em 2 e raio igual a $\overline{2G}$ desenhar o arco $\widehat{GH}$.
Com centro em 3 e raio igual a $\overline{3H}$ desenhar o arco $\widehat{HB}$.



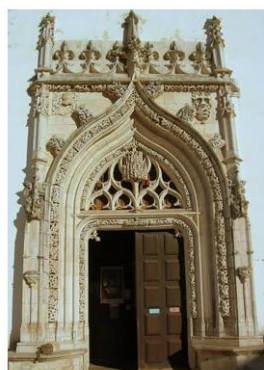
DOS PADRÕES DE ARCOS

GEOMETRIA PLANA - PARTE II

Arco contracurvado, dado apenas o vão [AB], fig. 4

Traça a semicircunferência de diâmetro igual a [AB], que constitui o vão do arco contracurvado que vais construir.

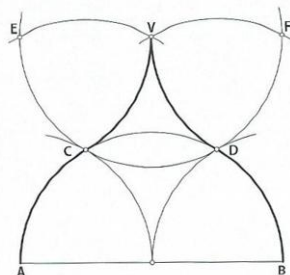
Com o mesmo raio, centro em A e B, traça os arcos que determinam C e D na semicircunferência.



Com centro em C e D, e sempre com a mesma abertura de compasso, traça dois arcos de circunferência que se intersectam em V.

Com centro em V, e ainda com o mesmo raio, desenha os arcos que encontram os anteriores em E e F.

Os pontos E e F são os centros que permitem concluir o arco contracurvado (também chamado arco de querena).



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 31 e 32 (21.03.2019)					
U.D.4	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
DOS PADRÕES DE ARCOS (2Tempos)	U.D. 4.2 – “Dos padrões de arcos” (4 tempos) Traçado dos arcos: abatido e contracurvado. Definição de módulo e tipos de padrão. Realização de um módulo.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Estruturas criadas pelo homem A geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento Representar a geometria das formas Módulo/Padrão FORMA: Perceção visual da forma	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma, mas também como um princípio organizador Compreender os conceitos de módulo e de padrão e realizar estruturas modulares (padrões) Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da Natureza e princípios organizadores das formas.	Papel cavalete A3 Papel vegetal Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Tesoura Computador, retroprojetor Quadro interativo e Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ORGANIZAÇÃO FORMAL



EDUCAÇÃO VISUAL - PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

ORGANIZAÇÃO FORMAL

ESTRUTURAS

A **estrutura**, vem do latim *structura*, que quer dizer construção e é a matéria organizada, é aquilo que suporta, que constrói a forma.

Há diferentes géneros de estruturas:

as **estruturas maciças**, quando a forma apresenta uma matéria compacta, como por exemplo, um tijolo maciço e

as **estruturas moduladas** compostas por vários elementos, que se articulam para formar um conjunto coerente como, o esqueleto de uma ponte metálica.



ORGANIZAÇÃO FORMAL

Estruturas na natureza

A perfeição das estruturas naturais resulta de uma evolução ao longo do tempo. O seu design natural está perfeitamente adaptado à função a que se destina.



ORGANIZAÇÃO FORMAL

Estruturas construídas pelo homem

O estudo das estruturas naturais, da sua forma e adaptação à função aplica-se na criação das estruturas criadas pelo homem.

Malhas

As malhas são estruturas moduladas constituídas por elementos que se repetem de maneira regular. Formam aquilo que se designa por **rede** ou **malha**. As malhas podem ser planas ou tridimensionais.



ORGANIZAÇÃO FORMAL

Módulo é um elemento que repetido de acordo com uma determinada organização forma um **padrão**, como podemos observar de seguida:

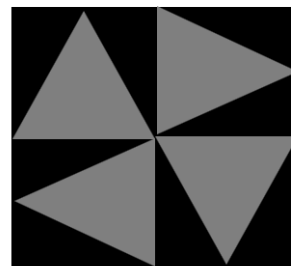


ORGANIZAÇÃO FORMAL



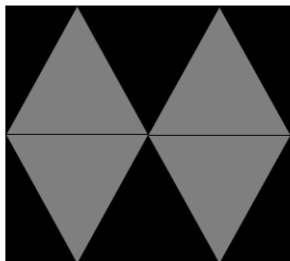
Como se referiu anteriormente, **módulo** é um elemento que repetido de acordo com uma determinada organização forma um **padrão**, como podemos observar de seguida:

Translação – resultante da deslocação repetida de um elemento paralelo a si próprio.

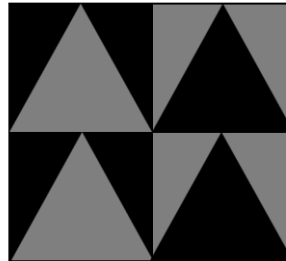


Rotação – Padrão resultante da repetição de um módulo através de um movimento giratório em torno de um eixo.

ORGANIZAÇÃO FORMAL



Simetria – padrão organizado, através da repetição do módulo de um lado e do outro de um eixo imaginário.



Alternância – resulta da distribuição alternada das cores ou pelo menos dos módulos distintos.

ORGANIZAÇÃO FORMAL

AZULEJARIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII

A **origem** do azulejo não é portuguesa mas foi em Portugal que este material de revestimento recebeu um tratamento muito expressivo e original, adaptado aos aspetos sociais, culturais e económicos. A palavra **azulejo** tem origem árabe, derivando da palavra *al zulaycha* ou *zuleija*, que tanto significa «pequena pedra polida», como «ladrilho». A importação para Portugal, a partir da Andaluzia (Espanha), deu-se no final do século XV.

As primeiras aplicações foram decorativas – em palácios, igrejas e casas nobres. A partir do século XVIII, o azulejo também vai revestir de forma económica as grandes superfícies das fachadas dos prédios e nos seus interiores começa a surgir, sobretudo, nas cozinhas e zonas de banho. Hoje em dia continua-se a aplicar o azulejo nos mais diversos espaços.

No século XVII, as composições azulejares (como vez nas imagens) são denominados de «tapete», cujo efeito decorativo resulta da repetição regular de padrões, realizados a partir de um módulo.



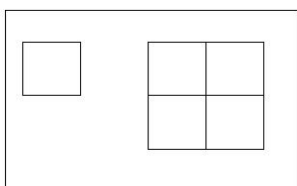
ORGANIZAÇÃO FORMAL

O desenho do módulo era passado para os azulejos, como podes ver nas imagens, formando um padrão que depois se podia repetir as vezes necessárias.



EXERCÍCIO

Numa folha A3 de papel cavallinho, desenha um quadrado 10cmX10cm e repete-o formando um outro quadrado 20cmX20cm (como no desenho apresentado). Passa a papel vegetal os traçados de dois dos arcos que aprendeste nas aulas anteriores, de forma a realizares um módulo. De seguida, repete-o formando um padrão à tua escolha. Para tal, inspira-te nos padrões azulejares que viste no slide anterior. Pinta a caneta de feltro com as cores azul escuro, azul claro e amarelo.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 33 e 34 (28.03.2019)					
U.D.4	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
DOS PADRÕES DE ARCOS (2Tempos)	U.D. 4.3 – “Arcos azulejares” (2 tempos) Realização de um padrão a partir do módulo desenhado e pintura dos mesmos.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Estruturas criadas pelo homem A geometria das formas naturais e o seu ritmo de crescimento Representar a geometria das formas Módulo/Padrão FORMA: Perceção visual da forma LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma, mas também como um princípio organizador Compreender os conceitos de módulo e de padrão e realizar estruturas modulares (padrões) Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da Natureza e princípios organizadores das formas. Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na perceção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.	Papel cavallinho A3 Papel vegetal Lápis HB Borracha Computador, retroprojektor Quadro interativo Fichas Informativa e Formativa PPT sobre módulo/padrão Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 35 e 36 (04.04.2019)					
U.D.4	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
DOS PADRÕES DE ARCOS (2 Tempos)	U.D. 4.4 – “Dos padrões de arcos” (2 tempos) Apresentação dos exercícios realizados e autoavaliação.		Os alunos irão refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançaram os objetivos propostos pelas docentes.	Trabalhos realizados pelos alunos. Ficha de registo da autoavaliação. Ficha de registo de avaliação dos trabalhos.	AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 2º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

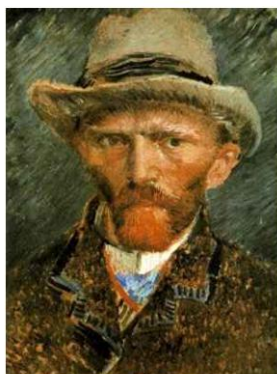
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 37 e 38 (02.05.2019) e 39 e 40 (09.05.2019)					
U.D.5	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
SELFIE ME SELFIE YOU (4 Tempos)	U.D. 5.1 – “Da representação do rosto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. PPT sobre a representação do rosto ao longo dos tempos. U.D. 5.2 – “A geometria do rosto” (2 tempos) Traçado geométrico do óvulo e da oval. Desenho do rosto dos colegas.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas	Papel cavaleiro A3 Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Cola e fita-cola Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro Folhas transparentes Canetas de acetato Computador, retroprojektor Quadro interativo Fichas Informativa e Formativa PPT sobre a representação do rosto e dos traçados do óvulo e da oval. Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa UNIDADE DIDÁTICA 5 – SELFIE ME SELFIE YOU (3º Período – 8 Tempos*)					
UD5	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
SELFIE ME SELFIE YOU	U.D. 5.1 – “Da representação do rosto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. PPT sobre a representação do rosto ao longo dos tempos. U.D. 5.2 – “A geometria do rosto” (2 tempos) Representação geométrica do óvulo e da oval. Desenho do rosto dos colegas. U.D. 5.3 – “Dos rostos contemporâneos” (1 tempo) PPT sobre os autorretratos alguns artistas contemporâneos. U.D. 5.4 – “Da selfie ao autorretrato” (3 tempos) Desenho da selfie aumentando a escala para desenvolver o autorretrato baseado nas obras dos artistas apresentados.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Percepção visual da forma LUZ/COR: Conhecimentos científicos: cores primárias, cores secundárias, complementares, neutras, contraste e harmoniosas. Valores de claro-escuro. A luz/cor no ambiente	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.	Papel cavallinho A4 e A3 (120g) Papel vegetal Cartolina Branca e Preta Fotografias - selfies Lápis HB Borracha Compasso Régua e esquadro Materiais riscadores e de representação expressiva à escolha dos alunos Cola e fita-cola Folhas transparentes Canetas de acetato Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Régua, esquadro e compasso para desenhar no quadro Fichas Informativa e Formativa PPT sobre Geometria Plana, a representação do rosto, e de autorretratos de artistas contemporâneos. Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL, 3ºCICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançou os objetivos propostos pela docente. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 90min.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 5 – SELFIE ME SELFIE YOU		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5% RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5% MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10% INTERESSE NAS AULAS5% COOPERAÇÃO5% CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15% - CONHECER AS CARACTERÍSTICAS DO AUTORRETRATO - REPRESENTAR EXPRESSIVAMENTE O ROSTO HUMANO - CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10% PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10% - REALIZAR O DESENHO DO ROSTO E O AUTORRETRATO E O AUTORRETRATO COLETIVO DA TURMA EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10% - DESENHAR DE FORMA RIGOROSA AS FORMAS GEOMÉTRICAS SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5% APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%

AUTORRETRATO



EDUCAÇÃO VISUAL - PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
2018/2019

AUTO-RETRATO



Desde a Pré-História, em que os homens deixaram as marcas das mãos carimbadas sobre as paredes das cavernas, que a noção de autoimagem tem acompanhado a busca humana de registar a sua passagem pela vida.

AUTORRETRATO

Particularmente, a partir do Renascimento (séculos XV/XVI), o ser humano passou a ser o grande foco das preocupações da vida e do imaginário dos artistas. O **retrato** tornou-se então, um dos géneros mais populares da pintura, utilizado na ausência da fotografia, para representar pessoas e famílias, nobres e burgueses.

É no **autorretrato** que o artista se retrata e se expressa, numa tentativa de transmissão das suas características físicas e emocionais. Também, na maneira como utiliza cores e pinceladas, no modo como desenha as suas próprias formas e lhes atribui volumes e texturas, o artista constrói os seus próprios comentários sobre a natureza e os atributos da arte. O autorretrato é normalmente o espelho do artista.

AUTORRETRATO

Primeiros Autorretratos



Giotto?
1266 - 1337



Sandro Boticelli
1470 - 75



Albrecht Durer
1471 - 1528



Rafael
1507



Leonardo da Vinci



O nascimento de Vénus (1485)



Mona Lisa (1503-1506)

AUTORRETRATO



Miguel Angelo



Parmigianino, 1524



Caravaggio



AUTORRETRATO



El Greco, 1604



Diego Velasquez, 1640



Vigée Lebrun, 1791



Delacroix, 1837

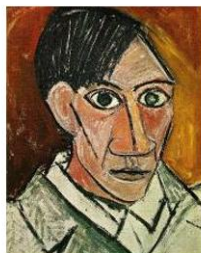


AUTORRETRATO

O rosto humano tem sido um tema privilegiado pelos artistas em todos os tempos. Ao longo do século XX, com as suas diversas e inovadoras propostas estéticas - salvo para tendências como o abstracionismo informal ou o minimalismo, o rosto pode aparecer, aqui, mais deformado e ali, com um certo grau de semelhança, que a pintura de inspiração fotográfica persegue.



Cézanne, 1880



Picasso, 1907



Matisse, 1918



Modigliani, 1919



Marc Chagall



AUTORRETRATO



Paul Gauguin, 1889



Frida Kahlo, 1940



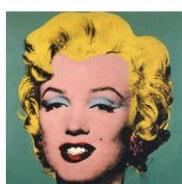
Andy Warhol, 1967



Roy Lichtenstein, 1981



Botero, 1988

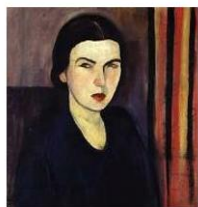


AUTORRETRATO

Pintoras Portuguesas



Maria Keil



Sara Afonso, 1927



Vieira da Silva, 1930



Graça Morais, 1930



Paula Rego, 2006



AUTORRETRATO

Pintores Portugueses



Amadeo



Mário Eloy



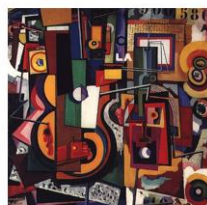
Abel Manta, 1939



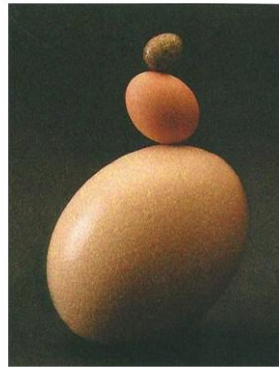
Almada Negreiros, 1948



Júlio Pomar



GEOMETRIA PLANA - PARTE III



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
2018/2019

GEOMETRIA PLANA – PARTE III

Oval

Oval dado o eixo maior

Dado

– $\overline{AB}$.

Construção

Desenhar o segmento $\overline{AB}$.

Traçar a perpendicular ao meio de $\overline{AB}$ que determina O .

Determinar os pontos 1 e 2 , respetivamente os pontos médios dos segmentos $\overline{AO}$ e $\overline{OB}$.

Com centro em O e abertura do compasso correspondente à distância $\overline{OI}$, traçar a circunferência que determina os pontos 3 e 4 .

Unir 3 a 1 e prolongar. Unir 4 a 1 e prolongar.

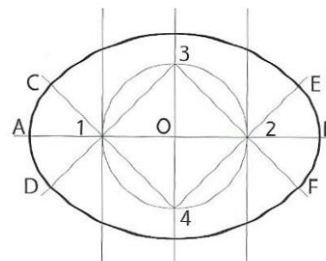
Unir 4 a 2 e prolongar. Unir 3 a 2 e prolongar.

Com centro em 1 e abertura $\overline{1A}$ traçar o arco $\widehat{DC}$.

Com centro em 2 e abertura $\overline{2B}$ traçar o arco $\widehat{EF}$.

Com centro em 4 e abertura $\overline{4C}$ traçar o arco $\widehat{CE}$.

Com centro em 3 e a mesma abertura do compasso, traçar o arco $\widehat{DF}$.



GEOMETRIA PLANA – PARTE III

Oval dado o eixo menor

Dado

– $\overline{CD}$.

Construção

Desenhar a $\odot$ de diâmetro $[\overline{CD}]$ e centro O .

Traçar a perpendicular ao meio do diâmetro $[\overline{CD}]$, determinando os pontos A e B sobre a $\odot$.

Unir C com B e prolongar. Unir D com B e prolongar.

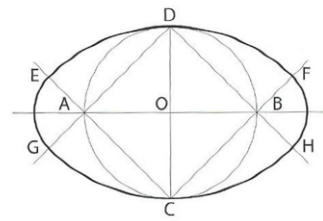
Unir C com A e prolongar. Unir D com A e prolongar.

Com centro em C e abertura do compasso $\overline{CD}$ traçar o arco $\widehat{EF}$.

Com centro em D e abertura do compasso $\overline{DC}$ traçar o arco $\widehat{GH}$.

Com centro em A e abertura do compasso $\overline{AE}$ traçar o arco $\widehat{EG}$.

Com centro em B e abertura do compasso $\overline{BF}$ traçar o arco $\widehat{FH}$.



GEOMETRIA PLANA – PARTE III

Óvulo dado o eixo menor

Dado

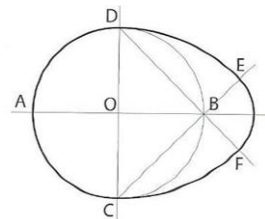
– $\overline{CD}$.

Construção

A parte inicial desta construção é semelhante à da anterior. Depois de unir C a B e prolongar, fazer centro em C e abertura do compasso $\overline{CD}$ para desenhar o arco $\widehat{DE}$.

Com centro em D e abertura do compasso $\overline{DC}$ desenhar o arco $\widehat{CF}$.

Com centro em B e abertura do compasso $\overline{BE}$ desenhar o arco $\widehat{EF}$.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 41 e 42 (16.05.2019) e 43 e 44 (23.05.2019)					
U.D.5	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
SELFIE ME SELFIE YOU (4 Tempos)	U.D. 5.3 – “Dos rostos contemporâneos” (1 tempos) PPT sobre os autorretratos alguns artistas contemporâneos. U.D. 5.4 – “Da selfie ao autorretrato” (3 tempos) Desenho da selfie aumentando a escala para desenvolver o autorretrato baseado nas obras dos artistas apresentados.	COMUNICAÇÃO: Elementos visuais na comunicação Códigos de comunicação visual (qualidades expressivas) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação Códigos da comunicação visual ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma	Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional.	Papel cavallinho A3 Papel vegetal Fotografias e fotocópias das selfies Lápis HB Borracha Materiais riscadores e de representação expressiva à escolha dos alunos Cola e fita-cola Computador, retroprojektor Quadro interativo PPT sobre Geometria Plana Fichas Informativa e Formativa Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.
O autorretrato coletivo de turma foi realizado na disciplina de TIC e a apresentação dos trabalhos e a autoavaliação dos mesmos e do final do período fez-se no decorrer da montagem da exposição, juntamente com o trabalho realizado na UD6, na disciplina de Educação e Cidadania.					

RETRATOS/AUTORRETRATOS POR ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

RETRATOS/AUTORRETRATOS POR ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS



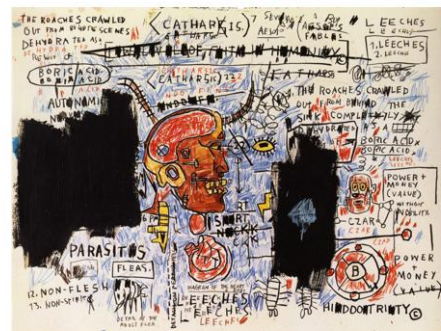
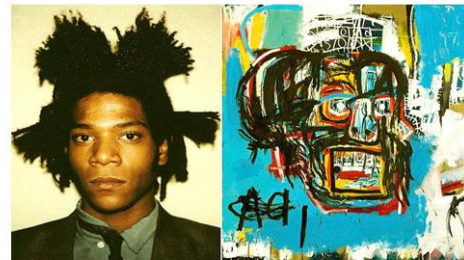
Yoshitomo Nara é um artista japonês, com 59 anos. Tornou-se conhecido nos anos 90, quando do movimento POP ART naquele país. As suas obras têm influência da Mangá e dos Anime (técnicas de animação japonesas.)

Alguns críticos afirmam que as suas obras correspondem a autorretratos.



RETRATOS/AUTORRETRATOS POR ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS

Jean-Michel Basquiat nasceu e morreu em New York, aos 27 anos, vítima de overdose. Começou por fazer graffiti, foi músico e ator e tornou-se reconhecido como artista plástico, em 1981, quando participou numa exposição no The Times Square Show. O artista juntou vários elementos estilísticos e fundiu-os para apresentar uma nova iconografia do urbanismo novo-iorquino.



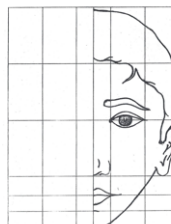
RETRATOS/AUTORRETRATOS POR ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS

EXERCÍCIO 1

Pega numa folha de acrílico e senta-te em frente a um colega e desenha o seu rosto com uma caneta de acetato. Depois de desenhares o óvulo e a oval, ficarás com uma ideia mais concreta da proporção do rosto humano.

EXERCÍCIO 2

A partir da tua selfie em formato A4, aumenta-a para tamanho A3, baseando-te na escala a baixo representada. Depois de desenhares o teu retrato transforma-o num autorretrato. Tenta desligar das regras clássicas e deixa-te influenciar pelos artistas apresentados. Pinta com os materiais que aches que melhor representam o que tens na ideia.



EXERCÍCIO 3

Realizem com o professor de TIC, um autorretrato coletivo de turma a partir das fotografias dos vossos autorretratos. Para tal dialoguem e cheguem a uma conclusão harmoniosa de maneira a construírem um trabalho criativo.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 45 e 46 (29.05.2019)					
U.D.6	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
#COMUNICAÇÃO@XXI (2Tempos)	U.D. 6.1 – “Da representação do rosto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Discussão sobre o tema da banda desenhada.	COMUNICAÇÃO: Código da comunicação visual	Fazer compreender aos alunos os diferentes meios de comunicação e a importância do diálogo e do debate.	Computador, retroprojektor Quadro interativo Fichas Informativa PPT sobre a UD6 Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa UNIDADE DIDÁTICA 6 – #COMUNICAÇÃO@XXI (3º Período – 6 Tempos*)					
UD6	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
#COMUNICAÇÃO@XXI	U.D. 6.1 – “Da representação do rosto” (2 tempos) Apresentação da atividade proposta e dos critérios de avaliação. Discussão sobre o tema da banda desenhada. U.D. 6.2 – “Da banda desenhada” (3 tempos) PPT sobre as técnicas de banda desenhada. Recorte das fotografias, colagem, desenho rigoroso e montagem da BD. U.D. 6.3 – “Até depois” (1 tempo) Balanco das atividades realizadas e autoavaliação.	COMUNICAÇÃO: Código da comunicação visual Papel da imagem na comunicação COMPOSIÇÃO: Conta histórias - BD ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Percepção visual da forma LUZ/COR: A luz/cor no ambiente	Descrever acontecimentos aplicando a metodologia da BD. Reconhecer a importância da imagem no comportamento das pessoas. Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento	Papel cavalete A2 Cartolina preta Fotografias da turma Lápis HB Borracha Régua e esquadro Caneta de feltro preta Cola Computador, retroprojektor Quadro interativo e quadro e giz Fichas Informativa e Formativa PPT sobre a representação da figura humana, representação negativo-positivo e da BD. Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais. AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançou os objetivos propostos pela docente. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.

* Cada tempo corresponde a 45min. Na disciplina de Educação Visual as aulas são distribuídas, semanalmente, em 90min.

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA - LOULÉ 2018/2019 Educação Visual - 7ºAno Prof. Susana Margarida Pedrosa CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 6 – #COMUNICAÇÃO@XXI		
DOMÍNIO	PESO	INDICADORES
“SABER ESTAR” SENSIBILIZAÇÃO	40%	ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE5% RESPEITO NA RELAÇÃO INTERPESSOAL5% MATERIAL ADEQUADO À DISCIPLINA10% INTERESSE NAS AULAS5% COOPERAÇÃO5% CUMPRIMENTO DAS REGRAS ESTABELECIDAS10%
“DOMÍNIO DOS VALORES” INTERIORIZAÇÃO DOS CONCEITOS	30%	DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:15% - CONHECER A TÉCNICA DA BANDA DESENHADA - CONTA HISTÓRIAS ATRAVÉS DA BANDA DESENHADA - CONHECER COMO APLICAR OS VALORES CROMÁTICOS NAS SUAS EXPERIMENTAÇÕES PLÁSTICAS DOMÍNIO DAS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO10% PROGRESSÃO NA APRENDIZAGEM5%
“SABER FAZER” COMPETÊNCIAS	30%	CONCRETIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE TRABALHO:10% - MONTAGEM DA BANDA DESENHADA (RECORTE E COLAGEM DAS IMAGENS) EXECUÇÃO COM RIGOR E DOMÍNIO TÉCNICO10% - DESENHAR DE FORMA RIGOROSA AS FORMAS GEOMÉTRICAS SENSIBILIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ARTÍSTICA/SENTIDO CRÍTICO5% APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS5%

ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL – 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 47 e 48 (05.06.2019) e 49 (13.06.2019)					
U.D.6	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AValiação
#COMUNICAÇÃO@XXI (3 Tempos)	U.D. 6.2 – “Da banda desenhada” (3 tempos) PPT sobre as técnicas de banda desenhada. Recorte das fotografias, colagem, desenho rigoroso e montagem da BD.	COMUNICAÇÃO: Código da comunicação visual Papel da imagem na comunicação COMPOSIÇÃO: Conta histórias - BD ESTRUTURA: Estrutura-forma-função: Representar a geometria das formas FORMA: Perceção visual da forma LUZ/COR: A luz/cor no ambiente	Descrever acontecimentos aplicando a metodologia da BD. Reconhecer a importância da imagem no comportamento das pessoas. Conceber formas obedecendo aos princípios da representação normalizada Conhecer e saber manusear o material geométrico com rigor Compreender os efeitos da cor na perceção do mundo envolvente Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento	Papel cavalete A2 Cartolina preta Fotografias da turma Lápis HB Borracha Régua e esquadro Caneta de feltro preta Cola e tesoura Computador, retroprojetor Quadro interativo e quadro e giz Fichas Informativa e Formativa PPT sobre a técnica da BD Manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina de Educação Visual: Lobo, R. C., Rodrigues, F. C. e Sousa, I. S., VISUAL – EDUCAÇÃO VISUAL 3º CICLO, 2012, Lisboa, Texto Editora.	FORMATIVA: Assiduidade e pontualidade. Respeito interpessoal. Cooperação e cumprimento das regras estabelecidas. Acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos durante todo o processo: compreensão, interesse e empenho e aplicação dos conteúdos, criatividade, manipulação correta dos materiais e domínio das técnicas, autonomia e sentido crítico, participação ativa nas atividades propostas, apresentação e organização dos materiais, descrição do que tem vindo a observar, apresentação com a terminologia das Artes Visuais.

BANDA DESENHADA



EDUCAÇÃO VISUAL – PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO
ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA
LOULÉ, 2018/2019

COMUNICAÇÃO VISUAL

Muitos séculos antes da **Banda desenhada** ou história aos quadrinhos já se contavam histórias noutros suportes, como por exemplo: nas cavernas da era pré-histórica, através da escrita hieroglífica, das tapeçarias de armar, da pintura, entre outros, como se pode ver nas imagens seguintes.



COMUNICAÇÃO VISUAL



COMUNICAÇÃO VISUAL



COMUNICAÇÃO VISUAL

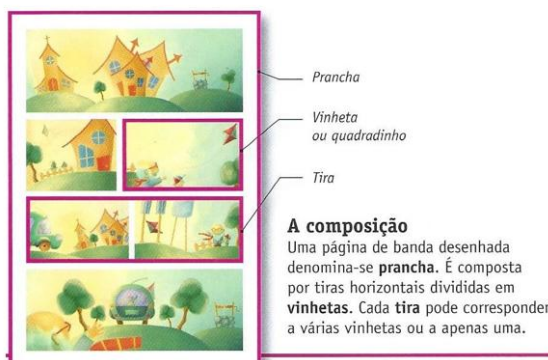
A Banda desenhada encontra os seus precedentes nas sátiras políticas, compostas por caricaturas acompanhadas de pequenas legendas, como por exemplo a imagem ao lado.



A partir de meados do século XIX começa a divulgar-se por todo o mundo – Brasil, Estados Unidos, Alemanha e Bélgica, entre outros países, a representação de histórias com as características mais próximas às que conhecemos hoje. Astérix e Obélix e As Aventuras de Tim são das mais famosas.

COMUNICAÇÃO VISUAL

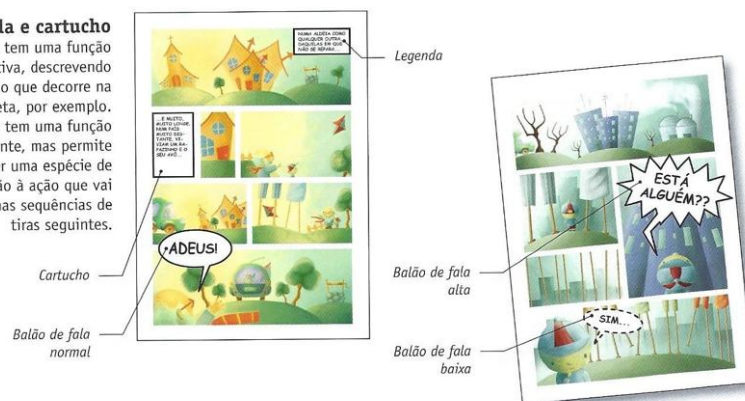
Banda desenhada é um tipo de comunicação visual que combina imagens e textos num arranjo cinematográfico, ou seja, uma série de quadradinhos (as vinhetas, correspondentes aos planos do cinema) dispostos em série e que se agrupam em tiras horizontais. Uma ou várias tiras correspondem a sequência de planos.



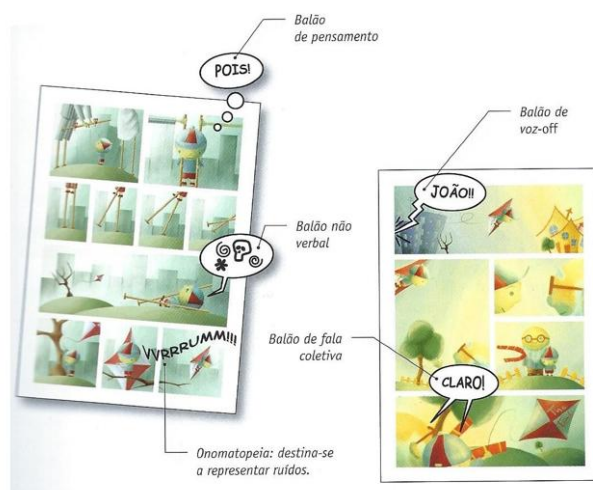
COMUNICAÇÃO VISUAL

Legenda e cartucho

A legenda tem uma função narrativa, descrevendo a ação que decorre na vinheta, por exemplo. O cartucho tem uma função semelhante, mas permite fazer uma espécie de introdução à ação que vai decorrer nas sequências de tiras seguintes.



COMUNICAÇÃO VISUAL



Balões

As falas das personagens são escritas dentro de balões com diversas formas, conforme aquilo que se quer representar. Os balões apontam, com um pequeno apêndice, para o sítio de onde provém o «som». Dentro de cada vinheta, a ordem de leitura dos balões é de cima para baixo e da esquerda para a direita.

COMUNICAÇÃO VISUAL

EXERCÍCIO

Baseado nas regras que atrás se apresentaram, elaborem uma banda desenhada seguindo o conceito japonês Notan, sabendo que os artistas desenvolvem técnicas baseadas entre o claro-escuro, como na linguagem visual dizemos figura-fundo. Trata-se da representação de formas/silhuetas em contraste do negativo-positivo. Um não pode estar sem o outro – existem em harmonia. Com as fotografias tentem criar este contraste de maneira a construírem uma breve história, transmitindo as vossas ideias surgidas a partir do debate, sobre o tipo de comunicação que utilizam.



ESCOLA PADRE JOÃO COELHO CABANITA – LOULÉ 2018/2019 EDUCAÇÃO VISUAL - 7º ANO PROF. SUSANA MARGARIDA PEDROSO PLANO DE AULA – 50 (13.06.2019)					
U.D.6	ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	RECURSOS E MATERIAIS	AVALIAÇÃO
#COMUNICAÇÃO@XXI (1 Tempos)	U.D. 6.3 – “Até depois” (1 tempo) Balanço das atividades realizadas e autoavaliação.		Os alunos irão refletir sobre a evolução do seu trabalho e se alcançaram os objetivos propostos pelas docentes.	Trabalhos realizados pelos alunos. Ficha de registo da autoavaliação. Ficha de registo de avaliação dos trabalhos.	AUTOAVALIAÇÃO: Cada aluno irá avaliar os seus trabalhos e propor um nível para o 2º período. SUMATIVA: Atribuição de uma classificação tendo em conta o trabalho do aluno ao longo da realização do exercício.